

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ANGELA MÁRCIA DA SILVA

**HISTÓRIAS DE LABORATÓRIOS, LABORATORISTAS E ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Uberlândia
2013

ANGELA MÁRCIA DA SILVA

**HISTÓRIAS DE LABORATÓRIOS, LABORATORISTAS E ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dilma Maria de Mello.

Uberlândia
2013

Angela Márcia da Silva

HISTÓRIAS DE LABORATÓRIOS, LABORATORISTAS E ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Uberlândia, 22 de fevereiro, 2013

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Dilma Maria de Mello – Orientadora - ILEEL/UFU.

Prof. Dr. Danie Marcelo de Jesus - UFMT

Prof^ª. Dr^ª. Valeska Virgínia Soares Souza – ILEEL/UFU

Agradecimentos

A Deus que tanto me auxilia nos momentos de alegrias, angústias, desesperos e, principalmente, nos momentos em que acreditei não ser capaz de realizar este trabalho.

Ao meu pai, fonte de inspiração primeira que sempre me dizia que querer era questão de encontrar meios para concretizar todos os nossos sonhos. Obrigada por tudo que fez e ainda faz por mim.

À minha orientadora que tanto me incomodou com seus questionamentos, suas análises, levando-me a refletir sobre minhas ações e comportamentos no decorrer do trabalho. Levarei essa aprendizagem por toda minha vida. Acredito que sem suas provocações eu não teria conseguido.

Ao Grupo de Pesquisa Narrativa e Formação de Professores - GPENEP por me ouvir quando decidia falar e interagir com o grupo.

Aos professores do Instituto Letras e Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos pelo conhecimento que me proporcionaram.

Aos professores Danie Marcelo e Marcelo Buzato que discutiram sobre meu trabalho no IX e X SEPELLA.

Às professoras doutoras que participaram de minha qualificação: Maria Inês e Valeska Virgínia. Suas contribuições foram, sem dúvida, bastante valiosas na construção dessa dissertação.

Aos meus amigos que souberam entender minhas ausências nos encontros da turma.

Aos meus familiares que, mesmo não entendendo bem esse processo, apoiaram-me, aceitando minhas ausências nos encontros de domingo, finais de semana em família.

Aos meus alunos, por terem compartilhado comigo essa vitória.

Aos participantes desta pesquisa, que confiaram em mim e permitiram que eu fizesse parte de suas histórias.

E, por fim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente tornaram possível a pintura dessa tela.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi descrever e analisar as ações desenvolvidas pelo “laboratorista” no laboratório de informática de uma escola municipal em uma cidade do Triângulo Mineiro. Os objetivos específicos foram: (a) narrar e analisar a prática desenvolvida por uma “laboratorista” em uma escola pública; (b) descrever e analisar o processo da “laboratorista” de elaboração das atividades realizadas no laboratório da escola; (c) narrar e analisar minha participação enquanto auxiliar voluntária do trabalho no laboratório. O cenário desta pesquisa foi o laboratório de informática educativa da escola mencionada anteriormente e os participantes foram a pesquisadora e a professora de informática educativa da escola envolvida. Para a coleta dos textos de campo foram utilizados os seguintes instrumentos: diários; conversas informais; arquivos de atividade do laboratório; notas de campo e narrativas pessoais das participantes. Este trabalho fundamentou-se em estudos sobre laboratórios didáticos na escola pública e concepções de ensino (PCNs, 1998; ZAPPAROLI, 2005; BENINI, 2006; CRUZ, 2009), considerações sobre o laboratório de ciências (PCNs, 1999; POSSOCOM *et. al.*, 2003; CRUZ, 2009), estudos sobre a inserção de computadores na escola (OLIVEIRA, 2006; PROINFO, 1997) e considerações sobre o papel do professor de informática educativa (PETITTO, 2003; FERREIRA, 2005; GOULART, 2008; SILVA, 2012). A perspectiva metodológica adotada foi a Pesquisa Narrativa, segundo Clandinin e Connelly (2000, 2004). A composição dos textos de campo foi realizada a partir da Composição de Sentidos (ELY; VINZ; DOWNING; ANZUL, 2001). Acredito que os resultados desta pesquisa poderão oferecer bases para problematizar as discussões acerca do trabalho desenvolvido no laboratório de informática, principalmente em relação às concepções de ensino presentes nas atividades de língua portuguesa e no que diz respeito ao papel desempenhado pelo professor de informática educativa nesse contexto.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa. Professor de Informática Educativa. Laboratório de Informática. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This study aimed to describe and analyze the actions developed by a "laboratory technician" in a computer laboratory of a municipal school located in a city of Triangulo Mineiro. The specific objectives of this research were: (a) narrate and analyze the practice adopted by the "laboratory technician" from a public school; (b) describe and analyze the process lived by the "laboratory technician" in order to prepare activities that were developed in the computer laboratory of the school; (c) narrate and analyze my participation as a volunteer in helping with the activities design in the computer laboratory. The setting of this research was the computer laboratory of the school mentioned above and the participants were the researcher and the teacher of educational computing of the school. In order to collect field texts, the following instruments were used: diaries, informal talks, files of laboratory activities, field notes and narratives of the participants. This work was based on studies on didactic laboratories in public schools and teaching conceptions (PCNs, 1998; ZAPPAROLI, 2005; BENINI, 2006; CRUZ, 2009), considerations on science laboratories (PCNs, 1999; POSSOCOM et. al., 2003; CRUZ, 2009), studies on the integration of computers in schools (OLIVEIRA, 2006; PROINFO, 1997) and on considerations on the role of the educational computing teacher (PETITTO, 2003; FERREIRA, 2005; GOULART, 2008 ; SILVA, 2012). The methodological approach adopted was the Narrative Inquiry according to Clandinin and Connelly (2000, 2004). The composing of the field texts was made through the Meaning Composing (ELY; VINZ, DOWNING; ANZUL, 2001). I believe the results of this research may provide grounds for questioning the discussions about the work in the computer laboratory, regarding especially teaching conceptions present in Portuguese activities and the role of the educational computing teacher in this context.

Keywords: Narrative Inquiry. Educational Computing Teacher. Computer Laboratory. Portuguese language teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I ORGANIZANDO OS MATERIAIS: FUNDAMENTOS	
TEÓRICOS.....	28
1.1 Experiências com Laboratórios na Escola.....	29
1.2 Laboratórios de Ciências.....	35
1.3 Laboratórios de Línguas e sua História no Ensino.....	37
1.4 Laboratórios de Informática.....	41
1.5 Entendendo a Inserção dos Computadores na Escola.....	42
1.6 O Papel do Professor de Informática Educativa.....	49
CAPITULO II METODOLOGIA DE PESQUISA - TÉCNICA DE PINTURA.....	59
2.1 Contexto de Pesquisa na Escola.....	60
2.2 Os Artistas Plásticos - Participantes de Pesquisa.....	61
2.3 Os Pincéis- Instrumentos de Composição de Textos de Campo	
Procedimentos Metodológicos.....	62
2.4 Análise do Material Documentário.....	63
CAPITULO III ESBOÇANDO A PINTURA – CONTANDO ALGUMAS	
HISTÓRIAS.....	64
3.1 Entrando na escola: quem é você?.....	65
3.1.1 Pedindo permissão à Professora de Informática Educativa.....	70
3.1.2 Conhecendo um pouco mais minha participante.....	72
3.1.3 Laboratório: que espaço é esse?.....	73
3.1.4 Momento em que é contemplada a participação de todos no	
laboratório.....	75
3.1.5 Palheta de tintas: casos de sucesso.....	76
3.1.6 Conhecendo o <i>site</i> da Escola.....	78
3.1.7 Duas experiências profissionais em outros cenários.....	79
3.1.8 O cenário não é novo para mim: uma experiência no laboratório de	
informática de uma ONG.....	79
3.1.9 Minha experiência no laboratório de informática de uma escola	
especial.....	81
3.1.10 Palheta de cores – qual cor devo utilizar?.....	83

3.1.11	Laranja – mau ou mal.....	84
3.1.12	Azul claro – o gênero anúncio.....	86
3.1.13	Vermelho – Jogo das palavras.....	91
3.1.14	Verde – produção textual.....	93
3.1.15	Aprendendo a misturar as cores – participando de um planejamento	95
CAPÍTULO III	ANALISANDO A EXPERIÊNCIA DE PINTA ESTA TELA – COMPONDO ALGUNS SENTIDOS.....	105
3.2.1	Concepções de laboratório presentes nas atividades de língua realizadas no laboratório de informática na experiência vivida.....	106
3.2.2	O papel desenvolvido pela Professora de Informática Educativa na experiência vivenciada.....	114
3.2.2.1	A função técnica do PIE na elaboração e seleção dos materiais didáticos e no acompanhamento das atividades no LIE.....	114
3.2.3	Parcerias necessárias para elaboração e execução dos projetos no laboratório, contribuindo para um trabalho colaborativo.....	119
3.2.4	Analizando nossa mistura de cores - a atividade desenvolvida com a PIE.....	121
3.2.5	Prazo para a entrega das cores: o tempo no laboratório.....	121
3.2.6	Ainda não sei que mistura pode dar - o professor como figura central no processo de ensino-aprendizagem.....	123
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
	REFERÊNCIAS.....	131
	ANEXOS.....	136

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Wordle – Introdução

Figura 2 – Foto – Introdução

Figura 3 – Laboratórios de Línguas A

Figura 4 – Laboratórios de Línguas B

Figura 5 – Mapa sobre concepções de trabalho no laboratório A

Figura 6 – Mapa sobre concepções de trabalho no Laboratório B

Figura 7 – Mapa sobre concepções de trabalho no Laboratório C

Figura 8 – Mapa sobre concepções de trabalho no laboratório D

Figura 9 – Mapa sobre concepções de trabalho no Laboratório E

Figura 10 – Mapa diferentes concepções dos profissionais que atuam no LIE

Figura 11 – Fotos do Laboratório de Informática Educativa da Escola A

Figura 12 – Fotos do Laboratório de Informática Educativa da Escola B

Figura 13 – Livro de Atividades da Escola A

Figura 14 – Livro de Atividades da Escola B

Figura 15 – Livro de Atividades da Escola C

Figura 16 – Livro de Atividades da Escola D

Figura 17 – Atividades de Língua Portuguesa

Figura 18 – *Site* da escola

Figura 19 – Palheta de cores

Figura 20 – *Software* Educativo A

Figura 21 – *Software* Educativo B

Figura 22 – *Software* Educativo C

Figura 23 – *Software* Educativo D

Figura 24 – *Software* Educativo E

Figura 25 – Projeto Anúncio - Língua Portuguesa A

Figura 26 – Projeto Anúncio - Língua Portuguesa B

Figura 27 – Projeto Anúncio - Língua Portuguesa C
Figura 28 – Projeto anúncio - língua portuguesa D
Figura 29 – Projeto Anúncio - Língua Portuguesa E
Figura 30 – Projeto Anúncio - Língua Portuguesa F
Figura 31 – Projeto Anúncio - Língua Portuguesa G
Figura 32 – Projeto Anúncio - Língua Portuguesa H
Figura 33 – Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa A
Figura 34 – Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa B
Figura 35 – Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa C
Figura 36 – Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa D
Figura 37 – Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa E
Figura 38 – Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa F
Figura 39 – Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa G
Figura 40 – Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa H
Figura 41 – Projeto Produção de Texto A
Figura 42 – Projeto Produção de Texto B
Figura 43 – Projeto Produção de Texto C
Figura 44 – Barra de título do programa *Visual Class*
Figura 45 – Tela 01 do projeto CORDEL EMARCANTE A
Figura 46 – Tela 02 do projeto CORDEL EMARCANTE B
Figura 47 – Tela 03 do projeto CORDEL EMARCANTE C
Figura 48 – Tela 04 do projeto CORDEL EMARCANTE D
Figura 49 – Tela 05 do projeto CORDEL EMARCANTE E
Figura 50 – Tela 06 do projeto CORDEL EMARCANTE F
Figura 51 – Tela 07 do projeto CORDEL EMARCANTE G
Figura 52 – Tela 08 do projeto CORDEL EMARCANTE H
Figura 53 – Telas 09 do projeto CORDEL EMARCANTE I

Figura 54 – Telas 10 do projeto CORDEL EMARCANTE J

Figura 55 – Tela 11 do projeto CORDEL EMARCANTE Q

Figura 56 – Tela 12 do projeto CORDEL EMARCANTE L

Figura 57 – Tela 13 do projeto CORDEL EMARCANTE M

Figura 58 – Tela 14 do projeto CORDEL EMARCANTE N

Figura 59 – Ilustração iniciando a pintura

Figura 60 – Ilustração pintura quadro final

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

ONG - Organização Não Governamental

AEE- Atendimento Educacional Especializado

GPNEP – Grupo de Pesquisa Narrativa e Formação de Professores

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

OCN – Orientações Curriculares para o ensino médio

TIC - Tecnologia de Informação e Comunicação

CAI – Instrução Assistida por Computador

CALL - Aprendizagem de Línguas Assistida por Computador

SEI - Secretaria Especial de Informática

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

PIE - Política de Informática Educativa

PROINFO - Programa Nacional de Tecnologia

MEC - Ministério da Educação

NTE - Núcleos de Tecnologia Educacional

LIE – Laboratório de Informática Educativa

POIE - Professor Orientador de Informática Educativa

PIE - Professor de Informática Educativa

PRODAUB – Processamento de Dados de Uberlândia

CEMEPE – Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz

EJA - Educação de Jovens e Adultos

INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi escrita de acordo com os pressupostos teóricos da Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2000, 2011¹). Segundo essa abordagem, a experiência vivenciada é o objeto de estudo. Sendo assim, parto de uma narrativa pessoal, na intenção de possibilitar ao leitor conhecer qual foi a inspiração que me levou ao processo de criação desse trabalho. Para que possa compreendê-lo melhor, esclareço que conto toda experiência por meio da metáfora da tela em branco. Ao iniciar este processo, sabia que queria pintar algo, mesmo sem saber o que pintar. Assim, fui vivenciar a experiência com a Professora de Informática Educativa da escola, e ao longo do processo, meu trabalho, o qual denomino aqui de Tela em Branco, foi adquirindo cores e formas.

Em janeiro de 2007, tive a oportunidade de participar de um processo seletivo para um curso de especialização oferecido aos professores efetivos que atuavam nas primeiras séries do Ensino Básico (pré a quarta série)². O curso contou com uma parceria entre a prefeitura municipal e uma faculdade privada da cidade. A finalidade do curso era formar esses profissionais para trabalharem nos laboratórios de informática das escolas municipais. No instante em que tomei conhecimentos do processo, fiz minha inscrição, pois sempre me interessei por tecnologias e, naquele momento, teria a oportunidade de aprender um pouco mais sobre o assunto. Além disso, seria importante para minha prática em sala de aula.

Não houve um intervalo grande entre o tempo de inscrição e a prova de seleção. Estava bastante confiante de que seria aprovada. Nem sei dizer ao certo de onde vinha esse sentimento, eu só o sentia. A prova aconteceu em um domingo, no período da tarde. Naquele dia, pensei em não comparecer porque estava com toda minha família reunida em casa, quando mantive um diálogo com meu tio, momentos que antecederam a prova. Nesta conversa, tento recobrar minha indecisão em participar ou não do processo naquele domingo. Porém, a ideia de aprender sobre tecnologias e educação, foi decisiva, conforme pode ser confirmado no fragmento abaixo:

- Você disse que tem prova hoje, você não vai? – perguntou meu tio. Ele tinha que me lembrar?

¹ O ano 2011 refere-se ao ano de publicação da tradução da obra citada para o português.

² Esta era a nomenclatura designada na época. No momento da elaboração desta dissertação correspondem ao 2º ano da Educação Infantil e 4º ano do Ensino Fundamental I, respectivamente.

- *Claro tenho, me arrumo em um instante!* Respondi.

- *Tinha mesmo que ir? Mas estava tão bom em casa, minha família toda reunida. E eu teria que sair e ir fazer a prova. Será que eu teria outra oportunidade? Pensei!*

(Reflexões da autora, janeiro, 2007).

Minha decisão foi por fazer a prova, uma vez que já havia feito a inscrição, além de outros critérios que pesaram no momento da escolha. O primeiro foi que, caso fosse aprovada, participaria de um curso de especialização em uma área de meu interesse sem custos. Outra razão era o fato de que eu poderia receber uma progressão na carreira do magistério e, conseqüentemente, aumento salarial.

Ao entrar no local em que eu realizei a prova, havia muitas pessoas. Tive a sensação de que todos os professores da rede municipal de ensino estavam participando da seleção. Entretanto, na sala, ao findar o tempo de entrada dos inscritos, observei que alguns lugares permaneceram vazios. Naquele momento, imaginei que as ausências poderiam ser em decorrência do dia da semana, domingo em família.

- *Será que também pensaram como eu inicialmente? Ou não se interessaram mesmo pela oportunidade ofertada? Pensei. (Janeiro, 2007)*

Quando me entregaram a prova, olhei-a superficialmente, porém pude observar que tratava-se de um teste de múltipla escolha. Em decorrência disso, eu teria que manter minha atenção redobrada, porque estes exames, em sua maioria, são cheios de artifícios, podendo induzir o aluno a escolher a resposta incorreta. A prova trazia questões referentes a conhecimentos básicos de informática e de acesso à *internet*. Fiz a prova, não tão rápido como havia planejado, pois como o processo estava bastante concorrido, eu não poderia cometer nenhum erro em decorrência de uma leitura desatenta. Qualquer “erro” que cometesse, poderia causar a exclusão do curso.

No edital publicado pela prefeitura, não havia bibliografia, assim, não soube ao certo o que deveria estudar. Então, realizei o exame com base na prática de oito anos que eu possuía por ter trabalhado como instrutora de informática para crianças, adolescentes e adultos em uma organização não governamental (ONG). Tratava-se de um centro de formação localizado em uma cidade no Triângulo Mineiro, onde os alunos frequentavam a escola regular comum em um período e, no contraturno, participavam de atividades oferecidas no centro de formação. As atividades também eram abertas à comunidade carente que procurava cursos de

aperfeiçoamento visando uma vaga no mercado de trabalho. A experiência que possuía com meu computador pessoal, por fazer meus trabalhos acadêmicos, em casa, no decorrer do curso de graduação, também contribuiu para a minha aprovação na prova de seleção.

Em meados de março iniciaram-se as aulas do curso. Eu estava feliz por ter sido aprovada e consciente de que teria que estudar bastante. Os conhecimentos de informática que eu tinha na época eram voltados para o manuseio de alguns programas de computador, os quais acreditava não haver nenhuma finalidade pedagógica. No entanto, esses conhecimentos contribuíram para que eu fosse aprovada no processo seletivo. Eu esperava uma formação sob uma nova perspectiva, mas não tinha clareza de como seria. Minha intuição dizia que eu aprenderia a pensar nas tecnologias digitais para fins pedagógicos de maneira a ter mais uma aliada ao meu trabalho em sala de aula.

No primeiro dia de aula houve uma apresentação entre colegas. Estava adorando a ideia de voltar a estudar, frequentar o ambiente acadêmico que para mim sempre foi de suma importância. Entre os acontecimentos marcantes daquela noite, recordo-me de um em especial: foi sugerido a cada participante que fizesse uma carta referente às nossas expectativas quanto ao curso. A intenção era de que a carta nos fosse entregue, ao final do curso, pelo correio. Até imaginei o carteiro deixando uma carta que eu mesma havia escrito para mim, contendo minhas expectativas em relação ao curso de especialização. Hoje, recordando essas histórias que pareciam perdidas em minha memória, lembro-me de que jamais voltei a ter acesso àquela carta. Minhas reflexões sobre o que pode ter ocorrido levaram-me a construir o poema a seguir:

*O carteiro me esqueceu,
ou será que ele se confundiu de endereço?
Claro, isso pode acontecer,
quantas vezes nossas correspondências são entregues
em outros endereços!
Quantas saudades eu senti,
vontade de reler aquele meu escrito.
No momento só me resta à dúvida,
será que o curso correspondeu às minhas expectativas,
ou não fui boa o bastante para as expectativas do curso?*

(Reflexões a partir de minhas recordações no Curso de Especialização, janeiro, 2011).

Acredito que se tivéssemos utilizado o carteiro virtual³, eu teria recebido minha correspondência na data agendada, mas infelizmente, naquele momento, eu ainda não conhecia essa possibilidade que a *internet* nos oferece. Há pouco tempo foi que tomei conhecimento desse recurso, ao pesquisar algumas dinâmicas para realizar com uma turma de alunos professores, em um curso de Atendimento Educacional Especializado - AEE, do qual fui tutora a distância.

Na mesma noite, após escrever nossa carta pessoal, tomamos conhecimento das disciplinas a serem estudadas ao longo da especialização, outro momento especial e, devido à sua relevância, explicito-as com o intuito de recordar o motivo de tê-las estudado. No poema a seguir, utilizo os nomes das disciplinas do curso, destacando-as. Faço ainda alguns questionamentos que me ocorreram no instante em que compunha:

“Informática e Educação”

Educação digital para quê?

Informática Aplicada a Educação, novas possibilidades.

Filosofia da Cybercultura e Educação, como se portar no ambiente virtual.

Por que aprender sobre Geração Digital e Violência?

Todos são capazes, Competências e Transversalidade,

Gestão de mudanças na Educação, é possível fazer diferente?

Políticas Públicas de Inclusão Digital, o que tem sido feito?

Jogos Baseados em Linguagem Lógica Aplicados a Educação,

Como assim, com jogos também podemos aprender?

Gestão do Laboratório de Informática fundamental.

Processos de Aprendizagem Aplicados à Informática Educativa,

Ensino Baseado em Web,

Estratégias Pedagógicas Aplicadas aos Meios Digitais,

Webdesign para a Educação, criatividade.

Sexualidade e internet, temos que abordar.

Criação de Conteúdo Digital em CD-ROM,

Educação a Distância e Escola do Futuro,

³ Recurso oferecido pelo site <<http://www.futureme.org/>>.

Como será?
Design Instrucional, planejamento.
Metodologias de Pesquisa em Educação Digital,
Inteligências Múltiplas,
Seminários.

(Texto composto a partir de minhas recordações no Curso de Especialização, janeiro, 2011).

Para mim, tomar conhecimentos dos conteúdos a serem estudados no decorrer do curso foi como receber um bilhete que há muito tempo esperava. Com isso, observando o bilhete que me foi entregue, encontrei informações que considerava serem importantes, e percebi que isso se dava pelo fato da palavra educação estar em evidência.

Nesse momento, cheguei a pensar que o meu bilhete era diferente dos demais que foram distribuídos naquela sala. Será que todos receberam o mesmo bilhete? Quis perguntar. Mas e se quisessem trocar comigo? Eu me sentia feliz com o bilhete que havia recebido e, sendo assim, fiquei receosa com os possíveis julgamentos que poderiam ter os colegas, em relação a mim.

(Reflexões da autora no momento em que tomei “ciência” das disciplinas que seriam oferecidas na especialização, janeiro, 2011).

Na figura 1, apresento o bilhete escrito por mim.

Meu bilhete!



Figura 1 - *Wordle*⁴ criado na tentativa de trazer a ideia do bilhete mencionado acima
Fonte – Disponível em: <www.wordle.net>. Texto de campo da autora, janeiro, 2011.

Ao longo do Curso de Especialização, fui descobrindo que os conhecimentos que eu possuía para manusear programas como *Word*, *Excel*, *Power Point*, *Windows*, para fins operacionais auxiliaram-me no desenvolvimento das aulas no laboratório de informática. Entretanto, preciso salientar que a proposta do curso era de que fôssemos além, que aprendêssemos as diferentes possibilidades que essas ferramentas poderiam oferecer para o processo de ensino-aprendizagem, pois utilizar o computador com a finalidade de manuseio de programas já era uma prática comum entre os alunos. Nesse sentido, eu teria que aprender a relacionar o meu conteúdo às diversidades de propostas que o computador, conectado à *internet*, pode oferecer, além de auxiliar o aluno quanto à utilização consciente dos recursos disponíveis. Dessa forma, eu utilizaria os recursos digitais para propiciar aos alunos novas aprendizagens e isso, para mim, não foi algo simples.

Sendo assim, quando os professores entravam na sala para se apresentar, eu tentava visualizar algumas possibilidades que sua aula poderia me oferecer. Enfim, ficamos sabendo

⁴ Wordle - nuvem de palavras gerada por um *software* livre, público, a partir de um texto criado pelo usuário autor. Disponível em: <<http://www.wordle.net>>.

também, naquele primeiro dia de aula, qual seria o dia da semana em que aconteceriam nossos encontros. Estes seriam sempre às quintas-feiras das 19h às 22h30 e, no decorrer da semana, trabalharíamos em uma plataforma de ensino, destinada à educação a distância, o Teleduc⁵. No mesmo dia, tomamos conhecimento de que em alguns de nossos encontros presenciais entraríamos mais cedo, às 18h, mas quando houvesse essa necessidade, seríamos avisados com antecedência, por meio da plataforma de trabalho.

Nossa, quanta novidade! Preciso mesmo me dedicar, é esta a área que pretendo trabalhar futuramente - pensava – tecnologias aliadas à educação, possibilidade de aprender a distância.

(Minhas recordações no curso de especialização, janeiro, 2011).

Após o intervalo, fomos encaminhados para o laboratório em que aconteceriam nossos encontros, às quintas-feiras. Trabalharíamos nos computadores, às vezes em duplas e outras individualmente, dependendo do objetivo do professor com a atividade que seria proposta. O laboratório estava localizado no terceiro andar do prédio da faculdade. Tratava-se de uma sala ampla bastante arejada com vários computadores. Abaixo, apresento uma foto retirada em um dos momentos em que eu estava desenvolvendo atividades no laboratório:



Figura 2 - Foto do laboratório de informática do curso de especialização
Fonte - Texto de campo (arquivo pessoal) da autora, junho, 2007.

⁵ Plataforma virtual de ensino a distância desenvolvida no Brasil pelo Núcleo de Informática Aplicada à Educação (Nied) da Unicamp.

No laboratório, fomos orientados pelo professor para que acessássemos o Teleduc, para que observássemos as ferramentas disponíveis na plataforma, assim como suas funções, a fim de que pudéssemos já desenvolver atividades no decorrer daquela semana. A plataforma Teleduc não apresentou dificuldades para mim. Ao perceber que tudo era autoexplicativo, bastava aproximar o cursor para que aparecesse uma caixa de texto com a explicação sobre a ferramenta. Na tentativa de apresentar minhas impressões sobre o ambiente Teleduc, apresento a seguir o Acróstico que produzi:

Espaço virtual, qual?

*Trabalho em dobro na
Especialização para futuramente trabalhar em
Laboratórios de informática, desta vez, com finalidades pedagógicas
Educacionais, espaço
Dinâmico que me proporcionou
União e
Companheirismo com e, entre mim e meus colegas de curso!*

(Acróstico criado por mim ao recordar o espaço do Teleduc no decorrer do curso, janeiro, 2011).

No decorrer do curso tivemos quatro módulos nos quais foram distribuídas as disciplinas que já mencionei em um dos poemas e, ao final de cada módulo, tivemos que apresentar um trabalho denominado “Projeto Integrador”. Para esse projeto, tínhamos que preparar aulas práticas, utilizando as ferramentas digitais e suas possibilidades na educação e era necessário que incorporássemos um dos temas vistos no decorrer do módulo. Ao todo, apresentamos quatro projetos e, ao final, defendemos uma monografia que fora desenvolvida em dupla, por mim e outra colega, intitulada “As tecnologias digitais auxiliando no ensino da Língua Portuguesa: formação docente”.

Os professores tinham como proposta também o trabalho em grupos que poderiam ser formados por, no máximo, seis pessoas. Hoje, ao me recordar desses momentos, um dos fatos que me chamou a atenção foi que iniciamos e finalizamos nossos trabalhos no curso de especialização com a mesma equipe. Quando algum dos professores solicitava que os trabalhos fossem realizados por menos integrantes, separávamos o grupo, mas sempre

realizávamos as atividades juntas, uma opinando sobre o trabalho das outras. Dessa forma, acreditávamos que os trabalhos ficavam melhores.

Outro fato interessante foi que embora utilizássemos sempre a plataforma Teleduc para diversas atividades tais como fóruns, *chats*, portfólio de aprendizagem e outras, eu só postava minhas participações no ambiente depois que o grupo se reunia, presencialmente, para discutirmos o assunto. Penso que isto ocorria pela minha insegurança em não querer dizer qualquer coisa, ou mesmo de falar somente depois de ouvir o que os outros tinham a dizer sobre meu posicionamento. Resumindo, sentia insegurança e medo de errar. Portanto, encontrávamo-nos quase todos os dias na faculdade, marcávamos plantões com as monitoras ou ficávamos ali no laboratório tentando umas sanar as dúvidas ou dificuldades das outras.

Quando estava terminando o curso de especialização, surgiu a oportunidade de prestar outro processo seletivo, dessa vez, para o curso de Mestrado. Como houve no decorrer do curso de especialização muitos momentos de inquietações e angústias em relação aos conhecimentos que eu estava construindo sobre tecnologias aliadas à educação, quis me aprofundar nas discussões acerca do assunto. Elaborei um projeto no qual tinha por objetivo analisar a eficácia de cursos virtuais de língua inglesa em materiais vendidos em bancas para essa finalidade.

O projeto foi aceito e, embora eu não tivesse sido aprovada na prova escrita, que avaliava conhecimentos teóricos sobre Linguística, pude participar do curso de Mestrado na condição de aluna especial. No decorrer desse período, tive a oportunidade de cursar disciplinas interessantes que me possibilitaram refletir mais sobre tecnologias e também sobre meu processo de formação profissional e pessoal.

Comecei a participar do grupo de pesquisa, GPNEP⁶, cuja professora coordenadora era com quem estava pleiteando uma vaga de orientação no Mestrado. Meu intuito foi de conhecer a professora e a metodologia da Pesquisa Narrativa. Senti-me muito bem em participar do grupo, as experiências relatadas pelos participantes eram bem próximas das que vivenciava em minha prática na escola. Nós nos reuníamos todas as quartas-feiras, dia em que encerrava meu trabalho na escola em que lecionava e me encaminhava para o local de reuniões do grupo. Estava presente em todos os encontros, porém sentia que minha verdadeira participação era como ouvinte. Ouvindo os colegas, conseguia compreender muito daquele

⁶ Grupo de Pesquisa Narrativa e Formação de Professores.

espaço em que estava tentando me inserir e refletia sobre a pesquisa que pretendia realizar, se ela teria ou não relevância, ainda que apenas para mim.

O poema a seguir demonstra o quanto esse processo foi difícil e conflitante para mim, talvez por eu ainda não me sentir autorizada a dizer ou mesmo a falar sobre qualquer que fosse o assunto. Foi nesse momento que comecei a me inserir no mundo da pesquisa, tudo era muito novo para mim, mesmo após o curso de especialização:

Ser especialista! – Como assim?

*Dúvidas, incertezas!
Fazer pesquisa sobre o quê?
O que devo falar?
E por quê não falar?
Quantos questionamentos...
E as respostas, onde estão?*

(Reflexões quando dos encontros do grupo de pesquisa, 2010).

E foi ouvindo sugestões dos colegas do grupo de pesquisa que “arrisquei” a mudar o foco do meu trabalho e resolvi aproveitar minha experiência como aluna participante no Curso de Especialização em Tecnologias na Educação. Meu projeto de pesquisa para esta dissertação surgiu a partir de uma experiência vivenciada por mim e outra colega professora, Patrícia⁷. Em julho de 2010, convidei-a para que participasse comigo na elaboração de um curso sobre tecnologias no ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente, faríamos um planejamento de um curso semipresencial com cinco aulas presenciais. Visionávamos, também, promover encontros a distância, por meio de uma lista de discussão sobre a temática que seria aberta no *Gmail*. Acho necessário esclarecer que sozinha eu já havia pensado no curso e na temática a ser trabalhada.

Ao chegar à casa de Patrícia, contei-lhe que havia sido aprovada no curso de Mestrado e que, em meu projeto, eu propunha uma parceria com outra professora que, assim como eu, também tivesse vivenciado a experiência de estudar no mesmo Curso de Especialização de Tecnologias na Educação. Assim sendo, juntas poderíamos fazer um planejamento objetivando a transposição didática das teorias sobre novas tecnologias aprendidas na especialização para o curso que iríamos preparar juntas. No momento em que expus minha

⁷ O nome Patrícia utilizado no meu projeto de pesquisa é um nome fictício para preservar a identidade da participante.

ideia, a professora demonstrou receio quanto à proposta, esclarecendo que talvez não pudesse colaborar muito por ser formada em outra área.

Minha intenção era estabelecer uma parceria com a professora, pois desejava registrar essa experiência a partir de duas perspectivas. Desse modo, tentei convencê-la a participar do projeto considerando a sua experiência. Minha insistência em não abrir mão de sua participação era porque a sua história chamou-me atenção no decorrer de toda a especialização, além do fato de hoje ela trabalhar no Laboratório de Informática de sua escola. Propus a ela que nossa parceria seria interessante até mesmo por ela não ser da mesma área de formação que a minha, assim, ambas poderíamos desenvolver um trabalho mais produtivo. Assim, a professora aceitou a participar, juntamente comigo dessa proposta de trabalho. Mas, inicialmente, esclareceu que não teria muito tempo para encontros, então sugeri que poderíamos utilizar a tecnologia a nosso favor, poderíamos realizar encontros também virtuais, por meio do MSN *Messenger*, *Skype* e outros.

Eu havia pensado nos possíveis argumentos que Patrícia poderia apresentar e, de antemão, preparei algumas sugestões para tentar solucionar os eventuais problemas que ela pudesse alegar. Eu também disse a ela que trabalharíamos com diários para fazermos reflexões sobre nossos encontros, para que escrevêssemos nossas narrativas, como alunas no curso de pós-graduação bem como nossas narrativas de professoras ao planejar um curso sobre tecnologias na educação e Língua Portuguesa.

No início de 2011, entrei novamente em contato com a professora para que ela não se esquecesse de nosso compromisso. Liguei em um dia que Patrícia não estava muito bem, não conversou muito e logo desligou, mas confirmou sua presença no trabalho. Mandeí alguns *e-mails* com sugestões de leitura sobre sequências didáticas. Depois, enviei um *e-mail* perguntando-lhe o que achava da ideia de trabalharmos *webquests*⁸ em tecnologias. Para nenhum dos *e-mails* obtive resposta.

Meu tempo estava se esgotando, aproximava-se a data de início do curso e nada havíamos feito em parceria, não havíamos preparado as aulas. Eu já havia entrado em contato com a Coordenação de Língua Portuguesa do Centro Municipal de Formação, onde aconteceria o curso de formação e confirmado a realização do trabalho no decorrer do semestre. E, em decorrência disso, a coordenação já havia encaminhado agenda de cursos de formação do primeiro semestre do ano letivo para as escolas.

⁸ *Webquest* é uma atividade de pesquisa orientada, investigativa, em que alguma ou toda a informação com que os alunos interagem provém da *internet* (DODGE, 1995).

Como não me sentia à vontade para entrar em contato com Patrícia novamente, enviei-lhe um *e-mail* com uma sequência didática que eu havia preparado. Perguntava-lhe se ela tinha algumas sugestões de acréscimo ou mudanças na atividade proposta. Desta vez, ela respondeu-me, dizendo que havia ficado ótimo e que não mudaria nada. Fiquei muito frustrada com a resposta, porque eu queria que ela realmente participasse, emitindo suas opiniões, sugestões e críticas acerca daquele planejamento.

Patrícia já convivia com aqueles professores e sabia o que nosso curso poderia acrescentar a eles para que não ficasse na “mesmice”. Eu queria realmente fazer algo para contribuir com as práticas dos professores em sala de aula. Durante a realização do curso, continuei preparando as atividades sozinha e encaminhando-as para Patrícia a fim de que emitisse alguma opinião. Cheguei a ir até sua casa, mas ela disse que os planejamentos estavam muito bons e que eu não me preocupasse, pois ela começaria a escrever suas narrativas. Enfim, preparei e ministrei o curso sem a participação da professora.

Foi então que comecei a refletir sobre esta experiência frustrante de tentativa de uma parceria e expus isto no evento em São Paulo, Intercâmbio de Pesquisa em Linguística Aplicada - INPLA. Um dos professores que assistia à apresentação sugeriu-me comparecer à escola e propor a professora do laboratório o meu interesse em aprender com ela o seu trabalho, porque a transposição teórica que eu queria realizar na prática a professora já o fazia.

Ao final do congresso eu estava tão pensativa, minhas ideias estavam “a mil”, sentei em uma escada para esperar uma amiga que conversava com outra participante do evento, peguei um bloquinho de anotações e comecei a escrever. Eu não sabia o que iria escrever, porém não queria conversar com ninguém, queria ficar no meu silêncio, eu e meus pensamentos que já não eram tão somente meus, se misturavam com tudo que eu havia ouvido das pessoas na sala do evento.

Comecei a escrever, tentando descrever a experiência que eu tinha acabado de experienciar, as palavras vinham em minha cabeça e eu apenas as escrevia. Quando li, me deparei com o poema que apresento a seguir:

Meu desejo e o que veio

*No meio do caminho
Ocorreram mudanças.
E que mudanças!*

*As quais me levarão
A um outro caminhar
Mas estou ciente,
ainda não poder afirmar...
Viva a experiência!*

(Autora, quando de sua participação no INPLA, 2011)

As duas experiências relatadas são para que o leitor possa compreender de onde surgiu meu interesse pelo tema pesquisado nesta dissertação. Esclareço ainda que, embora tenha mencionado minha história com Patrícia, ela não foi minha participante neste trabalho. Minha participante foi a professora Fernanda⁹, que também desenvolve atividades pedagógicas no laboratório de sua escola. O objetivo do curso de especialização foi de que, ao final, estivéssemos preparados para trabalhar nos laboratórios das escolas e Fernanda, minha participante, desempenha o papel de professora responsável pela gestão do trabalho no Laboratório de Informática.

Considerando a importância e frequência que os laboratórios didáticos já possuem em nossas escolas há algum tempo, parece importante desenvolvermos pesquisas que tenham como foco o Laboratório de Informática Educativa e o trabalho que é desenvolvido pela professora de informática. Em geral, o laboratório de informática é o contexto onde as atividades com tecnologias têm acontecido na escola.

Alguns pesquisadores tais como Ferreira (2005), Brito (2008), Dutra (2010), dentre outros, já realizaram pesquisas sobre ou envolvendo o espaço do laboratório. Ferreira (2005) teve como foco, em seu estudo, o uso da informática educativa nas atividades pedagógicas de alunos e professores. Seu trabalho busca refletir sobre as dificuldades dos professores em trabalhar projetos pedagógicos com o computador no laboratório, pois muitos não passaram por essa formação. O pesquisador trabalhou com professores do Ensino Médio da rede pública estadual. Ferreira (2005) ressalta que um dos aspectos que ficou evidente em seu estudo é que as concepções tradicionalistas dos professores refletem em suas próprias práticas em sala de aula.

Brito (2008), por sua vez, desenvolveu em sua dissertação de mestrado uma pesquisa sobre o processo de ensino-aprendizagem no Laboratório de Informática Educativa a partir das práticas pedagógicas que são desenvolvidas pelo profissional do laboratório. O contexto estudado foi o de escolas públicas estaduais de Goiânia. O objetivo da pesquisadora era

⁹ Fernanda é o nome fictício da professora que aceitou minha participação no Laboratório de Informática de sua escola.

entender como as práticas pedagógicas eram desenvolvidas em laboratório. A pesquisadora observou que a fragilidade e os entraves que dificultam o uso do laboratório de informática deixam em evidência lacunas nas políticas educacionais de uso de tecnologias digitais na escola.

Dutra (2010), em seu estudo, analisa o trabalho do professor orientador de informática educativa, assim como os projetos pedagógicos estabelecidos entre a prefeitura em parceria com uma empresa telefônica para o trabalho no Laboratório de Informática Educativa. O autor realiza sua pesquisa em escolas municipais de São Paulo, buscando entender o que tem sido feito na escola, a partir da inserção desse profissional do laboratório. Em suas conclusões, o autor aponta que, embora o ensino no laboratório de informática esteja avançado em relação à utilização das tecnologias na educação, ainda não foi possível verificar mudanças quanto à forma de ensinar no novo ambiente de educar.

Todas essas pesquisas promovem discussões relacionadas ao ensino mediado por novas tecnologias em laboratório de informática bem como sobre a importância do professor saber relacioná-las às suas práticas escolares para que possa obter êxitos no trabalho com o aluno.

No entanto, embora considere a relevância desses estudos, sinto falta de pesquisas que deem uma atenção especial ao papel que é desempenhado pelo professor que trabalha em laboratório de informática das escolas, levando em consideração o espaço em que essas atividades são realizadas. Nessa dissertação, em um primeiro momento, tratei os profissionais do laboratório por laboratoristas por ainda desconhecer se havia uma terminologia específica.

Discuto, nesta dissertação, questões que acredito ser de grande relevância para que possamos refletir sobre como tem sido realizado o trabalho com tecnologia no laboratório de informática da escola e se a maneira como tem sido encaminhado esse trabalho possibilita oportunizar a construção de novos conhecimentos.

Assim sendo, o objetivo geral dessa dissertação é descrever e analisar as ações desenvolvidas pela “laboratorista” no laboratório de informática de uma escola municipal em uma cidade do Triângulo Mineiro. Os objetivos específicos foram:

- narrar e analisar as práticas desenvolvidas por uma “laboratorista” em uma escola pública,
- descrever e analisar o processo da “laboratorista” para elaborar as atividades realizadas no laboratório para as aulas de línguas oferecidas pela escola e

- narrar e analisar minha participação, no laboratório, como auxiliar voluntária da Professora de Informática Educativa.

As perguntas que norteiam esta pesquisa são:

- Quais são as práticas desenvolvidas por uma “laboratorista” na escola pública municipal?
- Como se dá o processo de elaboração das atividades de ensino-aprendizagem de línguas, realizadas no laboratório da escola pela “laboratorista”?
- Qual o meu papel no laboratório, e como ele foi vivenciado durante minha experiência com a “laboratorista”?

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. Primeiramente, apresento a fundamentação teórica do trabalho a qual trato por “Organizando os materiais”, lançando um olhar sobre minha experiência com laboratórios e, posteriormente, sobre os laboratórios nas escolas públicas brasileiras. Ainda nessa seção, exponho as orientações apresentadas em alguns documentos oficiais da educação sobre os laboratórios didáticos nas escolas. Ao final desse capítulo apresento as concepções de laboratório encontradas no decorrer do estudo e a concepção adotada por mim neste trabalho. Ao final do Capítulo I, ainda estruturando a fundamentação, discuto sobre o papel do Professor de Informática Educativa. Em seguida, no Capítulo II, apresento a metodologia utilizada para desenvolver esta pesquisa, denominando-a de “Técnica de pintura”. O Capítulo III divide-se em dois momentos. No primeiro, intitulado “Esboçando a pintura – contando algumas histórias”, descrevo como aconteceu a experiência com a Professora de Informática Educativa. Na segunda parte, intitulada “Analisando a experiência de pintar esta tela – compondo alguns sentidos”, apresento minhas análises compondo sentidos da experiência vivenciada no laboratório com a professora e, finalmente, exponho as Considerações Finais do trabalho.

Capítulo I

ORGANIZANDO OS MATERIAIS – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo relato brevemente a história da existência e do uso de vários laboratórios didáticos em escolas públicas. Toda essa apresentação acerca dos laboratórios é para tratar a questão, em específico, do Laboratório de Informática Educativa na escola na tentativa de compreender em que consiste esse espaço e em que ele pode contribuir para a aprendizagem de Língua Portuguesa. Neste momento, também busco destacar o papel desempenhado pelo Professor de Informática Educacional na escola, visando sua contribuição para esse processo.

Inicialmente, apresento narrativas de minhas experiências no decorrer de minha vida escolar com laboratórios didáticos. Em seguida, sob a visão de vários teóricos, apresento em que consiste um laboratório didático e quais os benefícios desses no processo educativo. Posteriormente, exponho estudos realizados sobre o surgimento dessa ferramenta na escola, buscando leis que regulamentam os diferentes modelos de laboratórios e o que ressaltam os documentos que regem a educação acerca do papel dos laboratórios no processo educacional.

Com isso, promovo uma discussão partindo dos documentos educacionais pesquisados quanto à obrigatoriedade ou não dos laboratórios no espaço escolar, bem como as concepções de laboratórios defendidas pelos diversos autores estudados. Finalmente, discuto quem é este profissional que atua no Laboratório de Informática Educativa e qual é seu papel no contexto da escola.

Dewey (2010) apresenta seu desejo de que a escola seja um grande laboratório, em que alunos e professores aprendem juntos, por meio da experiência e da exploração intelectual do mundo que os cerca. Observando a proposta do autor, percebemos quão ousada ela é, pois o autor não se remete a um espaço físico específico, onde há possibilidades de realizar diferentes experimentos, descobertas, pesquisas dentre outras atividades. Não obstante, o autor trata do ensino escolar de maneira experimental em um sentido amplo, a partir das práticas desenvolvidas em todos os espaços da escola, sem que haja um espaço específico para esta finalidade.

Entendo que a proposta do autor seria ideal para ser desenvolvida no espaço escolar, mas uma vez ainda não sendo assim, o que podemos fazer de maneira a aproveitar melhor o espaço criado para práticas experimentais no interior da escola é explorar o laboratório.

1.1 Experiências com Laboratórios na Escola

Início esta seção narrando três passagens de experiências pessoais que tive com laboratórios didáticos no decorrer de meu processo de ensino-aprendizagem nas escolas em que estudei.

A sala onde funcionava o Laboratório de Ciências, no Ensino Fundamental II, era pequena, pouco arejada, fria e gelada. Havia ventiladores no teto, mas nem precisava ligá-los. Nesse espaço de descobertas e fixação de conceitos, descobri que girino vira sapo, que a lagarta, considerada por muitos como inseto nojento, transforma-se em uma linda borboleta. Além disso, vi que o que sustenta meu corpo é o esqueleto humano e que até os animais têm um coração.

Apreendi que as plantas possuem nomes científicos complicados e que podemos extrair de cobras e escorpiões remédios que curam. Soube ainda que antes de ser um bebê, fui um embrião. Observando as fases de uma gestação, sempre quis compreender como pude caber na barriga de minha mãe e como fui parar ali. Todas essas descobertas aconteceram no espaço do laboratório e acrescidas com maiores informações, principalmente no momento em que preparávamos nossas feiras de ciências.

Já no Ensino Médio, visitei o Laboratório de Química, sala ampla, com bancadas, banquetas, prateleiras e muitos recipientes. Ele era mais sofisticado, parecia-se com os laboratórios mostrados em filmes. Mas era um espaço pouco frequentado pelos alunos, permanecendo, na maioria das vezes, trancado. As poucas vezes que o visitávamos não manipulávamos nenhum material, tudo era feito pelo professor que dizia em voz alta o que estava fazendo e o nome dos recipientes em que estavam as substâncias. Lembro-me dos nomes somente de alguns. Os alunos observavam a ação do professor e eu sentia grande fascínio, pois achava que meu professor, naquele momento, era um cientista colocando-nos a par de suas experiências e descobertas. Sabíamos o dia de visitar o laboratório, bastava o professor adentrar a sala de jaleco branco. Nessa experiência, o fato de apenas observarmos o professor manipular os experimentos, não me fazia sentir feliz. Parecia que estávamos

brincando daquela brincadeira de criança “O mestre mandou”, mas, em nosso caso, ele não mandava, fazia.

No Ensino Superior frequentei algumas poucas vezes o Laboratório de Línguas. Íamos algumas vezes com o professor de inglês ou francês e, outras vezes, agendávamos horários para que pudéssemos estudar sozinhos, porém, com um roteiro já previamente estabelecido pelo professor. O laboratório era uma sala ampla, bastante iluminada. Os lugares eram separados por cabines, cada uma com gravadores e fones de ouvido. Nesse espaço, ouvíamos pronúncias de nativos americanos, britânicos e franceses, ou seja, tínhamos que desenvolver uma pronúncia o mais próximo possível de um falante nativo da língua estudada. O objetivo ao frequentarmos o laboratório era que nos expuséssemos às situações de uso da língua. Havia, também, momentos de repetição do que ouvíamos e, então, passei a ouvir um pouco o som de minha voz, pois podia falar, gravar minha fala e ouvi-la posteriormente. Todas essas ações aconteciam para que pudéssemos exercitar nossa pronúncia na língua estudada.

(Autora, 2012 – recobrando experiências com laboratórios)

Meu propósito, ao explicitar essas histórias, foi mostrar que os laboratórios didáticos não são novidades no processo educacional. Atualmente, a escola conta com mais um modelo de laboratório didático: o Laboratório de Informática.

Os diferentes modelos de laboratório didático já fazem parte da *práxis* educacional, embora pouco ou nenhuma vez frequentado por alunos e professores no decorrer do percurso escolar. Porém, acredito que em decorrência das várias peculiaridades que este pode oferecer aos envolvidos no processo educativo, é importante que se faça uma compreensão mais ampla do que vem a ser um laboratório escolar.

Neste momento em que a escola se diz oportunizar maior autonomia aos aprendizes, parece relevante refletir sobre qual a finalidade desse espaço no seu âmbito, entender as leis que o regulamenta, bem como as concepções de laboratórios apresentadas pelos estudiosos e aquelas apontadas pelos documentos oficiais da educação. Acredito que as questões aqui discutidas podem facilitar a compreensão do que é um laboratório didático, sua função na educação e o papel desempenhado pelo profissional responsável pelo espaço na escola.

Nos conceitos apresentados pelo Dicionário Houaiss¹⁰ (2009, p. 449) o laboratório é assim definido: um espaço com “[...] instalações e aparelhagem necessárias para análises ou experiências”, podendo ser essas de diferente natureza, tais como: clínicas, industriais,

¹⁰ Minidicionário Houaiss (2009).

químicas e outras. O Dicionário aponta ainda que o laboratório é um local “[...] com equipamentos próprios para pesquisas e experiências em artes plásticas, línguas e outros”.

Em ambos os conceitos, percebo uma ideia de complementaridade, sendo o laboratório um local para se realizar diferentes experimentos que podem propiciar a participação ativa dos aprendizes no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, observa-se que há no primeiro conceito a noção de ser este espaço essencialmente preparado para que aconteça o trabalho que não é mencionado na segunda definição. Isto nos leva a compreender que não havendo este local preparado, o trabalho experimental pode não acontecer. Ainda sobre as definições apresentadas pelo Dicionário, há uma infinidade de modelos laboratoriais, cada um com suas especificidades e que tentam atender aos propósitos para os quais foram criados.

Zapparoli (2005) afirma que, no laboratório, o professor pode possibilitar ao aluno desenvolver suas habilidades investigativas por meio das experiências que lhes são oportunizadas. Mas entendo que é preciso, ao professor e ao aluno, a consciência do que é um laboratório escolar para que possam desenvolver essas habilidades. No entanto, nem todos conhecem a função destes na escola.

Segundo Cruz (2009), o trabalho de laboratórios nas escolas parte da experimentação como prática científica. A autora nos lembra ainda que a experimentação se faz presente em toda história da humanidade. O homem está sempre em busca de melhorias em sua vida por meio de descobertas e inventos. Assim sendo, a prática experimental está constantemente movendo-o para novas invenções, o que o leva a observar, testar, errar, refazer até que alcance seus propósitos, ou seja, a invenção só acontece depois de várias tentativas, marcadas por descobertas e aprendizagens que acontecem no decorrer do processo investigado.

Benini (2006), ao apresentar um histórico do desenvolvimento científico, ressalta que vários fatores, em nossa história, contribuíram para a experimentação como forma de construção de conhecimentos. O início foi marcado, no começo do século XIX, pela conceituação do que vem a ser ciência,

A conceituação de “ciência” e de “científico” fez com que houvesse a distinção entre conhecimento científico e senso comum e entre os diferentes tipos de ciência e se criasse um método que pudesse garantir a correção dos conhecimentos e sua aplicabilidade. Tentou-se criar um tipo de conhecimento padrão que tentasse elucidar todas as questões (BENINI, 2006, p. 27).

Ainda de acordo com a autora, essa fase perdurou até meados do século XIX, em decorrência do êxito das ciências. Nesse período, acreditou-se ser possível estabelecer um comportamento científico isento de comprometimentos subjetivos. As ciências eram passíveis de comprovação e, para isso, partimos para o método científico que apresenta, como característica principal, o rigor e a objetividade. Já no senso comum, não há uma preocupação em se comprovar uma “verdade”, são apenas opiniões.

É importante destacar que a escola possui a função de trabalhar as questões científicas de maneira que o aluno aprenda a fazer e a reconhecer o que é ciência. Assim, em diferentes situações, ele pode fazer as distinções necessárias. Essa é uma das maneiras pela qual a escola poderia contribuir para que o aluno amplie o conhecimento que já possui acerca de um determinado assunto.

Atualmente, estamos tão acostumados com o avanço tecnológico que, muitas vezes, o tomamos como sendo algo natural e não nos preocupamos em saber como ele ocorre ou de onde partiu. No entanto, percebemos que este tem acontecido em função de necessidades de determinadas épocas. Assim, a criação dos laboratórios didáticos nas escolas pode ser considerada como uma estratégia de proporcionar ao aluno a familiarização com o ambiente de investigação científica. Pode ser que, muitas vezes, a prática não seja condizente com a teoria, mas acredito que esta tenha sido a ideia central desses espaços na escola: oferecer ao aluno possibilidade de participar de novas construções por meio das práticas desenvolvidas nos laboratórios didáticos das escolas.

Embora os laboratórios didáticos tenham surgido a partir da necessidade de uma determinada época, ainda hoje percebemos que estes, em decorrência de vários aspectos, não têm se tornado um espaço naturalizado¹¹, ou seja, natural como outros espaços da escola, a sala de aula, a cantina, a biblioteca e assim por diante. Espaços estes que alunos e professores encontram sempre de portas abertas, aos quais podem ter acesso sempre que houver necessidade. Isto talvez ocorra pelo fato de o professor responsável, ou outro profissional que for utilizar o laboratório, precisa se deslocar até um determinado local para buscar a chave, que muitas vezes não está disposta no painel da escola. Ou ainda pelo fato de o professor ter que se deslocar com os alunos para ter esse acesso. Estes fatores podem indicar que, embora o espaço exista, ainda não há, de fato, uma integração desse com o ambiente escolar, nem para professores e nem mesmo para os alunos.

¹¹ Termo utilizado por Bax (2005).

Zapparoli (2005) buscou compreender a função do técnico de laboratório didático de ciências no contexto de uma universidade pública e, assim, surgiu a necessidade de explicitar perspectivas do que vem a ser um laboratório didático e qual sua função no ensino. Segundo o autor, o laboratório é um espaço para que o estudante possa “[...] observar dentro de um conteúdo e contexto específico”, (ZAPPAROLI, 2005, p. 32) o que remete a uma observação científica, pois se acredita que o conhecimento num campo particular de estudo guia o processo de observação. Para o autor, o laboratório didático possui a função de desenvolver habilidades básicas, espaço para o ensino de conceitos teóricos, desenvolvimento de atitudes científicas e atividades investigativas para resolução de problemas.

Embora seja notável que o aluno, na maioria das vezes, seja observador, concordo com o autor quando menciona que, no laboratório, podemos guiar o processo de observação do aluno, pois, nesse momento, contribuímos com uma observação direcionada para um propósito específico e, no caso da escola, a intenção está imbuída de um propósito pedagógico.

Ainda segundo Zapparoli (2005), o laboratório pode ser o espaço em que o estudante interage com o professor, discute pontos de vista, propõe estratégias de ação, prevê resultados, dentre outros. Ou seja, as concepções do autor nos levam a acreditar que, além de um espaço para experimentações, o laboratório também deve ser um espaço para discussão dessas experimentações entre professores e alunos e mesmo entre os alunos.

Benini (2006) desenvolveu sua pesquisa sobre a relevância do laboratório didático tendo como foco o Laboratório de Matemática em escolas públicas, estabelecendo, assim, uma comparação entre Laboratórios de Matemática e de Ciências, observando suas peculiaridades e pontos em comum. Ao desenvolver esse estudo, a autora defende a necessidade dos laboratórios no ensino, alegando que eles podem facilitar o ensino-aprendizagem de Matemática.

A autora acredita que o laboratório seja um espaço que busca despertar o interesse do aprendiz pela disciplina estudada, comprovando ou ilustrando uma teoria, estimulando o espírito de iniciativa e a autoconfiança do aluno (BENINI, 2006). De acordo com a autora, percebo já o aparecimento das competências necessárias ao processo de aprendizagem. Essas competências podem nos apontar em que as práticas no laboratório podem contribuir para o desenvolvimento do aluno. As competências, de acordo com Perrenoud (2000), referem-se ao domínio prático de situações e nos auxiliam a solucionar, ou resolver problemas em nossas vidas, sendo que o seu desenvolvimento se faz necessário a qualquer pessoa. Ainda sobre a

conceituação de Benini (2006), acredito que o laboratório possa oportunizar o surgimento de novas teorias por meio da observação, experimentação e práticas desenvolvidas no espaço do laboratório.

Lima *et al* (1999) e Cruz (2009), em consonância com outros estudiosos, defendem que, no laboratório, precisamos unir teoria à prática, devendo o mesmo ser o abstrato das ideias e o concreto da realidade física. Assim, acreditam que as práticas de laboratórios devem ser precedidas ou acompanhadas de aulas teóricas.

No entanto, ao tratar o espaço do laboratório como apenas comprovação de uma teoria, estamos contribuindo para práticas conteudistas que, segundo Ferreira (2005), não possuem como foco o aluno, ativo em seu processo de aprendizagem, pois não levam em consideração o que ele já conhece, bem como suas observações no contexto social em que está inserido. Essa concepção de ensino permanece, muitas vezes, desvinculada da realidade do aluno, pois não o considera como figura central no processo escolar e continua a colocar o professor no papel de detentor de todos os saberes. As atividades desenvolvidas no laboratório terão esses momentos, mas não se pode restringi-lo à essa única prática apenas. Cruz (2009, p. 22) defende que:

O uso do laboratório didático, no ambiente educacional, toma dimensões gigantescas e se torna de extrema valia aos professores que utilizam as atividades experimentais em suas aulas. Sabemos, contudo, que nem todos o utilizam, gerando uma maior dificuldade na assimilação dos conhecimentos por falta de atividades práticas, o que por sua vez prejudica construção do conhecimento, pelo educando. (CRUZ, 2009, p.22)

Na visão apresentada por Lima *et al.* (1999) e Cruz (2009), as autoras alertam para a necessidade de se unir teoria e prática para que os alunos tenham possibilidades reais de compreender os conceitos trabalhados e possam, dessa forma, ser capazes de questionar a realidade, o que oportuniza novas aprendizagens a todos.

As práticas de laboratório mencionadas acima, corroboram com as reflexões de Sandoval e Cudmani (1992 *apud* Benini, 2006) e Lanciotti (1994 *apud* Zapparoli, 2005). Segundo esses autores, os princípios que têm norteado as práticas nos laboratórios escolares são as seguintes: i) a utilização do laboratório como espaço para simples ilustração de teorias; ii) o espaço do laboratório como treinamento nos processos de ensino e iii) o laboratório utilizado como estratégias de descobrimento individual e autônomo.

Lanciotti (1994 *apud* ZAPPAROLI, 2005) ainda acrescenta em seu estudo outros dois itens que também podem ser percebidos nas práticas de laboratórios didáticos quais sejam: o

laboratório como cenário de questionamentos de paradigmas e sua utilização coletiva orientada em situações problemáticas.

Todas as visões apresentadas podem ser identificadas em práticas isoladas de laboratórios didáticos ou podem ser encontradas mescladas uma às outras em diferentes momentos. Acredito que as duas primeiras possibilidades advêm de processos mecânicos e, ao serem trabalhadas de forma isolada, pouco acrescentam aos processos de ensino vivenciados em sala de aula. Mas as últimas três propostas de trabalho podem contribuir para que o aluno, de fato, participe da produção de novos conhecimentos, especificamente no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa em laboratório. É importante mencionar que cada uma das propostas apresentadas remete a uma concepção do processo de ensino em laboratório conforme a visão do professor.

Existem, no Brasil, alguns documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB – que fazem apontamentos quanto à importância do desenvolvimento de projetos de ação pelas escolas que visem estabelecer ligação entre teoria e prática. A LDB/ 9394/96 em seu Artigo 35, Inciso IV, ressalta ser “essencial à compreensão dos fundamentos científicos tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.” Porém, nenhum desses documentos menciona obrigatoriedade do laboratório na escola e, conseqüentemente, não aponta nenhuma lei que regule esses espaços na escola.

Na próxima seção, discorro sobre o Laboratório de Ciências nas escolas.

1.2 Laboratórios de Ciências

O Laboratório de Ciências é mencionado nesse trabalho porque oferece bases para o trabalho com outros laboratórios didáticos, isto é, por ter sido sua implantação uma das pioneiras no ambiente escolar. Sendo assim, não pretendo me aprofundar teoricamente nos trabalhos desenvolvidos nessa área, pois minha intenção é conhecer as bases que fundamentam o trabalho educacional nesse espaço.

Cruz (2009) afirma que as atividades práticas de laboratório precisam ocorrer de maneira conjunta com o ensino. Com isso, a autora defende que o experimento é a ferramenta mais adequada para a construção do conhecimento. E ressalta:

[...] urge, portanto, que aconteça uma reavaliação dos papéis do trabalho prático e da utilidade do laboratório, de maneira que estimule o aprendiz a se tornar cada vez mais inserido na produção do conhecimento e deixe de ser apenas um mero ouvinte (CRUZ, 2009, p. 26).

É compreensível a afirmação da autora, pois é necessário possibilitar ao aluno que faça parte da construção de seu conhecimento e o laboratório, como já foi aventado no tópico anterior, pode possibilitar práticas que contribuam para que o aluno saia da condição de expectador e passe a participar ativamente do processo educacional. É evidente que não pretendemos limitar o estudo do aluno às atividades práticas, mas enfatizar que a utilização de práticas laboratoriais podem oferecer outras possibilidades de aprender e ensinar.

Possobom *et al* (2003) realizou um estudo no qual desenvolveu com professores atividades práticas de Laboratórios de Ciências e Biologia. Os autores buscaram desenvolver roteiros de atividade de laboratórios com a finalidade de contribuir com os professores na realização de atividades experimentais com o aluno. Mesmo com todas as dificuldades encontradas, concluíram que o laboratório é um local que propicia o desenvolvimento do aluno como um todo.

Entretanto, os autores afirmam que seria uma ilusão pensar que ações e demonstrações isoladas de um contexto, mesmo que sejam praticadas pelos aprendizes, podem levá-los a construções de conhecimentos. Isto sugere que tais atividades contribuem à medida que são integradas à argumentação e ação do professor. O fato de o aluno manipular seu experimento nas atividades do laboratório não dispensa as orientações e mediação do professor, pois essa atividade necessita de momentos de reflexões, construções de ideias, procedimentos, ações e atitudes por parte dos envolvidos. Entretanto, neste trabalho, não pretendo dizer se o professor é ou não necessário nesse ambiente, mas defendo que sua postura precisa ser outra.

É interessante ressaltar que, mesmo sendo o Laboratório de Ciências considerado um espaço para realização de atividades experimentais, essas atividades não precisam ser restritas apenas ao laboratório, ou seja, elas podem acontecer em diferentes espaços de aprendizagem oportunizados pelo professor (Orientações Curriculares Nacionais - OCN, 2006). Alguns professores têm utilizado a sala de aula ou outros espaços da escola como local para realização de experimentos, pois nem toda escola possui um espaço físico destinado para tal finalidade, ou mesmo por compreenderem que esse trabalho pode ser realizado também em outros espaços. Podemos também encontrar escolas que, embora possuam Laboratório de Ciências, nem todos os professores da disciplina o frequentam, ausência esta muitas vezes

justificada em decorrência da falta de tempo que passam com os alunos, assim, um deslocamento para outro espaço pode ser visto pelo professor como uma perda de tempo. Então, muitas vezes trazem o laboratório para a sala de aula ou deixam de priorizar atividades de experimentação com o aluno.

Os PCNs (1999) defendem a necessidade de se contextualizar os conteúdos de ensino na realidade vivenciada pelos alunos a fim de atribuir sentido a eles e, assim, contribuir para a aprendizagem. Ainda, segundo o documento, o ensino da Ciência deve propiciar ao educando compreender as ciências como construções humanas, entendendo como elas se desenvolvem por acumulação, continuidade ou ruptura de paradigmas, relacionando o desenvolvimento científico com a transformação da sociedade. Os PCNs (1998) explicitam, também, a necessidade de um ensino voltado para atividades baseadas na experimentação e observação do mundo a fim de promover nos alunos um comportamento crítico.

Assim, percebemos que a prática de laboratório, realizada em uma perspectiva que possui como foco o aluno e levando em consideração seu conhecimento acerca do conteúdo, pode contribuir com uma postura construtivista em que o aluno amplia seu conhecimento a partir de sua participação efetiva no processo de ensino.

Esclareço que nesse item, busquei estudos que me levassem a entender o propósito e a finalidade de um Laboratório de Ciências no âmbito da escola com vistas a entender e problematizar a prática pedagógica desenvolvida nele.

Na seção a seguir, apresento outro modelo de laboratório didático que tem sido utilizado nas instituições públicas de ensino, o Laboratório de Línguas.

1.3 Laboratórios de Línguas e sua História no Ensino

Diferentemente do Laboratório de Ciência, encontrados com maior facilidade na escola pública de Ensino Fundamental e Médio na qual estudei, só fui ter acesso ao Laboratório de Línguas no curso de idiomas que frequentei por algum tempo e depois na universidade. Isto se justifica pelo alto custo de materiais necessários à montagem desse tipo de laboratório na escola. Em decorrência disso, o laboratório geralmente pode ser encontrado com maior frequência nas escolas de idiomas e nas universidades que ofertam cursos de línguas, como mencionado em minha experiência com laboratórios no início do Capítulo I.

Dessa forma, tento compreender quando e em que contexto social o Laboratório de Línguas passou a fazer parte do ensino de línguas.

De acordo com Castro (1998) o Laboratório de Línguas começou a fazer parte do processo educacional primeiramente nas universidades, em meados da década de 1950. Tratou-se de uma abordagem fundamentada em teorias da Psicologia behaviorista de Skinner, e em Linguística, surgiu como fruto da influência do distribucionalismo Bloomfieldiano.

Segundo o autor, a abordagem foi desenvolvida por universidades americanas em parceria com o exército para treinar soldados que participaram da Segunda Guerra Mundial, visto que o governo necessitava, naquele momento, de militares fluentes em diferentes línguas. O programa recebeu o título de Programa de Treinamento Especializado do Exército¹² e, posteriormente, a comunidade acadêmica, utilizando o método com maior frequência no ensino da língua estrangeira, o denominou de audiolingualismo.

Richards e Rodgers (1993) esclarecem que o programa de treinamentos com os soldados foi desenvolvido pelas universidades americanas. O exército, com esse programa, objetivou desenvolver a fluência na conversação dos soldados, por meio de treinamentos exaustivos que consistiam em ouvir diálogos entre falantes proficientes na língua em estudo, repetição e memorização de palavras, atividades de preenchimento de lacunas, modelos pré-estabelecidos como tarefas de siga o modelo, perguntas e respostas e exercícios de transformação.

O método acaba influenciando outros países que, assim como o Brasil, iniciam seus trabalhos nessa perspectiva. Os trabalhos eram realizados em Laboratórios de Línguas, utilizando materiais audiovisuais. Mais tarde, o método foi bastante criticado por se pautar em uma concepção de língua centrada nas estruturas sintáticas e por conceber a aprendizagem como um processo de criação de hábitos automatizados. Os ditados e as apresentações orais de diálogos pelos aprendizes eram práticas recorrentes. As concepções e os conceitos presentes neste método, hoje, segundo Paiva (2001), já se encontram superados.

O Laboratório de Línguas é introduzido no contexto educacional com o método áudio lingual, considerado, nesse cenário, um espaço essencial para o ensino-aprendizagem de línguas. De acordo com Paiva (2001) e Cruz (2009), esse Laboratório de Línguas, possuía uma formação que lhe era peculiar. As universidades brasileiras que ofereciam cursos de línguas preparavam projetos fundamentando-os na metodologia áudio lingual e visual para

¹² Army Specialized Training Program – ASTP

enviar às empresas de fomento a fim de conseguir montar seus laboratórios. Os professores precisavam participar de uma formação oferecida pela empresa que montava o laboratório para desenvolver trabalhos.

Como exemplos de empresas que montam laboratórios de línguas temos a Sanako, uma empresa finlandeza e o Centro de Competência TIC. Essas empresas visitam inicialmente o espaço no qual será montado o laboratório, aprovando ou não as instalações. Posteriormente, fazem visitas periódicas para observar se o laboratório está sendo utilizado de acordo com as normas pré-estabelecidas.

A seguir, apresento algumas imagens de Laboratórios de Línguas, estruturados nesses moldes:



Figura 3 Figura 4 - Imagem de Laboratório de Língua A e B

Fonte - Disponível em < <http://www.funcesi.br/default.aspx?tabid=143>>. Acesso em: fev. 2011

Como pode ser observados nas Figuras 3 e 4, o ambiente era composto por cabines individuais, contendo recursos como: áudio, vídeo, computador conectado a uma mesa de comando. Era necessário também, um computador central para armazenar as informações e permitir o acesso ao material arquivado. A mesa de comando tinha equipamentos para amplificação, qualificação e distribuição de informação sonora, leitora de videolaser, CD-ROM, DVD e fita cassete. A sala contava com monitores de televisão espalhados para facilitar a transmissão das imagens (CRUZ, 2009).

Nesse ambiente, o aluno era exposto a uma variedade de pronúncias da língua em estudo. Cruz (2009) afirma que o contato com essas pronúncias possibilitava o ensino na abordagem comunicativa em que o aprendiz poderia desenvolver habilidades de compreensão auditiva por meio dos diálogos trabalhados.

Com as práticas de laboratório, esperava-se que o aluno pudesse ser preparado para realizar discursos espontâneos e se desenvolver na leitura e na escrita da língua alvo. Cabia ao professor, nas atividades no laboratório, disponibilizar o material para o técnico de áudio e vídeo e coordenar as cabines, monitorando o desenvolvimento dos alunos nas atividades que eram trabalhadas. A justificativa para a existência do Laboratório de Línguas era para que o aluno pudesse se tornar mais independente do professor, autônomo em seus estudos a partir de textos autênticos e atividades que poderiam ser realizadas no laboratório (PAIVA, 2001).

O Laboratório de Línguas possibilitou a presença de um profissional que não estava presente no Laboratório de Ciências da escola: o técnico em áudio e vídeo. Ele era responsável pelos equipamentos, assim como pelo seu manuseio, pela gravação e digitalização do material dos professores e manutenção, ou seja, era responsável pela parte técnica.

Os materiais didáticos para a utilização no laboratório eram entregues pelo professor ao técnico que os digitalizava, gravava e posteriormente os disponibilizava para os alunos no momento das aulas no laboratório e em horários para estudos independentes sem a presença do professor. Por se tratar de uma aparelhagem cara, sua presença era constante no laboratório, oportunizando uma utilização adequada tanto do espaço quanto dos equipamentos.

O laboratório permaneceu com essa formação por um longo período de tempo e possibilitou momentos de aprendizagens aos alunos. Porém, na atualidade, em decorrência dos avanços tecnológicos e da globalização, o fato de as pessoas do mundo todo cada vez mais interligadas, o Laboratório de Línguas estruturado dessa maneira entrou em declínio por não possibilitar uma maior interação entre os envolvidos na aprendizagem. Nos dizeres de Paiva, 2001:

As cabines que isolavam os alunos com seus fones de ouvido e gravadores individuais, impedindo quase sempre a interação com os demais colegas, cedem lugar aos laboratórios multimídia com acesso à internet. Os novos laboratórios rompem com as paredes da sala de aula ao propiciar a comunicação com o mundo, trazendo para dentro da escola possibilidades variadas de interação com nativos ou aprendizes da língua. (PAIVA, 2001, p.93)

A concepção de ensino de língua está cada vez mais focada na comunicação que é facilitada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, disponíveis na sociedade e,

hoje, inseridas no contexto escolar na maioria das vezes, por meio dos Laboratórios de Informática (PAIVA, 2001).

Uma das críticas que o Laboratório de Línguas recebe, devido a sua formação no passado, é não possibilitar momentos reais de utilização da língua em aprendizagem pelo aluno. Ou seja, ouvir e repetir diálogos não mais condiz com a realidade atual pelo fato de que o aluno tem acesso e pode estabelecer comunicação real em diferentes línguas e com diversas culturas por meio da utilização das tecnologias digitais. Assim, essas tecnologias possibilitam contextos autênticos de comunicação e aprendizagem que, na atualidade, significam muito mais para o aprendiz que está aprendendo uma língua.

A utilização do computador no ensino de línguas recebeu, inicialmente, o nome de Instrução Assistida por Computador – CAI. Mas, de acordo com Moreira (2003), hoje, a nomenclatura refere-se a programas de computador. A Aprendizagem de Línguas Assistida por Computador – CALL - é utilizada para o ensino de língua (MOREIRA, 2003). Então, a escola pública, que não dispunha do espaço do laboratório em específico, conquista a oportunidade de trabalhar o ensino de línguas também no Laboratório de Informática Educativa.

Acredito até que o Laboratório de Informática existente hoje possa suprir essa ausência e talvez possa até superá-la pelas reais possibilidades de interação e comunicação entre aprendizes de diferentes línguas. É importante mencionar que, embora documentos oficiais para o ensino de línguas, como PCNs (1999), OCNs (2006) explicitem um ensino mediado pelo computador, não existe nenhum apontamento nestes que mencionem a necessidade de atividades experimentais também no ensino de línguas.

1.4 Laboratórios de Informática

A forte presença das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs em nossa sociedade e, hoje, no âmbito escolar, tornou-se um campo oportuno para o desenvolvimento de vários trabalhos que têm discutido a questão da informática educacional como parte do processo de ensino-aprendizagem no ensino de línguas. Porém, acredito que seja importante conhecer como ocorreu a inserção do computador no ambiente educacional, para que, assim, possamos entender a atual presença dos Laboratórios de Informática Educativa na escola. Quais projetos contribuíram para que o computador fizesse parte das atividades pedagógicas

na escola? Qual a concepção de ensino que permeia as práticas de ensino no Laboratório de Informática?

Ao ter acesso à leitura de alguns autores que discutem sobre a introdução da informática no contexto escolar, tais como Valente (1993, 1997, 1999), Cysneiros (2000), Oliveira (2006), Moran (2000) e outros, pude perceber que este processo não aconteceu de maneira repentina; pelo contrário, tratou-se de projetos que foram elaborados de acordo com uma necessidade do país e foram amadurecendo ao longo dos anos por meio de estudos, observações e análise de experiências vivenciadas em outros países que serviram de referência para o Brasil. Outro aspecto importante a salientar é que os autores acima mencionados contribuíram com estudos de maneira a nos apresentar possibilidades e benefícios que a utilização dos computadores em contextos escolares pode oferecer aos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

1.5 Entendendo a Inserção dos Computadores na Escola

Os acontecimentos e as práticas que ocorrem no interior da escola não podem ser vistos isoladamente às ações que acontecem em nossa vida no dia-a-dia fora da escola. Daí a necessidade de compreendermos o que é aprender e ensinar dentro da realidade do aluno, o que ele vive, o que sente a partir do que vive e, principalmente, o que é relevante para o ensino.

Oliveira (2006) afirma que não há como separar a entrada dos computadores na escola dos acontecimentos mundiais das últimas décadas. Dentre as várias mudanças, é importante salientar as transformações ocorridas, especificamente no campo da microeletrônica, que acarretaram inúmeras mudanças em setores como o produtivo e o cultural, em nossa sociedade. Tais mudanças possibilitaram que a maioria dos setores da sociedade tivesse, como base para seu desenvolvimento, a informática. E isto acabou refletindo no âmbito escolar, que se viu diante da tarefa de possibilitar a formação desses novos profissionais que o mercado passa a exigir.

Ainda segundo Oliveira (2006), no cenário mundial, a tentativa dos países emergentes, especialmente o Brasil, merece destaque por investir na área da informática, passando a produzir serviços de informação. E, de acordo com o autor, isso ocorre no instante em que o país descobre que a informática é vital para sua economia.

O governo brasileiro, frente a esta situação, decide criar leis ligadas à informática que ficariam sob sua intervenção para garantir o desenvolvimento e a autonomia nacional. A atitude do governo não agradou a todos, alguns órgãos passaram a questionar a intervenção direta do governo nesse setor. Mas em decorrência de alguns acordos entre governos e empresas privadas, o Brasil começa a produzir e, em pouco tempo, passou a se destacar na produção de produtos eletrônicos, exigindo mão de obra cada vez mais especializada. O Brasil precisava criar novas estratégias para formar essa mão de obra qualificada para a nova indústria que emergia, que, até aquele momento, estava sob a responsabilidade das universidades. Nas palavras de Oliveira (2006):

Diante dessa problemática caberia não só ao ensino superior, mas também ao ensino fundamental e médio contribuir de forma definitiva para a formação de recurso que garantissem o lugar do Brasil como um país capaz de desenvolver e utilizar a principal tecnologia produzida no século XX. Como forma de contribuir nesta perspectiva, o setor da educação foi escolhido como um dos prioritários para a garantia da Política Nacional de Informática. A partir daí surge um novo capítulo na história da educação brasileira, caracterizado por ações do governo federal, visando levar computadores às escolas públicas de educação básica, constituindo assim, a política brasileira de Informática Educativa (OLIVEIRA, 2006, p. 27).

Embora a escola tenha recebido a função de formar esses novos profissionais, é interessante ressaltar que não houve uma discussão com os profissionais da educação, o que pode ser constatado em outros países que também utilizam dessa prática em suas escolas. Mas acredito que, de uma maneira ou de outra, aqui entra o papel da educação na vida das pessoas que é o de preparar o cidadão para a vida. E, a partir dessa realidade, o cidadão passa a conviver em uma sociedade permeada por essa nova tecnologia.

Diante disso, a Secretaria Especial de Informática - SEI, em 1981 em Brasília, promove, em parceria com Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, com o objetivo de inserir os profissionais da educação na discussão, o primeiro seminário de informática na educação (OLIVEIRA, 2006). A decisão de que a escola deveria preparar os recursos humanos foi tomada sem uma consulta prévia aos educadores, porém, não seria possível manter a escola às margens dessa discussão. E a proposta desse seminário foi ouvir os educadores e discutir maneiras para que o trabalho pudesse, de fato, acontecer. Como mencionado anteriormente, inicia-se outra etapa da história da informática na educação, fase de refletir sobre a operacionalização do projeto, assim como aliar os conteúdos

didáticos a esse processo de informatização. E, para essa discussão, os profissionais educacionais foram imprescindíveis.

De acordo com Oliveira (2006), inicialmente, um programa desenvolvido pelo governo federal, denominado Política de Informática Educativa – PIE - teve como função encontrar, por meio de pesquisas, mecanismos de inserir o computador no processo de ensino-aprendizagem. Para alavancar o projeto, foram instalados, em algumas universidades públicas, centros-pilotos que estariam responsáveis pelas pesquisas e a formação de profissionais para o trabalho com a informática.

O projeto perdurou por dez anos, recebeu várias denominações, mas os resultados não foram satisfatórios, por vários motivos, porém me atarei aqui em mencionar alguns que contribuíram para o não sucesso do trabalho. Não houve uma preocupação, *a priori*, em equipar as escolas públicas com computadores suficientes, assim, poucas escolas possuíam computadores e muitos até sem condições de uso. A quantidade de profissionais que receberam a formação não condizia com a realidade do país, gerando experiências em pontos isolados. Mas acredito que esse início tenha sido primordial para o desenvolvimento de projetos educacionais envolvendo a informática na escola que vieram posteriormente. Como exemplo disso, discorro sobre o programa que possibilitou a realidade tecnológica que vivenciam as escolas públicas brasileiras.

No que se refere a políticas públicas voltadas a projetos tecnológicos que viabilizaram a utilização dos Laboratórios de Informática Educativa na escola, contamos na atualidade com o Programa Nacional de Tecnologia - PROINFO. Este é desenvolvido pelo Ministério da Educação – MEC, por meio da Secretaria de Educação a Distância¹³, criado a partir da Portaria nº. 522 /MEC de 9 de abril de 1997. O programa visa promover o uso pedagógico das Tecnologias de Informação e Comunicação em escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio.

Para que os objetivos do programa pudessem ser atingidos, o MEC criou os Núcleos de Tecnologia Educacional – NTEs - com estruturas descentralizadas que tem por função apoiar, acompanhar o processo de implementação dos laboratórios, de incorporação das tecnologias digitais nas escolas, assim como promover formação continuada aos professores. Embora o PROINFO tenha se preocupado em inserir computadores em todas as escolas do Brasil, ele não conseguiu dar a formação necessária a todos os professores das escolas. Mas

¹³ < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=289&Itemid=356 >.

acredito ter sido de grande relevância a iniciativa, mesmo ainda tendo muito a fazer, por não se tratar de um processo isolado de informatização em apenas algumas regiões e escolas do país.

Após a explanação de alguns modelos de laboratório, julgo importante esclarecer que a concepção de laboratório que adoto para este trabalho é a de laboratório como atividades desenvolvidas pelo aluno que possam oportunizar momentos de experimentação, observação, pesquisa e, para que isso ocorra, ele independe de um espaço apropriado. Enfim, são atividades que contribuam para que o aluno participe ativamente de seu processo de aprendizagem.

Ao longo desse estudo, deparei-me com diferentes concepções que vem sendo trabalhadas nos laboratórios didáticos das escolas. Algumas vão ao encontro da concepção adotada nesse trabalho, outras são divergentes e encaminham o processo de ensino para uma outra direção. Assim, apresento um mapa com as concepções, agrupando-as, em um primeiro momento, o laboratório como espaço físico e como atividade:

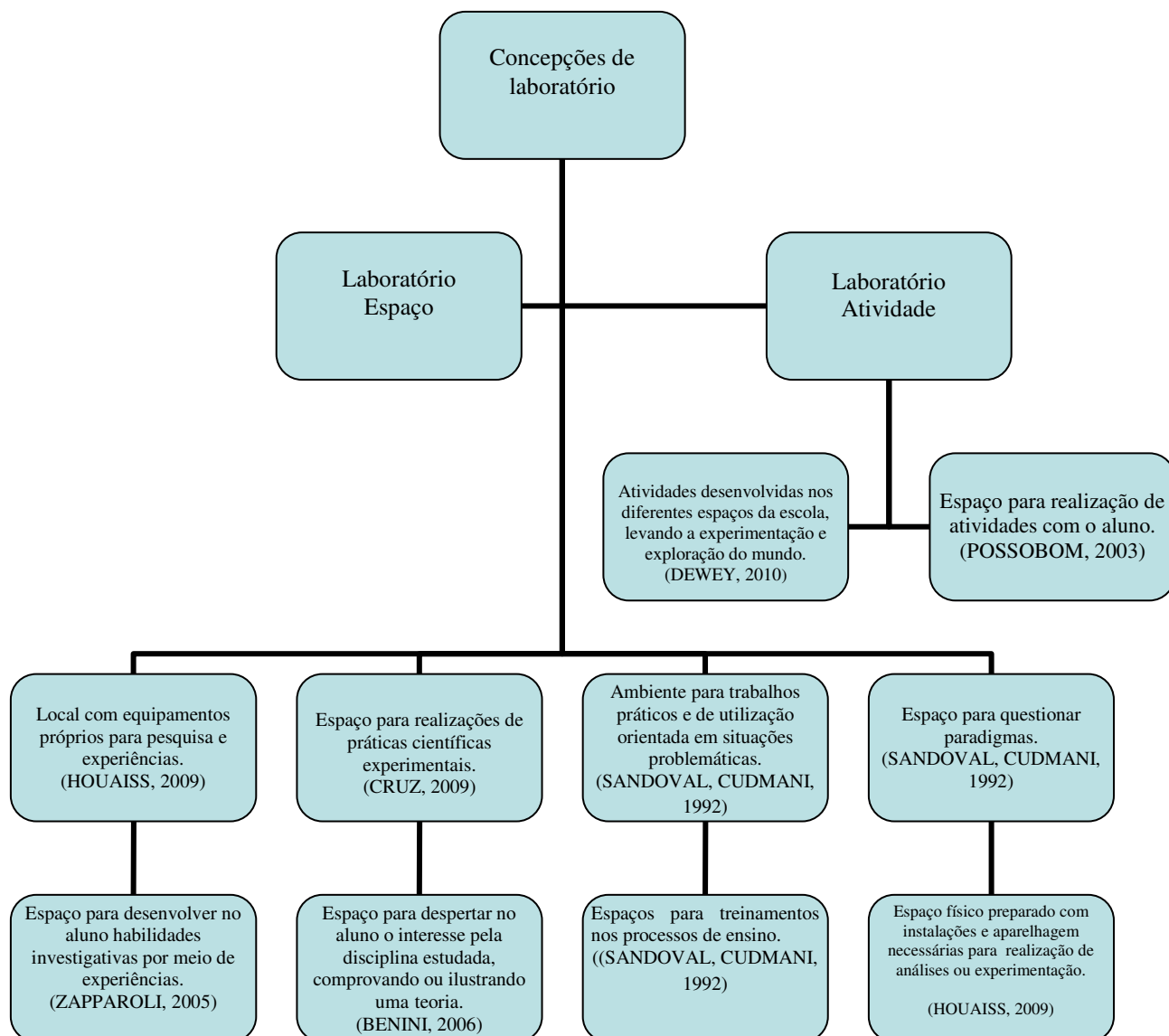


Figura 5 - Mapa sobre concepções de trabalho no laboratório A
Fonte - Elaborado pela autora, set. 2012.

O agrupamento acima demonstra que podemos encontrar as atividades do laboratório sendo desenvolvidas a partir de duas concepções: i) laboratórios como espaço físico, o que nos remete a ideia de que precisamos de um espaço específico para a realização de atividades experimentais e ii) laboratório como atividades experimentais, que podem ser desenvolvidas com o aluno em qualquer espaço da escola, não sendo necessário um espaço demarcado para essa finalidade. Nessa perspectiva, o próprio espaço escolar pode ser tomado como um laboratório.

É importante esclarecer que a apresentação da Figura 5 não representa nenhuma hierarquia de relevância de uma concepção em relação à outra; trata-se de uma maneira que escolhi para representar as concepções encontradas ao longo desse estudo.

Ainda seguindo esse agrupamento, podemos reagrupar as concepções de laboratório como espaço físico, seguindo três categorias, de acordo com a visão dos autores apresentados na Figura 5.

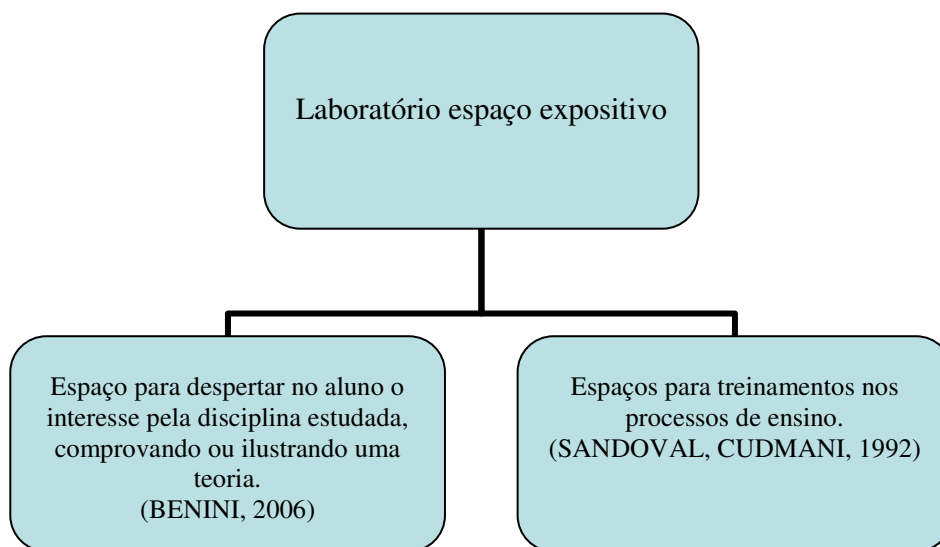


Figura 6 - Mapa sobre concepções de trabalho no laboratório B
Fonte - Elaborado pela autora, set. 2012.

As concepções mencionadas na Figura 6 remetem à ideia de um espaço em que há a presença de um expositor, o professor, dos alunos ouvintes. Nessa concepção, os alunos não possuem espaço para criar, descobrir, participam como ouvintes e realizam os exercícios que lhes são propostos. Assim, o aprendiz constata as teorias já existentes. Dessa forma, as atividades práticas são para ilustrar ou até mesmo para comprovar essas teorias.

Outra concepção de laboratório que podemos observar nesse estudo é a de laboratório como lugar para a realização de atividades práticas, conforme demonstrado na Figura 7.

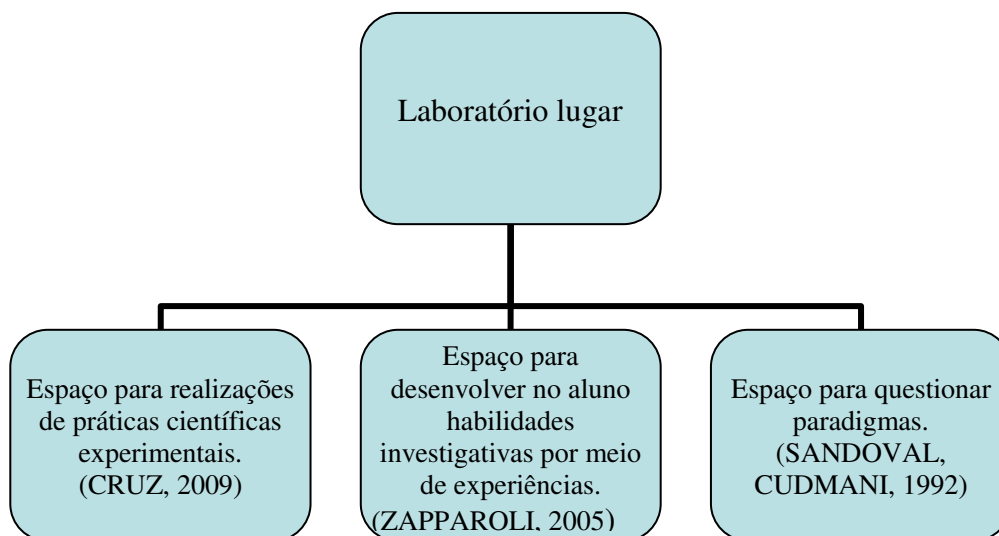


Figura 7- Mapa sobre concepções de trabalho no laboratório C
Fonte - Elaborado pela autora, set. 2012.

O laboratório como lugar em que acontecem determinadas atividades é uma proposta discutida por vários estudiosos. A ideia não nos remete somente a um local específico, pelo contrário, podemos entender, na visão de Cruz (2009), Sandoval e Cudmani (1992), lugar como momentos para realização de determinadas ações. Embora, na concepção de Zapparoli (2005), a noção de lugar esteja bem demarcada.

A terceira ideia apresentada é de ser o laboratório um espaço específico com equipamentos apropriados para atividades práticas como demonstrados na Figura 8.

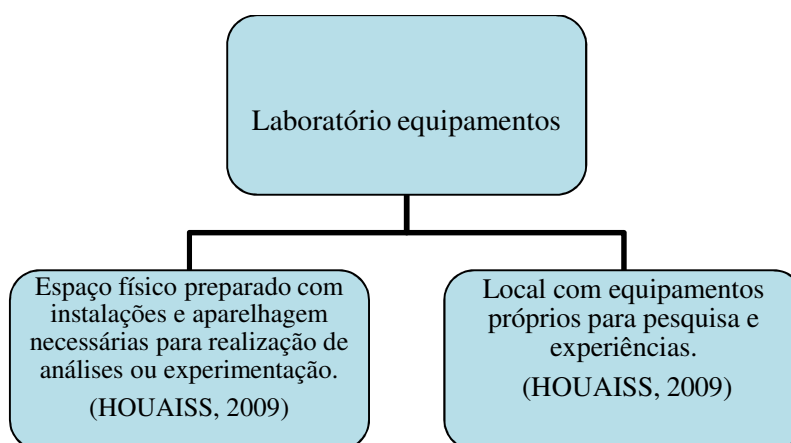


Figura 8- Mapa sobre concepções de trabalho no laboratório D
Fonte - Elaborado pela Autora, set. 2012.

O laboratório como equipamentos nos remete a ideia de um espaço físico, local específico, sendo necessário ainda nesse local alguns equipamentos indispensáveis para

realização das atividades. Nessa concepção de laboratório, entendemos que não basta ter um local, os equipamentos são também de suma importância para que aconteça o trabalho.

A segunda categoria apresentada e adotada por nós é a de laboratório como atividades/ações desenvolvidas com e para o aluno, proporcionando a construção de novas aprendizagens.

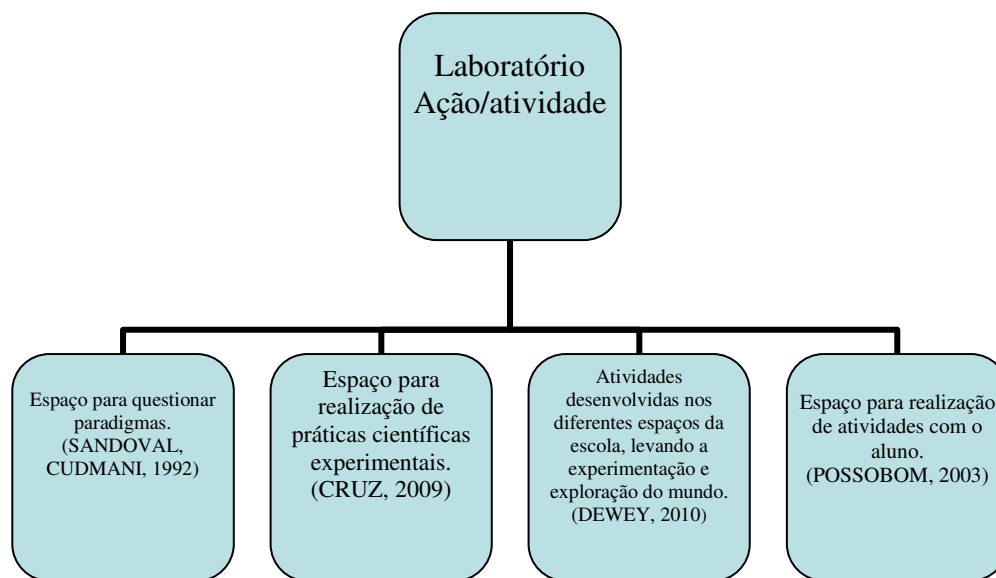


Figura 9 - Mapa sobre concepções de trabalho no Laboratório E
Fonte - Elaborado pela Autora, set. 2012.

Notamos nessa categorização que o espaço físico é o que menos importa. Predominante é a ideia de atividades experimentais com o aluno, em que ele deixa de somente ouvir e passa a experienciar, conhecer e participar do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse trabalho, adoto a concepção de laboratório como atividade realizada com o aluno nos diferentes espaços da escola. Essa concepção é que norteará o meu processo de análise, nessa dissertação.

1.6 O Papel do Professor de Informática Educativa¹⁴

Nesta seção, apresento e discuto quem é o profissional responsável pelo Laboratório de Informática Educativa na escola e qual é o seu papel no processo de ensino. E, em seguida, apresento as diferentes denominações que esse profissional recebe, em decorrência das funções que lhes são atribuídas. Logo, promovo uma discussão quanto às possíveis

¹⁴ Em uma cidade do Triângulo Mineiro, este nome é utilizado atualmente, para o professor responsável pelo Laboratório de Informática Educativa, anteriormente denominado “laboratorista”.

implicações que essas denominações podem acarretar ao processo educativo dos alunos e professores no Laboratório de Informática Educativa – LIE.

Acredito que para que o Laboratório de Informática não viesse a se tornar um espaço ocioso dentro da escola, houve a necessidade de habilitar professores para que eles pudessem realizar um trabalho voltado para a informática educativa no laboratório, embora a presença desse profissional ainda não seja uma realidade possível em todas as escolas públicas.

Em decorrência da criação dos Laboratórios de Informática Educativa na escola públicas, surge um novo profissional nesse espaço. Este passa a ser o responsável por gerenciar o espaço do laboratório por meio de atividades voltadas para a utilização das tecnologias digitais. Como já mencionamos anteriormente, o laboratório didático não é uma novidade na escola. E, hoje, contamos também com os Laboratórios de Informática que, por estar no âmbito escolar e ser utilizado para realização de atividades educacionais com os alunos, trata-se de mais um modelo de laboratório didático. Porém, o laboratório requer alguns cuidados em decorrência da fragilidade dos equipamentos eletrônicos que o compõem. Fato este que pode também justificar a presença do professor do laboratório por ser o aluno quem manuseia a ferramenta e o risco maior de danos requer a presença constante de um técnico na escola. Mesmo podendo ser esta uma das justificativas, não compartilho com ela, pois a falta de conhecimento do aluno o leva a estragar menos os equipamentos que nós adultos.

Uma outra justificativa, para mim a mais aceitável, seria ser esse professor responsável por facilitar aos outros professores e alunos a utilização e acesso às tecnologias digitais, por meio das atividades realizadas no LIE. Cabe, enfim, a esse profissional e ao professor da turma ficarem atentos para que os alunos não façam mau uso do computador em todos os sentidos. Estes precisam estar constantemente presentes no laboratório para acompanharem e participarem dos trabalhos educativos.

Petitto (2003) apresenta alguns saberes que julga necessários ao professor que trabalha com a informática educacional no LIE. De acordo com a autora, cabe a esse profissional aprender a:

utilizar o computador, redes locais e remotas, alguns periféricos de entrada e saída de dados e projetos multidisciplinares, que se tem denominado de trabalho, procurando aliar tecnologia ao processo de ensino/aprendizagem ao qual estão inseridos, favorecendo a aprendizagem com autonomia (PETITTO, 2003, p. 137).

Nas palavras da autora entendemos a necessidade do professor do laboratório possuir saberes técnicos necessários ao trabalho com as tecnologias, mas Petitto (2003) reforça que os saberes didáticos também são necessários por possibilitarem ao aluno um processo educacional com maior autonomia.

Ainda segundo a autora, o professor que trabalha no laboratório precisa se habilitar de conhecimentos tais como: utilização e avaliação de trabalhos voltados para o uso da informática educativa no ambiente educacional, técnicas e instrumentos, recursos didáticos, como *software* aplicativos, computadores e periféricos. Essas são habilidades pedagógicas específicas que, de acordo com Petitto (2003), já foram construídas no período da formação por cada professor da disciplina.

Nos laboratórios que já faziam parte das instituições públicas de ensino, os profissionais que desenvolviam as atividades eram os próprios professores da disciplina; sozinhos ou com a ajuda dos alunos, eles tinham que ministrar a aula e organizar o ambiente para que outra turma o encontrasse em perfeitas condições de trabalho. Isto certamente com exceção do Laboratório de Línguas nas instituições que oferecem formação superior, nas quais o professor da disciplina realiza a aula. Entretanto, o professor conta também com o apoio de um técnico em áudio e vídeo que prepara toda a sala para receber esse professor com seus alunos e também receber o aluno em horários específicos para momentos de estudos individuais.

Também podemos encontrar pesquisas que apontam para a necessidade de um profissional específico para o laboratório, que não o da disciplina, como aponta Zapparoli (2005), por acreditar que o ensino no laboratório requer um profissional com habilidades específicas de atividades práticas, diferentes das aulas teóricas. Nessa postura, o autor acredita que o profissional que atua nesse ambiente precisa estar consciente de que é necessário proporcionar ao aluno um ambiente de investigação própria, não devendo ser este o professor da disciplina.

Não compartilho com as ideias do autor porque acredito que o professor da disciplina também possui capacidade para lidar com a aula prática, sendo que essa deve ser, na atualidade, uma postura essencial de todo professor que se diz mediador de construção do conhecimento e que acredita que o aluno possa construir seu conhecimento a partir dos trabalhos que lhes são apresentados.

Em decorrência desses apontamentos questiono: qual o papel desse profissional no processo educacional no LIE? Há um perfil necessário a esse profissional para desempenhar o

trabalho no laboratório? Qual deve ser a postura desse profissional no momento das atividades no Laboratório de Informática Educativa?

O papel do professor de informática, em linhas gerais, é coordenar o espaço do LIE. Ele deve propor atividades práticas para que, de fato, aconteça o trabalho pedagógico por meio das tecnologias digitais. Silva (2012, p. 58) acredita que o trabalho do professor de informática vai além dos trabalhos desenvolvidos pelos professores de disciplinas pelo fato de deixarem a docência convencional, “[...] incorporando funções como: a formação de outros professores, organização do espaço do laboratório e difundir o uso das tecnologias entre os membros da escola”.

Compartilho com a visão do autor de que o professor de informática também pode proporcionar momento de formação a outros professores dentro do espaço escolar, embora tenha deparado, nesse trabalho, com uma realidade em que nem todos os profissionais que atuam no laboratório possuem a função de promover formação a outros docentes. Mas acredito que essa possibilidade poderia ser aproveitada pela escola e pelos NTEs, o que contribuiria com a aprendizagem de outros professores no tocante à incorporação de tecnologias digitais aos seus conteúdos e retiraria do professor do laboratório o peso de ter que ser a pessoa responsável para que o trabalho com a tecnologia na escola aconteça. O que acarretaria também outra função ao professor de informática, neste caso, a de promover a formação tecnológica, também aos docentes da escola.

O município onde realizei minha pesquisa conta com uma normativa que direciona as atividades gerais tanto do laboratório quanto dos Professores de Informática Educativa, como são denominados. De acordo com essa Instrução Normativa nº 002/2004, o Artigo 15 determina a disponibilização de um professor de pré a 4ª série por turno, ou, de acordo com a necessidade de cada unidade escolar, para atuar no Laboratório de Informática. Esse profissional é indicado pela coordenação do projeto de informática do município após uma triagem e um processo de treinamento.

Com isso, percebo que para desempenhar o papel de professor de informática, neste espaço, é necessário ter, no mínimo, uma formação superior, seja ela, Pedagogia ou Normal Superior, pois o mesmo deve ser um professor com licença para atuar na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental. O que já aponta para a necessidade de um perfil profissional para aquele que for trabalhar no laboratório. Ainda segundo a referida Normativa, no Artigo 16, é mencionado:

[...] a escolha do “laboratorista” será feita prioritariamente dentre os professores de pré a 4ª série da unidade que possui laboratório, sendo vedado a este exercer a função de professor eventual, exceto quando o laboratório não estiver em condições de uso (Instrução Normativa, [n. p.], 2004.).

Com isso, é perceptível que este profissional deve estar diretamente vinculado ao quadro do magistério, possuindo habilidades para desempenhar uma função pedagógica. Essa Instrução Normativa apresenta em detalhes algumas funções que devem ser desempenhadas por esses profissionais, explicitadas nas Orientações para o Funcionamento dos Laboratórios de Informática, quais sejam:

- ❖ “Cabe ao ‘laboratorista’ informar aos professores regentes sobre as possibilidades de uso do laboratório de informática e incentivar o uso do mesmo, orientando sobre o funcionamento de programas ou de sua aplicação para os alunos”.
- ❖ “O ‘laboratorista’ deverá agendar data e horários para atividades a serem desenvolvidas no laboratório”.
- ❖ “Auxiliar o professor regente em seus módulos para que desenvolva suas aulas e projetos”.
- ❖ “Receber os alunos com a sala preparada para a atividade proposta e organizados”.
- ❖ “Apoiar o professor regente da turma durante a aula no laboratório de informática, sanando dúvidas e orientando de acordo com suas necessidades”.
- ❖ “Auxiliar e mesmo desenvolver nos projetos pedagógicos realizados pela escola, trabalhando em parceria com os profissionais envolvidos. Com isso, realizar um trabalho cooperativo, onde a participação de todos é fundamental”.
- ❖ “O ‘laboratorista’ deverá preencher os instrumentais solicitados pelo NTE e encaminhá-los toda última sexta-feira de cada mês ao mesmo”.

(Instrução Normativa nº 002, [n. p.], 2004).

Ferreira (2005) afirma que o papel do professor de informática, além de desempenhar atribuições referentes à sua função, é auxiliar o professor e o aluno diante das dificuldades apresentadas quanto ao manuseio do computador.

A autora esclarece que este profissional está diretamente vinculado ao quadro do magistério e, assim, cabe a ele a responsabilidade na educação integral dos alunos em parceria com o professor da disciplina.

As funções e perfil do professor de informática apontados pelos Manuais de Orientações Gerais do funcionamento dos Laboratórios de Informática Educativa pouco diferem de um estado para outro. Porém, as denominações que esse profissional recebe são variadas e encaminham para desempenhar uma determinada função no Laboratório de Informática da escola, segundo as concepções que a denominação remete.

Cruz (2009) trata esse profissional como “técnico de laboratório”. A autora oferece cursos de capacitação aos profissionais que atuam direta ou indiretamente nos diferentes laboratórios didáticos da escola. Acredito que a concepção mencionada ocorre em função da atividade técnica desenvolvida pelo profissional que trabalha no Laboratório de Ciências, Química e mesmo nos Laboratórios de Línguas das universidades. Ou seja, a meu ver, trata-se de uma denominação histórica, retomada a todo profissional que desempenha suas atividades nos diferentes laboratórios, sejam eles didáticos ou não. Mas é importante salientar que o técnico não possui a função de realizar atividades pedagógicas junto ao aluno; cabendo ao professor desempenhá-las. Embora cientes dessas particularidades, ainda temos aceitado e contribuído para que essa denominação permaneça, mesmo sabendo e, muitas vezes, até cobrando que esse profissional contribua nas funções pedagógicas dentro do laboratório.

Outro termo encontrado, apresentado por pesquisadores como Ferreira (2005) e Brito (2008), é a concepção que ocorre no estado de Goiás, onde o profissional é tratado por “professor dinamizador”. Essa concepção remete-nos à ideia de um laboratório dinâmico, em constante movimentação de alunos e professores, realizando trabalhos com a tecnologia na educação. Essa concepção sugere-nos um espaço em que de fato acontece o trabalho com as tecnologias digitais, isto porque há uma figura que consegue articular todo esse trabalho no laboratório, o professor dinamizador.

Porém, não é esse o cenário apresentado nos trabalhos dos autores, pois eles relatam a forte resistência dos professores em levar as turmas ao laboratório, considerando que há uma sobrecarga de funções a esse profissional. O que o impede, muitas vezes, de desempenhar suas próprias funções junto ao professor e ao aluno no laboratório. Essa concepção, embora

interessante, acarreta um peso sobre esse professor do laboratório que, praticamente sozinho, ficaria impossibilitado de desenvolver essa atividade na sua plenitude.

O Professor Orientador de Informática Educativa – POIE - é a concepção apresentada por Dutra (2010). Essa concepção refere-se aos profissionais que atuam nos Laboratórios de Informática no estado de São Paulo. A concepção a que o termo nos remete é a de um espaço de orientação que esse professor possibilita a outros professores e aos alunos para que possam desenvolver o trabalho com as tecnologias digitais de maneira independente e autônoma. Essa é a visão ideal, a meu ver, por possibilitar que professores e alunos criem e produzam seus materiais de trabalho no LIE. Esse profissional estaria ali para orientar, possibilitando que os trabalhos que tanto professores como os alunos quisessem desenvolver de fato se concretizassem a partir das orientações e parcerias estabelecidas. Nessa visão, seria o professor ou mesmo o aluno a dar um primeiro passo, demonstrando interesse em lidar com as tecnologias em suas atividades.

De acordo com Petitto (2003), esse professor recebe o nome de professor facilitador de tecnologia na escola. Essa concepção remete-nos à ideia de um professor que possui a função de facilitar, por meio de novas ferramentas tecnológicas, para que professores e alunos possam utilizar as tecnologias no ambiente escolar. O professor facilitador prepara o ambiente, os suportes a serem utilizados, explicita para os envolvidos na aprendizagem suas escolhas e o que cada ferramenta pode oferecer para uma determinada produção. Segundo meu entendimento, é um profissional que precisa estabelecer momentos de constantes diálogos com o corpo docente da escola e com os alunos.

Petitto (2003) explicita diferentes maneiras pelas quais podemos nos beneficiar do Laboratório de Informática Educativa na escola por meio de projetos educacionais. Porém, a ideia dos projetos nasce a partir da observação feita pelos professores da disciplina e do professor facilitador, no momento das atividades no laboratório. Sendo assim, são os alunos que produzem os materiais, a partir do tema em discussão, da mediação do professor especialista na disciplina e da mediação tecnológica do professor facilitador.

Santos (2007), em sua pesquisa, buscou identificar contribuições e limites da prática da monitoria no Laboratório de Informática de uma escola pública no estado da Bahia e as implicações dessa monitoria no ensino-aprendizagem dos alunos. Para tanto, a autora tenta compreender quais são os aspectos da inclusão digital na escola, quais são as estratégias utilizadas para o acesso a essas tecnologias por meio do uso do computador e da *internet* pelos alunos e qual o sentido da monitoria nesse processo.

A autora, ao abordar o papel da monitoria, teve a intenção de compreender em que esse papel poderia contribuir para o ensino-aprendizagem do aluno na escola. Santos (2007) ressaltou que trata-se de uma prática comum entre os professores que, muitas vezes, colocam os alunos em duplas, para que um possa auxiliar o outro.

Na atualidade, essa prática vem sendo desenvolvida em vários espaços formativos. Com o nome de tutoria ou monitoria, as escolas oferecem aos alunos a oportunidade de ajudar os colegas nos conteúdos nos quais são melhores, estimula-os a estudar para ensinar os colegas da sala (SANTOS, 2007, p. 46).

Em decorrência da ausência de um profissional específico para o laboratório, muitos estados do Brasil recorrem à prática de utilização de monitores que auxiliam o trabalho do professor no laboratório. Em geral, são alunos de séries mais avançadas, capacitados tecnologicamente ou que se destacam nas atividades escolares e que já possuem conhecimentos de informática. A escola trabalha já há algum tempo com esse trabalho de monitoria. Diante disso, os alunos mais capacitados, ou mesmo aqueles que se destacam nos estudos podem ser beneficiados com a monitoria, auxiliando outros alunos, nesse caso, nas atividades desenvolvidas no laboratório. Essa é uma prática que tem sido utilizada como prêmio aos “bons” alunos.

Essa visão é interessante pelo fato de motivar o aluno em relação aos estudos, mas incômoda por excluir a maioria. E nosso papel é proporcionar a participação de todos para que tenham a oportunidade de aprender. Outra preocupação é que nem sempre esse aluno poderá estar presente no laboratório, o que poderia impossibilitar esse trabalho em alguns momentos. Nessa perspectiva, compreendemos que, mesmo havendo um compromisso, não há uma obrigação do aluno monitor em estar presente, todos os dias, no laboratório.

Encontramos em Lima (2004), Oliveira (2005) e Goulart (2008) a concepção Professor de Informática Educativa – PIE - utilizada em Natal, Vitória e em uma cidade no Triângulo Mineiro. É importante ressaltar que anteriormente a essa denominação, na cidade do Triângulo Mineiro, esse professor recebia o nome de “laboratorista”. A partir do termo laboratório, consta no dicionário laboratorista que é a pessoa que trabalha no laboratório, manipulando os diferentes equipamentos e materiais existentes no mesmo. Denominação que nos remete também a uma função técnica que, embora tenha a ver com a função docente não se restringe somente a isso. De acordo com Goulart (2008), o termo “laboratorista” pouco

agradou aos profissionais que se sentiam descaracterizados de suas funções docentes. Assim, em 2001, passaram a ser chamados de Professor de Informática Educativa.

Entretanto, embora tenha ocorrido essa mudança em relação à denominação, não houve mudanças no Manual de Funcionamento dos Laboratórios de Informática (2004) e na Instrução Normativa (2004), reguladora do trabalho no laboratório que, em vários momentos, remetem ao professor como “laboratorista”. A concepção Professor de Informática Educativa remete-nos a um trabalho colaborativo, ou seja, uma parceria entre ambos os professores, da turma e do laboratório. Neste trabalho, adoto a denominação utilizada no Triângulo Mineiro “Professor de Informática Educativa” - PIE, por ser o espaço onde acontecerá minha pesquisa e por acreditar que o trabalho no laboratório requer estabelecimentos de parcerias entre os professores.

Algumas outras concepções foram encontradas em *sites* de Secretarias de Educação Municipal de outros estados como; professor de tecnologia, na Bahia, orientador tecnológico, no Rio de Janeiro. Ambas as denominações encontradas, a meu ver, remetem a um trabalho técnico, voltado, exclusivamente para o conhecimento tecnológico, necessitando do professor para complementar o trabalho pedagógico.

Na Figura 10, a seguir, demonstro as diferentes nomenclaturas com que nos deparamos, nesse estudo, as quais se referem aos profissionais que atuam nos Laboratórios de Informática Educativa. No entanto, não queremos nos ater às denominações, mas às concepções que implicam o fazer pedagógico desse profissional no laboratório da escola.

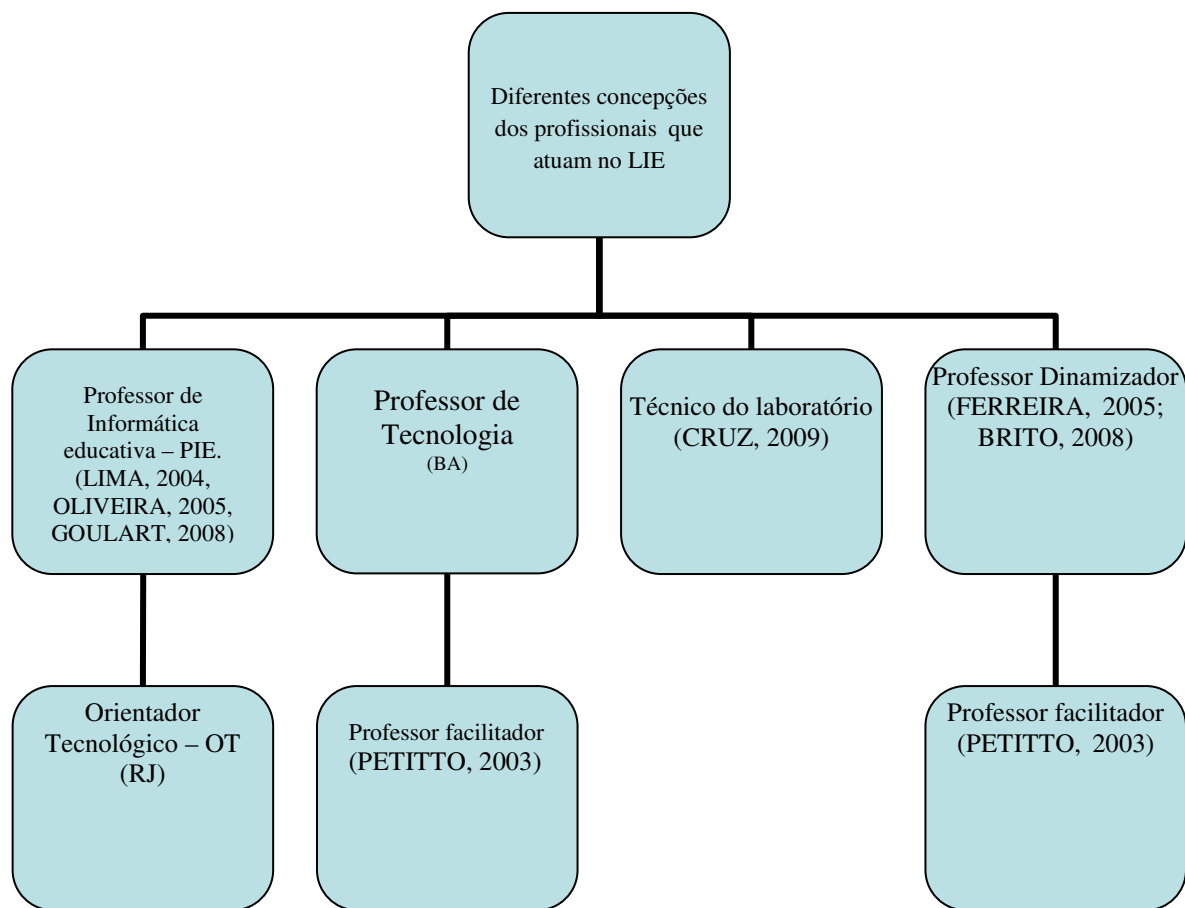


Figura 10 - Mapa diferentes concepções dos profissionais que atuam no LIE
Fonte - Elaborado pela Autora, out. 2012.

Esclarecemos que, mesmo a Figura 10 disposta de uma maneira que possa dar a ideia de hierarquia, não é esta minha intenção. Esta foi uma maneira de apresentar as diferentes concepções, apontadas pelos diferentes teóricos pesquisados.

Capítulo II

METODOLOGIA DE PESQUISA - TÉCNICA DE PINTURA

Neste Capítulo apresento a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Primeiramente, discorro sobre a Pesquisa Narrativa, em seguida, abordo o contexto em que a pesquisa ocorreu, os participantes, meus textos de campo e, finalmente, a perspectiva que utilizo para análise dos textos de campo.

A metodologia que ancorou este trabalho foi a Pesquisa Narrativa que de acordo com Clandinin e Connelly (2000, 2011), “[...] é o estudo da experiência humana, enquanto histórias vividas e contadas”, esta se constitui, acima de tudo, como uma maneira de refletir sobre essas experiências vivenciadas (CLANDININ; CONNELLY, 2000, 2004).

Pesquisas com esta abordagem vêm sendo amplamente desenvolvidas por estudiosos na área educacional, tais como: Telles (2002, 2004, 2006); Mello (1999, 2004, 2010); Almeida (2008), Dias (2009), Arantes (2009), Silva (2011) e Brandão (2011). Acredito que isto ocorre por ser um caminho interessante para se compreender as experiências que vivenciamos ao longo de um processo de pesquisa com participantes ou individualmente.

A Pesquisa Narrativa também pode ocorrer colaborativamente, quando o pesquisador analisa sua própria experiência, juntamente com outros participantes (MELLO, 2004). Assim, a nossa intenção como pesquisador narrativo é compreender as práticas desenvolvidas no decorrer do trabalho e refletir sobre a experiência vivenciada com nossos participantes de pesquisa, de modo a perceber em que esta poderá contribuir para o nosso crescimento pessoal e profissional.

Os autores da Pesquisa Narrativa defendem ser esta proposta metodológica percebida em um espaço tridimensional que faz movimentos no tempo (presente, passado e futuro), ressaltando aspectos pessoais e sociais do pesquisador e do participante bem como o lugar, pois essas dimensões modelam nossas vidas e afetam o modo como contamos nossas histórias. Essas dimensões foram percebidas ao longo desta pesquisa.

A escolha por essa metodologia deve-se ao fato de tomarmos a experiência como objeto de estudo. Como minha proposta foi analisar uma experiência vivenciada com uma professora “laboratorista”, visando compreender sua função no laboratório de informática da escola, acreditei ser este o melhor caminho.

Nós, pesquisadores narrativos, entramos em campo para fazer parte da história do espaço. De acordo com Clandinin e Connelly (2000, 2011), o pesquisador adentra as histórias e as ações do contexto, vivenciando sua história individual e a dos outros ao mesmo tempo. E, a partir das histórias relatadas, vividas e observadas, o pesquisador cria diferentes textos de campo, que serão seus documentos de pesquisa os quais poderão ser constituídos também de seus documentos pessoais; seus diários, poemas (escritos nas diferentes situações da pesquisa), narrativas orais e escritas, fotografias, conversas com os participantes, dentre outros.

Ainda de acordo com Clandinin e Connelly (2000, 2011), para o desenvolvimento de uma pesquisa com base nos pressupostos da Pesquisa Narrativa, existem dois caminhos a seguir: o “vivenciar”, que corresponde à experiência vivenciada no presente; e o “contar”, que se refere ao contar das histórias, o recobrar de uma experiência vivida anteriormente. Essas histórias são lembradas, significadas e ressignificadas pelo pesquisador e seus participantes. A pesquisa presente foi realizada com predominância na perspectiva do “vivenciar” por se tratar de um processo com base em minha vivência, juntamente com minha participante de pesquisa.

2.1 Contexto de Pesquisa na Escola

Esta pesquisa foi realizada em um Laboratório de Informática de uma escola pública municipal, em uma cidade do Triângulo Mineiro, na qual acompanhei o trabalho da “laboratorista” da escola, por um período de nove meses. Os encontros aconteceram no segundo semestre de 2011, de outubro a dezembro, e no primeiro semestre de 2012, de fevereiro a julho. Os encontros ocorreram uma vez por semana, às quartas-feiras, no período da tarde, das 13h00m às 17h30m. O critério para a escolha do local de realização da pesquisa foi o fato de a escola possuir um Laboratório de Informática com uma “laboratorista” responsável pelo espaço.



Figura 11 - Figura 12 - Fotos do Laboratório de Informática Educativa da escola A e B
 Fonte - Texto de campo (arquivo pessoal) da autora, 2011.

O Laboratório de Informática da escola está instalado em uma sala ampla, arejada e que foi adaptada para seu funcionamento. Anteriormente, era um vestiário feminino, hoje, conta com dois aparelhos de ar condicionado como sistema de refrigeração para auxiliar no bom funcionamento dos computadores. Há dois extintores de incêndio afixados na parede da sala, um quadro branco e um armário. Possui 33 computadores com caixas de som e fones de ouvido, todos conectados à *internet*. Um dos computadores é destinado apenas à “laboratorista” e outro aos professores para preparação de seu material didático; e os 31 restantes são destinados às atividades com os alunos. Há 4 impressoras e 54 cadeiras: em alguns momentos, os alunos precisam se sentar em duplas para realizar as atividades propostas pelo professor.

2.2 Os Artistas Plásticos - Participantes de Pesquisa

Este estudo conta com a participação de duas participantes diretas. Eu, a pesquisadora, e uma professora “laboratorista” de uma escola municipal, localizada no Triângulo Mineiro. Para a realização da pesquisa foi necessário solicitar autorização à diretora da escola. Esta ação foi necessária visto que era importante ter o consentimento dos participantes, pois eles deveriam estar cientes do processo que seria realizado no decorrer da pesquisa. Para isso, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da universidade com os nomes de todos os participantes, sendo eles envolvidos direta ou indiretamente. Estes participantes foram esclarecidos sobre a pesquisa e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, anexo a esta dissertação. A diretora da escola, os alunos e os professores

foram meus participantes indiretos, há, nessa dissertação, uma narrativa do momento em que a diretora recebeu-me na escola. Sobre os demais participantes indiretos não apresentei nenhuma narrativa, embora eles estivessem presentes no laboratório, no decorrer desta pesquisa.

Eu, a pesquisadora do presente estudo, sou aluna do curso de Mestrado, professora regente na Educação Infantil, atualmente com turmas de 1º ano (antigo 1º período), alunos de 5 anos. Atuo nesta área há 8 anos em uma escola municipal, onde sou efetiva. Sou formada em Letras, com licenciatura Plena em Português/Inglês, pela Universidade Federal de Uberlândia. Participei de um Curso de Pós-Graduação *lato sensu* sobre Tecnologia na Educação em uma faculdade particular do Estado de Minas Gerais. Ressalto que foi no decorrer desse curso que comecei a me interessar pela temática da tecnologia aliada à educação. Também sou professora regente em uma escola especial em Uberlândia, há experiência de 9 anos, lecionando para crianças com Síndrome de *Down*.

Em relação à participante desta pesquisa vale destacar que ela é Professora de Informática Educativa, “laboratorista”, formada em Pedagogia por uma faculdade particular e tem 42 anos de idade. Ela é especialista em Tecnologias Digitais Aplicadas a Educação, com 15 anos de experiência de trabalho, lecionando para turmas de primeiro ao quinto ano (1ª a 4ª séries) na mesma escola, sendo que 10 anos foram dedicados às funções no Laboratório de Informática Educativa. Antes de trabalhar nesse espaço, ela foi regente em turmas de 1º ao 5º ano, do Ensino Fundamental I, nas quais lecionava as seguintes disciplinas: Português, Matemática, Ciências, História e Geografia.

2.3 Os Pincéis - Instrumentos de Composição de Textos de Campo e Procedimentos Metodológicos

Os textos de campo utilizados para este estudo são compostos, a partir dos seguintes instrumentos: (i) diários registrados por mim, sempre ao final dos encontros no laboratório com a Professora de Informática Educativa; (ii) as notas de campo (observações da experiência no laboratório) – anotações diárias que eu pesquisadora julgava oferecer possibilidades de compreender minha experiência; (iii) as conversas informais entre mim e a “laboratorista” durante nossos encontros. A narrativa descrita pela “laboratorista”, após os meus relatos a ela, foi escrita no momento em que estávamos participando das atividades no Laboratório de Informática; (iv) os arquivos de atividades do laboratório.

Quanto aos diários, estes foram utilizados somente por mim, para registrar a experiência no laboratório com a “laboratorista”, ao final de cada encontro, bem como a narrativa da “laboratorista” participante, que relatou sua experiência de trabalho com tecnologias na escola.

2.4 Análise do Material Documentário

A análise dos textos de campo foi realizada por meio da composição de sentidos, conforme discutem Ely, Downing, Vinz e Anzul (2001). Por meio dessa perspectiva, podemos entender nossos textos de campo de maneira diferente. De acordo com os autores, ao olhar mais de perto nossos textos de campo, podemos perceber temas e analisá-los, uma vez que a língua nos ajuda a construir e representar nossa experiência. Faz-se necessário, então, atribuir sentidos às experiências vivenciadas. Os autores enfatizam ainda que as atitudes do pesquisador permeiam os sentidos compostos durante a análise das histórias. É por essa razão que esses sentidos compostos não refletem uma realidade, mas uma versão da realidade. Assim, estou ciente de que as histórias relatadas, nessa dissertação, não são a única interpretação, mas a maneira e a forma que escolhi contar e atribuir sentidos à experiência que vivenciei.

Capítulo III

ESBOÇANDO A PINTURA – CONTANDO ALGUMAS HISTÓRIAS

*Pincel e tintas à mão
Acreditei mais nada precisar.
E a paisagem que eu tanto quis pintar,
sem saber o que retratar.
Doce ilusão! Precisei reconhecer
que ao velho lápis e a borracha
precisava me aliar
Para, enfim, meu esboço realizar.*

(Notas de campo da autora, segundo semestre 2012)

Neste Capítulo apresento histórias de minha experiência com a professora de informática no Laboratório de Informática Educativa. Faz parte desse material minha história desde o primeiro contato com a diretora até as minhas narrativas com a professora de informática no laboratório. Assim, os textos de campo desse estudo foram os seguintes: conversas com a PIE; o *site* da escola; duas histórias que recobro experiências profissionais em laboratórios didáticos; quatro modelos de atividades trabalhadas pelo professor de Língua Portuguesa e pela professora de informática no laboratório, no decorrer do período em que estive participando das atividades bem como um projeto elaborado em parceria com a Professora de Informática Educativa.

Para contar essas histórias, recorri à linguagem metafórica, e sendo assim, o laboratório, nesse trabalho, passou a ser o cenário que queria pintar, mesmo não sabendo ao certo a paisagem que melhor poderia retratá-lo. Nesse sentido, precisava conhecê-lo, entender um pouco de suas histórias e pintá-lo em minha tela da maneira que eu o compreendesse. Esse capítulo “Esboçando a pintura – contando algumas histórias” retrata, então, as experiências que tive com o cenário, antes de realizar o trabalho na tela que tanto quis pintar - essa dissertação. Preciso esclarecer que o contar dessa experiência já é uma composição de sentidos por ser esta a maneira que a vejo e, conseqüentemente, escolhi narrá-la.

Para facilitar a compreensão, este capítulo está dividido em duas partes: na primeira, descrevo como aconteceu minha entrada na escola (conversa com a diretora) e o encaminhamento para o Laboratório de Informática. Em seguida, focalizo as narrativas da experiência que vivenciei com a PIE. Estas surgiram por meio de observações das atividades realizadas, de conversas que mantivemos no decorrer do trabalho e mesmo da relação de parceria que acredito ter se estabelecido entre mim e a Professora de Informática Educativa, no laboratório, com o contar da experiência. Posteriormente, apresento modelos de atividades que foram trabalhadas no Laboratório de Informática, incluindo também um projeto elaborado por mim e a professora de informática.

Na segunda parte, realizando o recontar da experiência que vivenciei, inicio a análise da experiência, a partir da composição de sentidos por mim realizada. Nessa composição, apresento três tematizações que ajudaram-me a compreender melhor a experiência, bem como a responder minhas perguntas de pesquisa, visando alcançar os objetivos desse trabalho. São elas: i) as concepções de laboratório adotadas no Laboratório de Informática pela Professora de Informática Educativa, na experiência vivida; ii) o papel da PIE, a partir das concepções que são adotadas no Laboratório de Informática da escola e iii) a análise da atividade que desenvolvemos em parceria e o nosso papel como PIE.

3.1 Entrando na escola: quem é você?

Em uma manhã, entrei em contato com a diretora da escola e marcamos um encontro no período da tarde. Por telefone, não adiantei o assunto, pois queria tratá-lo pessoalmente. Achei que essa seria a maneira correta para que eu pudesse pedir permissão para realizar minha pesquisa naquela escola. Como tentativa de mostrar o quanto foi difícil para mim, o caminho de entrada na escola e mesmo descobrir qual deveria ser minha postura na escola, como pesquisadora e participante das atividades desenvolvidas no LIE, escrevi este poema:

Entrando em campo

O caminho até a escola

não foi fácil descobrir.

Hoje me pergunto o por quê?

Será que faltou sinalização nas ruas?

Meu GPS não estava atualizado?

Quanto receio na chegada!
Este não deveria ser o meu lugar?

(Notas de campo da autora, segundo semestre 2011)

Cheguei um pouco mais cedo à entrada dos alunos, sentei-me em um banquinho de concreto e fiquei observando a diretora à distância. Permaneci por mais ou menos uma hora na mesma posição, porém meus olhos não queriam perder nada, pareciam querer fotografar cada momento, meus pensamentos estavam a mil. A diretora recebia os alunos com tanta cordialidade que fui encorajando-me aos poucos. Mas em meus pensamentos havia bastante insegurança:

- Será que a diretora abrirá espaço para que eu participe das atividades no laboratório da escola? Como devo proceder para que ela não me veja como uma intrusa que está aqui para bisbilhotar e depois falar mal do trabalho desenvolvido?

(Notas de campo da autora, out. 2011)

A escolha para desenvolver a pesquisa nessa escola ocorreu após a informação de que esta escola da rede municipal foi a segunda a receber o Laboratório de Informática, ou seja, a escola possui uma tradição quanto ao trabalho com o Laboratório de Informática Educativa.

A diretora passou por mim algumas vezes e, nessas idas e vindas, ela estava resolvendo assuntos da escola. Porém, ela já havia me dito que logo falaria comigo, solicitando que eu a aguardasse. Senti, em sua fala, bastante gentileza e respondi, retribuindo-lhe que ela poderia ficar sem preocupações com minha presença, eu esperaria o tempo que fosse necessário.

Chegou o momento esperado, fui convidada a entrar na sala da diretora para conversarmos, passei os olhos por todo espaço, uma estante com muitos troféus chamou-me atenção, mas não me atrevi a perguntar sobre eles. Esse meu receio era por, anteriormente, ter solicitado algumas informações sobre a diretora da escola, e ouvir, de terceiros, que se tratava de uma pessoa muito “brava” e, que talvez nem me deixaria participar das atividades no LIE.

Logo que entrei na sala me apresentei e disse a ela que também trabalhava na rede municipal de ensino. Explicitei que meu interesse pela escola era pelo fato de estar cursando Mestrado em Estudos Linguísticos e ter como foco de pesquisa o espaço do laboratório bem como esse “novo” profissional responsável pelo ambiente, que se insere no contexto escolar.

Assim, pedi permissão à diretora para que eu pudesse conviver alguns meses com a PIE a fim de aprender sobre o trabalho no laboratório e conhecer o papel do professor de informática.

Alegrei-me ao olhar para a diretora que fora bastante receptiva e que me confidenciou que também havia sido PIE, mas havia se afastado por ter assumido a direção da escola. Contou-me que havia desempenhado essa função na escola por doze anos e há cinco estava na direção. Ela me disse que a escola foi a segunda da rede municipal a implementar o Laboratório de Informática.

Confesso que me senti muito à vontade em conversar com a diretora, fiz a ela alguns questionamentos, com intuito de aprender com um profissional mais experiente no assunto. A diretora, por sua vez, também demonstrou interesse pela nossa conversa. Conversamos sobre o que ela entendia como sendo papel do profissional do laboratório de informática, sobre a postura do profissional frente aos demais professores da escola que deveria ser a de incentivar a participação de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem no espaço do laboratório. Questionei-a sobre as exigências para participar do processo seletivo para a vaga de Professor de Informática Educativa da escola. Abaixo, descrevo o diálogo inicial que tive com a diretora, este já me leva a refletir muito, sobre as indagações feitas acima:

- No início das atividades no laboratório, contávamos apenas com um computador, isso foi em 1997/1998, éramos um grupo de seis colegas e fizemos o curso que foi oferecido pelo Programa Nacional de Tecnologia Educacional - PRODAUB. Quando comecei a fazer o curso eu não sabia nada de informática, nem mesmo ligava um computador. Lembro-me que eu anotava tudo que falavam no curso, então, chegava mais cedo na escola e me direcionava para o laboratório, para tentar fazer sozinha tudo que eu havia estudado, queria verificar se havia aprendido. Eu fiz o curso e me destaquei entre as alunas e com isso fui convidada a trabalhar no laboratório. Aceitei o convite, pois sempre fui muito curiosa e creio que esta é uma característica fundamental para o trabalho com as novas tecnologias na educação.

(Notas de campo da autora, out. 2011)

Então, perguntei-lhe: Como você define o papel do PIE no laboratório?

- O papel da “laboratorista” é transpor o planejamento do professor para o computador sempre utilizando a criatividade, desenvolver diversos materiais pedagógicos com os softwares disponíveis na escola e na internet, incentivar a participação dos professores no laboratório, auxiliar os alunos no momento que os professores estão presentes

com a turma e questionar o professor sobre as suas necessidades de forma a colaborar com esses professores e alunos.

Claro que nem sempre os horários de encontros são os mesmos, mas também faz parte de nossa função recorrer sempre à coordenadora pedagógica que tem horários com todos os professores e acompanha tudo o que está sendo trabalhado pelos professores. Digo isto porque hoje percebo que se perdeu muito a função do “laboratorista”, pois quando comecei eu desbravei, juntamente com outras cinco colegas que trabalhavam em outras escolas, esse campo da informática na educação, tudo era muito novo e não havia um modelo a seguir, tínhamos que aprender fazendo, trocávamos muitas experiências. Porém, preciso ser muito sincera com você, hoje não percebo mais essa curiosidade, essa vontade de instigar os professores a participarem das aulas no laboratório.

(Notas de campo da autora, out. 2011)

“-Você acredita que a postura do profissional que está no laboratório é que faz a diferença quanto à participação ou não dos outros professores?”

- Sim, porque eu incentivava muitos os professores a participarem juntamente comigo, tanto é que a maioria das aulas que você encontrará disponíveis no computador foi desenvolvida em parcerias, você lerá: de “Fulano” desenvolvida por mim. Isto quer dizer que o planejamento é do professor e foi desenvolvida por mim. Eu preparava a aula no computador e chamava o professor para que ele pudesse ver como havia ficado, se tinha gostado, o que queria mudar e isto acabava por incentivar o professor a participar cada vez mais. Eu corria atrás dos professores, nos horários que eles estavam disponíveis e, com isso, eles se sentiam parte do processo.

Acredito que essa minha postura fazia toda a diferença. Hoje vejo o Laboratório de Informática muito “apagadinho”, os professores quase não frequentam o espaço, dizem que não dominam tecnologias e acaba ficando por isso mesmo. Se o professor diz que não vai naquele horário por um determinado motivo, as “laboratoristas” nem se importam, elas acreditam que fizeram sua parte. Quando eu assumi o laboratório da escola, montaram uma mini-sala com quinze computadores, não tínhamos ar condicionado na sala, nem mesmo internet, realmente não era fácil, porém, hoje, com toda estrutura de recursos que estão disponibilizados para nossa utilização, o trabalho deixa muito a desejar.

(Notas de campo da autora, out. 2011)

- E quais são as medidas ou ações diante de tudo isso, de maneira a tentar mudar essa realidade?

- Sinto-me muito triste, mas não tenho muito o que fazer, pois a escola é muito grande e preciso lidar com muitas coisas ao mesmo tempo. Gostaria mesmo é que as pessoas se conscientizassem e cada um cumprisse sua função; o professor que deveria participar das atividades no laboratório com os alunos. A “laboratorista”, cujo papel é transpor o planejamento do professor para o computador, utilizando sempre a criatividade, precisa desenvolver diversos materiais pedagógicos com os softwares disponíveis na escola e na internet, incentivar a participação dos professores no laboratório, auxiliar os alunos no momento que os professores estão presentes com a turma, questionar o professor sobre as suas necessidades de forma a colaborar com esses professores e alunos.

O professor de informática precisa estar sempre se atualizando, eu não me sinto hoje mais preparada para voltar ao laboratório antes de me atualizar. Você terá a oportunidade em observar quantas aulas interessantes temos para que o “laboratorista” possa, também, contribuir com o professor no momento em que estão ociosos com um reforço para os alunos, enfim, de muitas maneiras, mas isso não acontece.

(Notas de campo da autora, out. 2011)

Perguntei à diretora se todas as “laboratoristas” haviam participado do Curso de Especialização de Tecnologias na Educação.

- Sim, esta é uma das condições para participar do rodízio que é feito no Laboratório de Informática. Eu acredito, e pelo que observo é que o curso até ajudou, porém, não contribuiu muito para que houvesse mudanças de postura por parte desses professores.

(Notas de campo da autora, out. 2011)

Confesso que gostei bastante do primeiro contato com a diretora, pois senti que ela era “apaixonada” pelo espaço do Laboratório de Informática Educativa. Para mim, foi uma conversa com que aprendi bastante e, se fosse permitido, eu permaneceria ali por mais tempo conversando, mas ela precisava continuar seu trabalho e outras pessoas já a aguardavam. Ela permitiu-me participar das atividades no laboratório e fomos imediatamente conversar com a

professora. No laboratório, foram feitas às devidas apresentações entre eu e a PIE. Porém, na sala da diretora, já havia iniciado minha aprendizagem sobre o LIE.

3.1.1 Pedindo Permissão à Professora de Informática Educativa

Mesmo tendo recebido a permissão da diretora, eu precisava ser aceita pela PIE, uma vez que ela seria minha participante direta. Pedir permissão à professora foi uma demonstração de respeito por ela e pelo trabalho que ela desenvolve no laboratório. Devo mencionar que isto também faz parte de uma postura ética de todos os pesquisadores.

No laboratório, fui bem recebida pela Professora de Informática Educativa e, naquele mesmo encontro, conversamos muito. Conteí-lhe quem eu era e qual era minha intenção ao procurá-la. Enfim, disse-lhe que queria vivenciar uma experiência juntamente com ela, no Laboratório de Informática, a fim de aprender sobre o trabalho nesse espaço e o papel da Professora de Informática Educativa no LIE. Logo, também coloquei-me à disposição para colaborar com o seu trabalho.

Iniciei contando o que me motivou a estudar sobre o tema, explicitiei que havia participado do Curso de Especialização de Tecnologias na Educação, mas que após o curso, ainda não havia trabalhado no LIE. Falei de minha experiência em laboratório de informática como instrutora em uma ONG e que minhas ações baseavam-se em ensinar o aluno a trabalhar com alguns programas operacionais para que pudesse realizar suas atividades diárias. Como professora, havia trabalhado em uma escola desenvolvendo atividades com alunos que necessitavam de Atendimentos Educacionais Especiais.

Esclareci que meu interesse era conhecer quais as atividades desenvolvidas em um LIE, o que é ser PIE e qual o seu papel nesse contexto. E por fim, disse-lhe que, em minha pesquisa, eu trataria do trabalho que ela desenvolveria em relação ao ensino-aprendizagem dos alunos e professores, mediados pelo computador, no laboratório de informática, no que se refere à Língua Portuguesa. Além disso, observaria os materiais didáticos e sua preparação para o ensino.

Quis saber, também, como ela desenvolvia as aulas no computador para que os professores trabalhassem com os alunos. Ela respondeu-me que a proposta era que os professores entregassem seus planejamentos a ela, porém, confidenciou-me que, na maioria das vezes, apenas ela elaborava as atividades e solicitava que os professores fizessem suas

escolhas acerca das atividades a serem trabalhadas, no horário que estivesse agendada sua ida ao laboratório.

Fernanda relatou-me:

- Dificilmente um professor me entrega um planejamento, às vezes acontece até de eu colocar uma aula escolhida pelo professor e a aula está muito além ou aquém à turma e eu ter que retirá-la e substituí-la por outra qualquer, no momento da aula mesmo.

(Notas de campo da autora, set. 2011)

Diante desse relato, perguntei-lhe se, no mínimo, o professor tomava ciência do material antes de apresentá-lo ao aluno.

– Não, na maioria das vezes escolhe pelo título da atividade e por isso às vezes não condiz com as condições da turma. Porém, a proposta inicial seria para o professor me enviar com antecedência seu planejamento para que eu montasse a aula no computador, mas isso, dificilmente acontece. Eu procuro manter um diálogo aberto com os professores para que eles me procurem, pelo menos para conhecer os projetos que eu estou desenvolvendo para os alunos no laboratório, mas é complicado.

(Notas de campo da autora, set. 2011)

Conversei muito com Fernanda, eu tinha tantas perguntas a fazer e muito a observar para compreender qual era o trabalho ali realizado. Os professores entravam com suas turmas no laboratório, a PIE auxiliava os alunos na entrada, passava algumas orientações quanto ao comportamento no laboratório e o professor tomava frente nas atividades a serem realizadas pelo aluno. Eu tentava contribuir com o professor no momento das atividades, após me apresentar e explicar o que estava fazendo no laboratório. Fernanda apresentava-me os materiais que ela utilizava no laboratório, sempre que havia um intervalo entre uma turma e outra e também normas que orientavam seu trabalho. Sua intenção era mostrar que o trabalho que era realizado estava de acordo com as orientações. Fernanda, então, entregou-me uma apostila:

- Essa apostila enviada pelo Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE - resalta as funções do PIE. Acredito que depois de ler esse material você entenderá melhor qual é nossa

função e quais são as atividades que eu desenvolvo aqui no LIE. Claro que acabo desenvolvendo outras funções, além das funções descritas nesta apostila. Estas poderão ser percebidas por você no decorrer de sua participação aqui no laboratório.

(Notas de campo da autora, set. 2011)

Eu gostei muito daquele espaço e aguardava por cada retorno. Aproveitava os momentos que alguns professores não levavam a turma para o laboratório para conhecer os projetos e discutí-los com Fernanda. Nem sempre os professores levavam seus alunos, às vezes justificavam estar muito atarefados em sala de aula, outras vezes os alunos não se comportavam bem em sala e eles avisavam que não iriam levá-los ao laboratório.

Ao vivenciar essa experiência com a professora, em vários momentos, pensava sobre o trabalho que eu desenvolvia no laboratório de informática na ONG e me questionei se não se tratava de um trabalho educativo também. Talvez, no momento em que relatei à Fernanda sobre minha experiência com laboratório, eu tenha começado a compreender, realmente, o que havia sido meu trabalho naquela ONG.

3.1.2 Conhecendo um pouco mais minha participante

Ao relatar um pouco de minha experiência com as tecnologias para Fernanda e contar-lhe o que me motivou a realizar a pesquisa na qual ela era minha participante, quis conhecer como ela havia iniciado seu trabalho no Laboratório de Informática Educativa e se havia algo que a tivesse motivado.

- Desde que comprei meu computador, há uns doze anos, me apaixonei pela tecnologia digital, primeiro eu a utilizava para fins individuais, particulares: digitar provas, buscar atividades, enviar e-mail, conhecer pessoas, bater papos entre outras atividades. Em casa tenho um computador que é meu, não deixo meus filhos mexerem e, por isso, recentemente comprei um para eles. Gosto de ficar criando projetos educativos, já até comprei o programa Visual Class e instalei em casa. Minha relação com a tecnologia começou a partir de um curso que participei no Centro de Municipal de Estudos e Projetos Educacionais – CEMEPE - sobre criação de apresentação em Power Point, desde então, não parei mais e tudo que eles ofereciam de cursos nessa área eu participava.

Em seguida, no ano de 2001, surgiu o convite para trabalhar no laboratório. Eu aceitei. Depois de seis anos que já estava desempenhando as atividades no LIE, tive a oportunidade de fazer a especialização na área. Passei no processo seletivo e fiz o curso.

Quanto aos projetos que desenvolvo, alguns professores da escola que eu tenho uma maior afinidade estão sempre me perguntando o que podem fazer para desenvolver com seus alunos no laboratório. Eles sempre partem dos conteúdos que estão sendo ministrados em sala de aula. Eu gosto muito quando eles me procuram com essa finalidade, mas muitos professores não frequentam o laboratório e eu sinto pena, porque os alunos gostam muito quando vêm ao laboratório.

(Notas de campo da autora, set. 2011)

Enquanto Fernanda relatava-me sua história eu a observava atentamente, ela parecia gostar mesmo do trabalho que realizava no laboratório, sua fala parecia trazer certo orgulho do que tinha aprendido a fazer e da formação que recebera e ainda recebia no Núcleo de Tecnologia.

3.1.3 Laboratório: que espaço é esse?

Visando conhecer um pouco do espaço perguntei à Fernanda:

- Gostaria que você me contasse um pouco mais sobre o LIE, eu gostaria de conhecê-lo melhor. Quando tudo começou? Quem é contemplado com esse espaço? Enfim, que espaço é esse?

- O laboratório da escola foi inaugurado em 1995, muitas mudanças ocorreram até o presente momento, mas todas para a melhoria do espaço. Por ser um laboratório espaçoso e com muitos computadores, ele consegue satisfazer a demanda da escola tendo em vista que atende alunos nos turnos da manhã (1º ao 9º ano), tarde (1º ao 5º ano e Ensino Alternativo), noite (Educação de Jovens e Adultos - EJA) e Ensino Compacto (do 6º ao 9º ano). Nos finais de semana, o laboratório é frequentado, também, pela comunidade que participa de cursos profissionalizantes.

O objetivo para a participação da comunidade no laboratório ocorre também em decorrência de uma formação tecnológica dos que não participam, diariamente das atividades do LIE por não serem alunos da escola e outra finalidade é a profissionalização para o mercado de trabalho. Mas não é a escola responsável por essa formação da comunidade, a escola apenas cede o espaço.

(Notas de campo da autora, nov. 2011)

Nas paredes do Laboratório de Informática, havia enfeites que a meu ver alegravam o ambiente, informações e advertências para alunos e professores como: Esta sala é sua, cuide dela com carinho. Não tocar na tela do computador. *Mouse* e teclado devem ser manipulados com os cuidados necessários. Sejam bem-vindos ao espaço da informática educativa. Proibido comer e beber dentro do laboratório. Em dias chuvosos com relâmpagos os equipamentos devem ser desligados. Entrar e sair do laboratório em ordem, dentre outras.

-Então perguntei à Fernanda: isto foi uma exigência da escola?

- *Sim, minha supervisora comentou há algum tempo ao entrar no laboratório, que parecia faltar algo aqui, que as paredes estavam sem vida e muito sem graça. E me perguntou o que eu poderia fazer para torná-lo mais atrativo e fazer com que ele se tornasse um espaço próximo a todos os ambientes costumeiros da escola. Então, resolvi, com a ajuda da professora eventual, espalhar esses cartazes. Assim, os alunos visualizam as regras para um bom funcionamento do espaço e as paredes ficavam mais coloridas, mas também procurei não carregar demais as paredes de informações.*

(Notas de campo da autora, nov. 2011)

Assim, perguntei-lhe: o que acontece aqui?

- Eu estava no laboratório para observar e aprender sobre as atividades e ações que eram desenvolvidas ali, mas, de antemão, quis saber da PIE, pois não estaria na escola todos os dias da semana e muita coisa, com certeza, fugiria ao meu olhar.

- *Neste espaço são desenvolvidas atividades com a informática educativa por meio de pesquisas na internet que previamente são solicitadas e delineadas pelo professor da turma, projetos com softwares educativos, produções textuais, jogos, enfim, atividades voltadas para fins educativos. O uso do laboratório é organizado mediante agendamentos de dias e horários com um tempo de 50 minutos reservados a cada turma.*

Eu organizo um cronograma de participação, depois, com antecedência, envio para os professores. Para que todos possam participar do espaço procuro organizar visitas quinzenais, assim todos os profissionais da escola que se interessam passam pelo laboratório. Na última semana de cada mês, o espaço é reservado aos professores de aulas especializadas: Artes, Literatura, Educação Física. Mas, o professor também pode agendar

horários de trabalho, havendo disponibilidade, eu autorizo. A organização e coordenação do Laboratório de Informática estão sob minha responsabilidade, à direção da escola cabe o papel de manter o laboratório em funcionamento e criar estratégias para que todos os professores da escola utilizem com seus alunos o laboratório.

A supervisão geral do laboratório quanto ao bom funcionamento dos computadores é função do NTE. Para acompanhar se todos os professores estão utilizando o espaço do laboratório, eu possuo uma agenda na qual são anotados pelo professor regente o dia, horário e a atividade que foi desenvolvida por ele no laboratório e as assinaturas de ambos os professores (regente da turma e do PIE). Ao final de cada mês, esta agenda é vistoriada pela diretora da escola. Assim, ela toma as devidas providências em relação aos professores que por alguma razão, não participam das atividades no laboratório.

(Notas de campo da autora, nov. 2011)

3.1.4 Momento em que é contemplada a participação de todos no laboratório

Quando cheguei ao Laboratório de Informática, Fernanda lembrou-me de que era a última semana do mês, então, o laboratório era reservado aos professores de aulas especializadas, denominação da escola: Educação Física, Artes, Literatura, oportunidade para que todos pudessem participar do LIE da escola. A professora de Artes trabalhou com o programa *Paint*, utilizando desenhos com figuras geométricas “*origami*”, segundo ela, o trabalho estava de acordo com o que estava desenvolvendo com suas turmas.

A professora de Literatura estava trabalhando com um projeto de um CD interativo, disponível no LIE. Este não havia sido desenvolvido por Fernanda, era um CD comercial comprado por uma professora e doado para a escola. No CD, havia atividades de desenho, jogos dos sete erros, quebra-cabeça, jogo da memória e textos referentes ao folclore como: lendas, parlendas, trava-línguas, durante os quais o aluno escutava por meio do fone de ouvido para não atrapalhar os colegas.

Nesse CD, havia a opção de clicar em dois caminhos ao iniciar, em que o aluno teria que escolher (Ex.: tenho cinco anos e tenho menos de cinco anos). Em cada uma das opções escolhidas pelo aluno, ele teria atividades diversas. Auxiliei Fernanda a disponibilizar as atividades nos computadores.

Quando os alunos entraram no laboratório, as atividades já estavam na tela. Eles precisaram apenas ler o que estava sendo solicitado. Eu auxiliei os alunos nessa atividade,

caminhei pela sala, observando se estavam com alguma dificuldade para executarem a tarefa. Alguns chamavam-me para que eu dissesse a eles o que deveria ser feito para que a tela avançasse para a atividade seguinte. Eu os orientava, porém, antes, questionava qual era a dificuldade, isto porque percebia que muitos não realizavam a leitura da tela para entender o que estava sendo solicitado a ele.

3.1.5 Palheta de tintas: casos de sucesso

Os professores escolhem, muitas vezes, qual atividade será trabalhada por meio de um livro de atividades, disponível no laboratório, nele, estão registrados a maioria dos projetos desenvolvidos pelas Professoras de Informática Educativa de todas as escolas de Ensino Fundamental da Rede Municipal. Trata-se da maioria porque muitos dos projetos ainda não foram documentados naquele livro, sendo assim, não era uma edição atualizada, sua publicação era de 2005. O livro foi editado pelo Núcleo de Tecnologia, não havendo menção de autoria específica. Há uma demora quanto a sua edição, devido ao número de escolas existentes e o volume de atividades produzidas diariamente nos laboratórios. Em decorrência disso, alguns projetos e muitas aulas encontram-se gravados em arquivos no computador ou em CDs.

A iniciativa de ter um livro que contemple todas as atividades e projetos desenvolvidos nas escolas é uma ação positiva, pois não se trata de um livro de receitas, mas de casos de sucesso que o NTE apresenta as diferentes experiências que têm dado certo nos laboratórios das escolas.

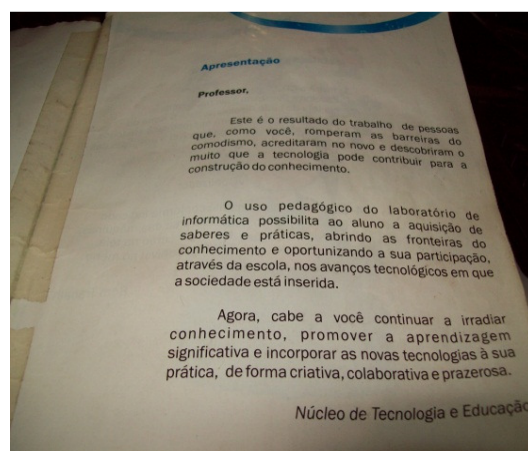


Figura 13 - Figura 14 - Livro de Atividades da Escola A e B
Fonte - Texto de campo (arquivo pessoal) da autora, set. 2011.



Nome da aula	Conteúdo	Elaboração e Criação	Série
Atividades de Ortografia	Atividades envolvendo as vogais, o alfabeto. A formação de palavras, ordenando sílabas.	Leticia Maria Cristina	6ª
Atividades de Português - 8ª	Coordenação Sindética e Assindética Orações Subordinadas e Coordenadas Ortografia	Fabiana	6ª
Classe de Palavras	Substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção, interjeição Atividades	Susana	7ª
Concordância Verbal 1	Regras de concordância Atividades	Susana	7ª
Concordância verbal 2	Regras de concordância Atividades	Susana	7ª

Figura 15 - Figura 16 - Atividades de Língua Portuguesa C e D
Fonte - Texto de campo (arquivo pessoal) da autora, set. 2011.

Nome da aula	Conteúdo	Elaboração e Criação	Série
Frase	Frase e oração Sujeito e predicado Atividades	Susana	5ª
Língua e Linguagem	Atividades de escrita (forma culta, conhecimentos gerais gramaticais)	Norma Leticia	5ª à 8ª
Português - 6ª	Atividades Masculino / feminino Ortografia g e j Plural	Márcia Vera	6ª
Português - emprego do e Se e Z	Conteúdo Atividades	Fabiana	5ª à 8ª
Teste - Português	Porque, porquê, por que Grafia de palavras	Rúbia Marisa	6ª
Teste Substantivos e Adjetivos	Teste	Marisa Susana Sissi	6ª
Trabalhando com verbos	Conjugação dos verbos no tempo do modo subjuntivo	Maria Teresinha	5ª

Figura 17- Atividades de Língua Portuguesa
Fonte - Texto de campo (arquivo pessoal) da autora, set. 2011.

A Figura 14 é a contra-capa do livro de atividades do laboratório, nela, há um convite do NTE aos professores, informando que as atividades apresentadas no livro partiram de professores que ultrapassaram a barreira do comodismo, acreditando ser possível desenvolver trabalhos com a tecnologia digital, os quais contribuem para a construção de conhecimentos. Dessa forma, os autores acreditam encorajar os professores a vencerem também as barreiras que os impedem de desenvolver e mesmo de participar de atividades com as tecnologias digitais e a continuar promovendo momentos em que o aluno possa participar do espaço do Laboratório de Informática. Mesmo nessa apresentação inicial, não há referência a nomes de nenhum professor em específico, acredito que esses professores são integrantes da equipe do NTE.

3.1.6 Conhecendo o *site* da escola



Figura 18 - *Site* da escola

Fonte – Disponível em: < <http://www5.uberlandia.mg.gov.br/>>. Acesso em: nov. 2011.

A página da escola foi desenvolvida e é alimentada pelas PIEs da escola. Cabe a elas registrar o que acontece na escola para postar na página, fotografar os eventos, projetos que envolvam toda a escola, enfim, no *site* são postadas atividades desenvolvidas na escola pelos alunos, professores e outros profissionais, também envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Fernanda mostrou-me a página e me disse que estava tentando desenvolver um *clipe* com fotos de atividades que tinham sido realizadas na escola, que até já deveriam ter sido postadas no *site*, mas, em decorrência de outras atividades, estavam em atraso. Ela relatou-me que não conhecia bem o programa com que estava tentando desenvolver o *clipe*, pois era novo e o que utilizava anteriormente seria desativado da rede.

- *Angela, você já trabalhou com o Flickr do Yahoo? É um site utilizado para compartilhamento de fotos online. Antes, postávamos os cliques em um outro programa, o slide.com, mas ele será excluído, assim preciso aprender a trabalhar no flickr para montar os cliques com as fotos para disponibilizá-los no site da escola.*

(Notas de campo da autora, nov. 2011)

- Eu não o conheço, mas se não se importar posso aprender e ajudo você a montar os *clipes*, postando as fotos. Eu disse a ela que descobriria como era feita a postagem das fotos no programa em casa.

Cheguei em casa e fui conhecer o programa, li sobre ele e descobri na prática como era feita a postagem das fotos, aprendi como fazer. No encontro seguinte, antes mesmo de Fernanda me perguntar sobre o programa, aproveitei que estávamos sozinhas no laboratório e mostrei a ela como era feita a postagem. Comecei a postar as fotos no programa e disse a ela que eu também postaria os clipes no site. Ao final, mostrei a ela como havia ficado a postagem.

(Notas de campo da autora, nov. 2011)

Gostei de realizar aquela atividade, comecei a perceber que não observava apenas como algo era feito no laboratório, pois pude contribuir ativamente com o trabalho de Fernanda para que ela pudesse realizar outras atividades.

3.1.7 Duas experiências profissionais em outros cenários

Neste momento, relato duas experiências que tive em outros cenários. Participei de atividades no espaço do laboratório em dois momentos, desenvolvendo papéis diferentes. Ao iniciar minha pesquisa, não achei ser interessante divulgar essas experiências, mas já há algum tempo comecei a refletir sobre meu papel nessas experiências, as atividades desenvolvidas por mim e decidi relatá-las, quais sejam elas; o cenário não é novo para mim: uma experiência no laboratório de informática de uma Organização não Governamental – ONG, minha experiência no laboratório em uma escola especial.

3.1.8 O cenário não é novo para mim: uma experiência no laboratório de informática de uma ONG.

Minha história com o laboratório de informática começou bem antes do Curso de Especialização. Em 1998, trabalhei em um centro de formação de uma Organização não Governamental, onde crianças e adolescentes frequentavam a escola regular comum em um horário e, no contra-turno, participavam das atividades no centro de formação. O centro oferecia Oficinas de Dança, Teatro, Reforço Escolar, Educação Física e Aulas de Informática.

Eu trabalhava como instrutora de informática onde também era responsável pelo espaço do laboratório, minha função era preparar e selecionar materiais para o trabalho. As turmas eram divididas de acordo com a idade; alunos com idade de 7 a 10 anos desenvolviam

atividades recreativas no laboratório, voltadas para fins de entretenimento. Com esse público, eu trabalhava, jogos, desenhos no programa *Paint*, contação de histórias, musicalização, atividades que poderiam contribuir como um reforço escolar, dentre outras. Na ocasião, ensinava a eles nomes de alguns periféricos do computador.

Não tínhamos acesso à *internet*, trabalhávamos com alguns *softwares* que eram adquiridos pelo centro, a partir da solicitação dos instrutores de informática. Havia horários para cada turma frequentar o laboratório. Os adolescentes aprendiam a operar os *softwares* como *Windows*, *Word*, *Excel* e *Power Point* e realizavam provas para emissão de certificado. As provas eram desenvolvidas por mim, a partir do conteúdo trabalhado com os alunos.

As aulas de informática eram abertas aos pais e familiares dos alunos que frequentavam a ONG e que almejavam emprego. Assim, até às 16hs, as atividades eram para os alunos e, a partir desse horário, eu organizava a sala para receber seus familiares. Eu, juntamente com outros instrutores, preparamos uma apostila e seguíamos as atividades. Quem se interessasse pelo material poderia xerocar. Ao final de cada curso, os alunos faziam avaliações que eu preparava para, posteriormente, receberem seus certificados. Eles também tinham aulas de digitação, a partir de um programa específico. Trabalhei por 3 anos nessa ONG, desenvolvendo essas atividades.

Para avaliações periódicas do laboratório, eu fazia relatórios mensais de cada turma, relatando como estava o desenvolvimento do trabalho, comportamento dos alunos, possíveis dificuldades enfrentadas e desistências no curso para a comunidade. Os instrutores de informática reuniam-se uma vez por mês, durante o dia todo. No encontro, recebíamos informações relevantes ao nosso trabalho no laboratório, trocávamos experiências, materiais, etc.

Era possibilitada aos alunos a oportunidade de avaliar as aulas e a postura do instrutor de informática, no momento das aulas. A turma dos adultos que frequentava o curso de informática era rotativa, ou seja, no momento em que concluía o cronograma de curso abriam-se inscrição para novas turmas, criando oportunidades para que outras turmas pudessem ser atendidas.

A nomenclatura que recebíamos era de “instrutores de informática”, mas não gostávamos dela. Queríamos ser denominados “professores de informática”, pois nosso salário era inferior ao da categoria, embora desenvolvêssemos as mesmas atividades.

- Eu me sentia muito feliz por realizar a função de professor de informática para a comunidade, até porque recebia muitos elogios por parte dos alunos que conseguiam uma colocação no mercado de trabalho. Para esses alunos, selecionávamos atividades de apostilas de cursos de informática, mudávamos enunciados e atividades e montávamos nossa apostila. No laboratório eles acompanhavam a aula seguindo a apostila. Líamos sobre os programas, conversávamos um pouco, e logo eles realizavam as atividades no computador. Os alunos que sentiam dificuldades em desenvolver as atividades chamavam por mim.

Confesso que muitas vezes achava meu trabalho com as crianças muito cansativo, tanto para mim quanto para eles, mas como era tudo muito novo para os alunos, eles gostavam de participar das atividades no laboratório. Eu tinha que organizar muitas atividades para que os alunos não viessem a se desinteressar, quero dizer, para que fossem para o laboratório com intuito de trabalhar e não para bagunçar. Nós não contávamos, como mencionei, com acesso à internet para que pudéssemos selecionar materiais e desenvolver pesquisas.

(Relatos com recordações da autora, primeiro semestre 2012)

Mas confesso que não posso afirmar se faria algo diferente, pois eu realizava as atividades acreditando ser a forma mais inovadora possível, ao priorizar as atividades no computador.

3.1.9 Minha experiência no laboratório de informática de uma escola especial

A experiência com o Laboratório de Informática nessa escola, denominada “escola especial”, iniciou em agosto de 2007, no mesmo ano em que foi inaugurado o laboratório de informática da escola que, por se tratar de uma entidade filantrópica, foi contemplada com o laboratório do governo municipal da cidade. A professora que atua nesse espaço recebe a denominação de professora de informática. O laboratório é localizado em uma sala ampla, arejada, composta por 12 computadores com caixas de som e fones de ouvido, um ar condicionado e uma impressora.

Cada turma frequenta o laboratório uma vez por semana e há horários pré-estabelecidos para cada sala. A professora de informática cria as atividades a partir dos projetos que a escola trabalha. Esse profissional se reúne uma vez por semana com a coordenadora pedagógica que lhe apresenta os projetos a serem realizados no laboratório;

assim, o professor de informática apresenta as atividades elaboradas ou mesmo as que são selecionadas a partir de *sites* na *internet*.

No laboratório da escola, quem ministra a atividade é o professor de informática; o professor da turma acompanha as atividades a serem realizadas pelo aluno. O trabalho é realizado de maneira mais individualizada, porque sentamos entre dois alunos, lemos o que se pede na atividade e ajudamos na realização. Ao irmos para o laboratório, desconhecemos qual atividade será trabalhada, mas sabemos que a atividade será referente a um determinado tema sobre o qual a escola esteja trabalhando.

Nós, os professores de sala, contribuímos para a melhoria das atividades, pois ao levarmos os alunos para participar das atividades, ficamos atentos ao interesse, envolvimento dos alunos e às suas possíveis dificuldades. Ao final da aula, conversamos com a professora de informática relatando nossas observações. Assim, a professora de informática adapta as atividades deixando-as o mais simples possível para que o aluno tenha a oportunidade de participar com maior independência.

Meu trabalho no laboratório é acompanhar minha turma até o laboratório, lá estando a professora de informática, quando não disponibiliza a atividade na tela com antecedência, vai nos direcionando para acessarmos a atividade proposta no dia. Eu seguro na mão do aluno ajudando para que ele realize a tarefa proposta. Isto quando é necessário, porque muitos já conseguem manusear sozinhos. Mas é preciso fazer um acompanhamento com todos, leio a tela e vou perguntando a cada um o que temos que fazer aqui? Qual é a letra que falta? As crianças ouvem histórias, músicas. Como o número de alunos é reduzido devido ao comprometimento cognitivo dos alunos, eu acompanho metade dos alunos e a professora de informática fica com a outra parte da turma.

(Relatos com recordações da autora, primeiro semestre 2012)

O trabalho realizado na escola é praticamente o mesmo que eu desenvolvia na ONG e, também, na escola especial. E pelo que vivenciei, não há muita diferença do que aconteceu na escola.

3.1.10 Palheta de cores – qual cor devo utilizar?



Figura 19 - Palheta de cores

Fonte – Disponível em: <<http://ferramentasblog.com>>. Acesso em: ago. 2012.

Apresento, neste tópico, “palheta de cores - qual cor devo utilizar?”, algumas atividades que fazem parte do acervo de materiais didáticos do laboratório em relação à disciplina de Língua Portuguesa. Nesse estudo, o acervo do laboratório é denominado por mim, de “palheta de tintas” e as atividades são as cores que poderiam ser encontradas pelo professor de Língua Portuguesa para serem trabalhadas com o aluno no Laboratório de Informática Educativa. Assim, pude observar que o professor utilizava as cores que melhor desejava.

No laboratório, acompanhando o trabalho da professora de informática, tive a oportunidade de presenciar a realização de várias atividades, no sentido de auxiliar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos em relação à Língua Portuguesa. Aproveito para apresentar a seguir quatro dessas atividades, por terem sido esses os modelos mais recorrentes no trabalho realizado com o aluno no laboratório. Nessas ações realizadas, busquei explicitar, não só a atividade, mas o papel desempenhado pela professora de informática e por mim, no decorrer do trabalho; e ainda a quem coube a ideia de desenvolver o projeto: Professora de Informática Educativa e o professor de Português em decorrência de uma necessidade observada em sala, ou seja, de uma parceria entre ambos.

Embora explicito as atividades, esclareço que meu foco não são elas em si, mas a maneira como são apresentados os conteúdos e o papel que desenvolvemos no momento da produção e de realização das tarefas no laboratório. Assim, apresento atividades que foram elaboradas pela PIE, por meio de *software* de autoria e outras que foram selecionadas por ela, a partir de *sites* na *internet*. Nas atividades aqui apresentadas, ressalto as concepções de laboratório presentes no material didático.

Esclareço, de antemão, que os nomes citados nos exemplos apresentados, a seguir, não são de minha autoria, foram propostos pelos autores da atividade. Vamos às cores.

3.1.11 Laranja – mau ou mal

Essa atividade não foi desenvolvida por Fernanda, ela a encontrou em um *site* de *softwares* educacionais, disponível na *internet*¹⁵. A professora de Língua Portuguesa havia solicitado a Fernanda que preparasse atividades, focando esse conteúdo para uma turma de sétimo ano - antiga 6ª série. E no período em que estive no LIE, ela trabalhou a atividade com os alunos.

Como já havia algum tempo que eu estava participando das atividades no laboratório, Fernanda e eu havíamos combinado que a cada horário uma de nós acompanháramos a professora nas atividades. Naquele instante, era a vez de Fernanda auxiliar os alunos. A professora orientou os alunos quanto ao assunto que fora trabalhado na aula e Fernanda ensinou-os como fariam para acessar a atividade. Percebia que, em alguns momentos, parecia que Fernanda irritava-se por ter que dizer aos alunos que era necessário realizar uma leitura de maneira a compreender o que lhes estavam sendo solicitado para, posteriormente, realizarem as atividades propostas. Essa ação parecia óbvia, mas será que esse, também, não era o nosso papel? Comecei a refletir sobre isto, porque este era um fato recorrente no laboratório. A leitura recomendada não se tratava apenas de decifrar letras e números, os alunos deveriam ler imagens e símbolos, ou seja, fazer a leitura das diferentes linguagens utilizadas. Mesmo assim, os alunos sempre perguntavam o que teriam que fazer antes de ler o enunciado da atividade.

Está atividade apresenta a diferenciação entre as palavras “MAL” e “MAU”, ensinando aos alunos sua correta utilização no momento da escrita.

¹⁵ Disponível em:

<http://www.redescola.com.br/kids/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=29&Itemid=38>.

Acesso em: dez. 2011.

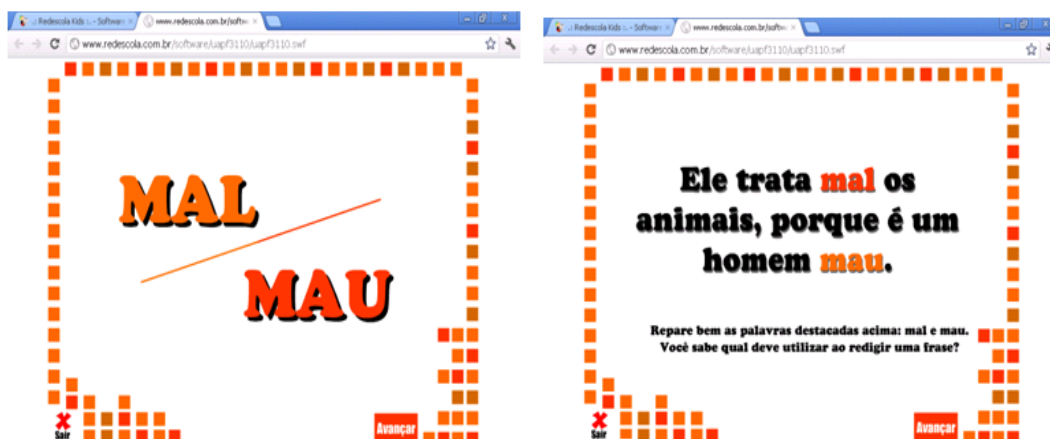


Figura 20 - Figura 21 - *Software* Educativo A e B

Fonte – Disponível em: < <http://www.redescola.com.br/software/uapf3110/uapf3110.swf>>. Acesso em: dez. 2011.

Na Tela 1, conforme Figura 20, são apresentadas as palavras em destaque para que o aluno visualize que há distinção entre a grafia dessas palavras, já na Tela 2, Figura, 21, são apresentados exemplos de utilização de ambas as palavras:



Figura 22 - Figura 23 - *Software* Educativo C e D

Fonte – Disponível em: < <http://www.redescola.com.br/software/uapf3110/uapf3110.swf>>. Acesso em: dez. 2011.

Nas Telas 3 e 4, Figura 22 e Figura 23, são apresentados o sentido dessas palavras, segundo o contexto em que estão sendo utilizadas.

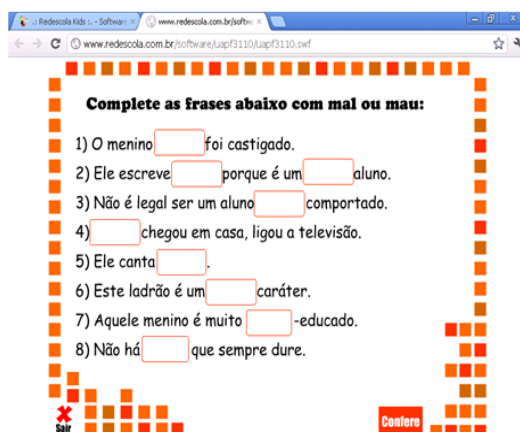


Figura 24 - *Software* Educativo E

Fonte – Disponível em: < <http://www.redescola.com.br/software/uapf3110/uapf3110.swf>>. Acesso em: dez. 2011.

A Tela 5, Figura 24, apresenta o exercício para que o aluno resolvesse qual das palavras deveriam ser colocadas nos espaços em branco. Nesse momento, não houve nenhuma interferência, nem do professor, nem da Professora de Informática Educativa, os alunos tiveram que ler as frases e associá-las aos conceitos ensinados. O aluno só conseguiria avançar para a tela seguinte, se preenchesse todas as lacunas corretamente.

A atividade que os alunos precisavam realizar sozinho era de preencher lacunas. Nessa atividade, Fernanda orientou os alunos quanto aos caminhos de acesso à atividade e, ao professor de Língua Portuguesa, coube auxiliar os alunos quanto ao conteúdo gramatical.

3.1.12 Azul Claro – o gênero anúncio

A atividade da Figura 25 refere-se ao gênero textual anúncio. A professora quis mostrar as características do gênero para que o aluno pudesse reconhecer e utilizá-lo nas diferentes situações de comunicação. Essa atividade, de acordo com a informação da PIE, é considerada relevante para a escola, uma vez que os professores trabalham com jornal em sala e pelo fato de a escola participar de um projeto, juntamente com o jornal da cidade, e receber, diariamente, um quantitativo para realização de diferentes atividades.

A aula foi realizada com uma turma de oitavo ano, antiga sétima série. O projeto foi elaborado por Fernanda, em um *software* de autoria, denominado “*Everest*”, a pedido das professoras de Língua Portuguesa. Ao todo, o projeto possui 8 telas. No momento em que foi realizada essa atividade, eu, a pesquisadora, juntamente com a professora, auxiliamos os

alunos a acessarem a atividade que encontrava-se disponível nos arquivos do laboratório da escola.



Figura 25 - Projeto anúncio - Língua Portuguesa A

Fonte – Slide: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, dez. 2011.

A imagem acima, Figura 25, refere-se à Tela 1, apresentação do projeto. Nela, a professora expôs o assunto aos alunos: neste instante, a professora de Português conversou com os alunos, perguntando-lhes o que era um anúncio. Eu caminhava pelo laboratório e caso algum aluno solicitasse minha ajuda eu estaria ali para isso.

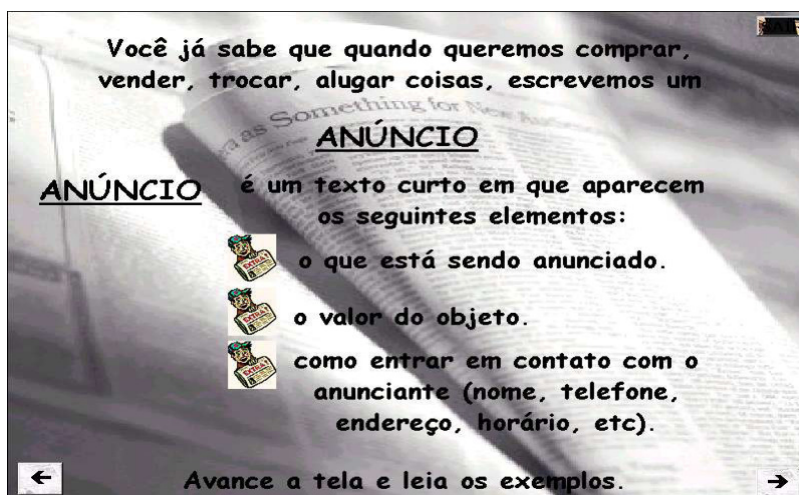


Figura 26 - Projeto anúncio - Língua Portuguesa B

Fonte – Slide: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, dez. 2011.

Na Tela 2, Figura 26, foram apresentadas aos alunos algumas características do gênero textual anúncio: sua finalidade, utilização social e a quem ele se destina. A professora da turma leu novamente a tela em voz alta para os alunos que a acompanhavam silenciosamente.

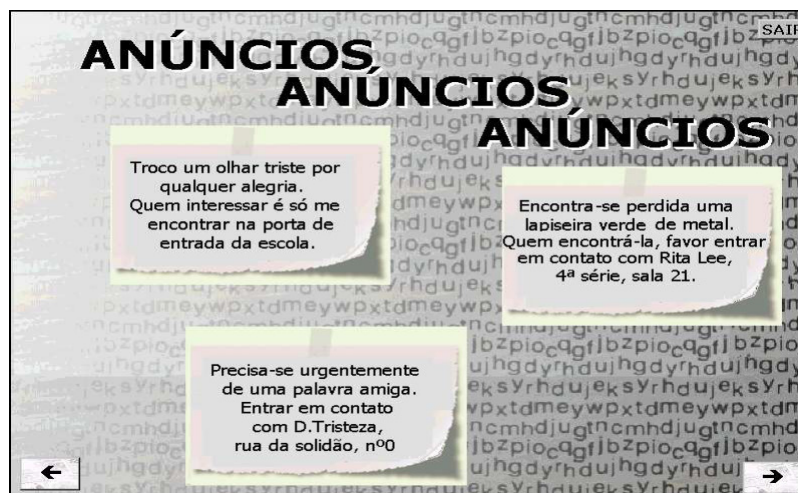


Figura 27 - Projeto anúncio - Língua Portuguesa C
Fonte – Slide: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, dez. 2011.

A Tela 3, Figura 27, apresenta exemplos de diferentes anúncios para que os alunos lessem e tomassem conhecimento do que se tratava.



Figura 28 - Projeto anúncio - Língua Portuguesa D
Fonte – Slide: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, dez. 2011.

A Figura 28 acima refere-se à Tela 4, na qual os alunos podiam clicar, entre as opções, qual seria a atividade que iriam realizar primeiro: atividades 1, 2, 3 e 4.

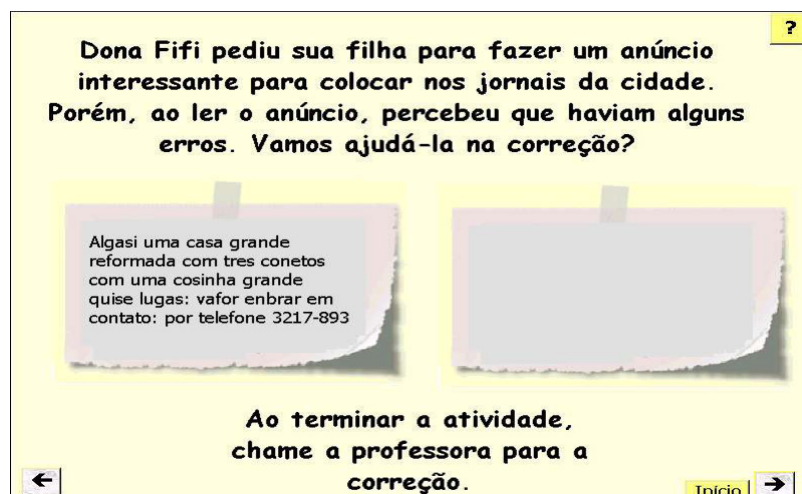


Figura 29 - Projeto anúncio - Língua Portuguesa E

Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, dez. 2011.

Nessa atividade, os alunos puderam escrever, pois eles deveriam organizar um anúncio, dando-lhe sentido, com início, meio e fim da mensagem. Para essa atividade, o professor pediu a atenção de todos para fazer algumas recomendações necessárias. Os alunos somente poderiam avançar após a correção do professor. Assim, ao ser solicitada pelo professor, eu o auxiliei nessa atividade, verificando as correções e dando oportunidade a cada dupla para ler suas organizações coletivas.

Eu e a professora de Português caminhávamos pela sala e quando éramos solicitadas, íamos até os alunos.

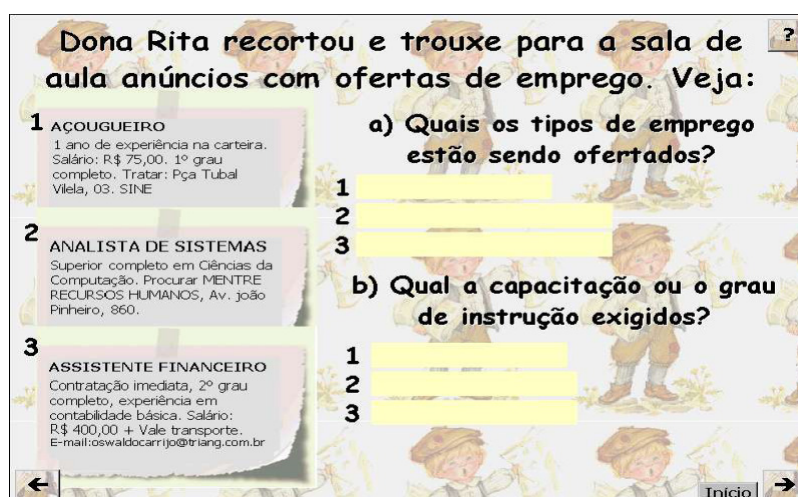


Figura 30 - Projeto anúncio - Língua Portuguesa F

Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, dez. 2011.

Nessa Tela, Figura 30, os alunos deveriam responder algumas perguntas e, para isso, tiveram que ler o que estava sendo solicitado. A professora estipulou um prazo de 10 minutos para que eles pudessem responder. Em seguida, ela leu as perguntas que iam sendo respondidas pelos alunos em coro.

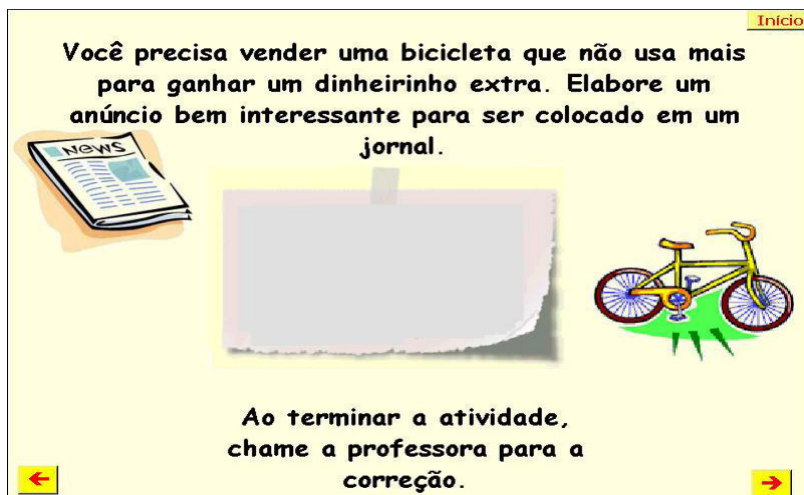


Figura 31 - Projeto anúncio - Língua Portuguesa G
Fonte – Slide: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, dez. 2011.

Na Tela 8, Figura 31, os alunos tiveram a oportunidade de produzir um anúncio, tendo como foco a venda de uma bicicleta. Nesse momento, eles também só puderam avançar para a atividade seguinte após terem lido para a turma suas produções. O professor utilizou uma estratégia diferente ao solicitar que as duplas lessem sua produção para os colegas. Assim, todos tiveram a oportunidade de ler seus textos e cada dupla foi bastante criativa.

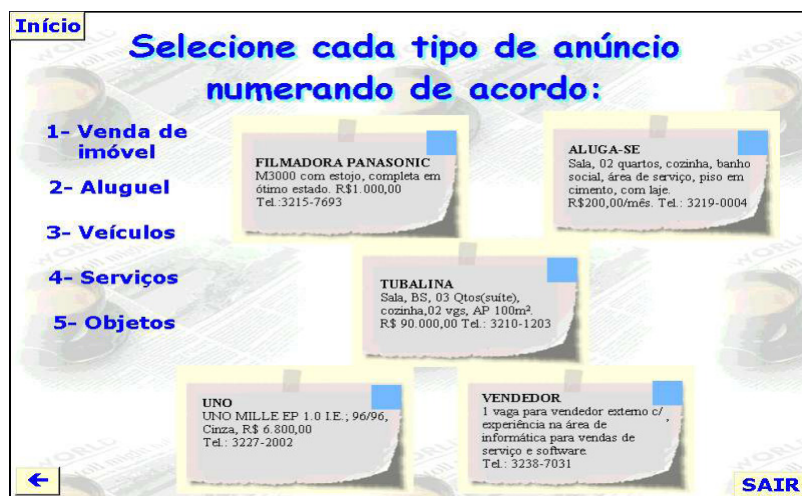


Figura 32 - Projeto anúncio - Língua Portuguesa H

Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, dez. 2011.

A Figura 32, refere-se à Tela 9, na qual foi solicitado aos alunos que enumerassem o tipo de anúncio aos respectivos assuntos dos quais tratavam. Nessa atividade, os alunos tiveram oportunidade de fazer uso da linguagem oral e produzir na linguagem escrita. O professor auxiliou os alunos quanto aos conhecimentos específicos da disciplina e, então, pude auxiliá-los tanto nos conhecimentos técnicos quanto ao conteúdo.

3.1.13 Vermelho – “Jogo das palavras”

O *software* Jogo das Palavras foi desenvolvido por Fernanda, para ser trabalhado com alunos do 5º ano, antiga 4ª série, mas foi planejado por uma professora de Português da escola, para uma turma de sexto ano, 5ª série do Ensino Fundamental. O projeto possui 8 telas e as atividades do *software* apresentam uma mistura de letras e números como enigmas, denominado por Fernanda de “Jogo das Palavras”. A professora de Português que trabalhou essa atividade no dia em que eu estava no laboratório, escolheu-a alguns minutos antes de começar a aula, no laboratório. Fernanda desenvolveu esta atividade em casa, a partir do planejamento da professora e com base nos modelos de atividades disponibilizados em livros didáticos. Esta atividade acabou fazendo parte do acervo do laboratório, tornando-se uma opção a mais de atividade para os professores.



Figura 33 - Figura 34 - Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa A e B
Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, fev. 2012.

Na Tela 1, Figura 33, a professora fez uma tela introdutória ao projeto, utilizando imagens de animais. A Tela 2 refere-se à Figura 34, os alunos tiveram que escrever o nome dos animais da figura, passando-os para o diminutivo. A professora da turma conduziu a atividade no laboratório, indagando aos alunos: “Que animal é este?” Os alunos respondiam e a professora diz: “qual é o diminutivo dessa palavra?” Os alunos tiveram um tempo determinado para realização da tarefa. Novamente, nessa atividade, se os alunos errassem, não conseguiriam avançar para a tela seguinte.

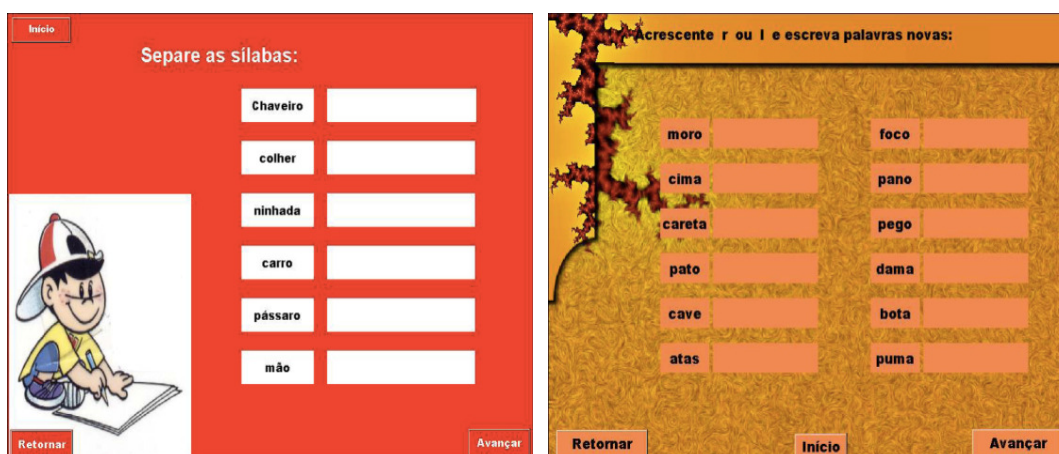


Figura 35 - Figura 36 - Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa C e D
Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, fev. 2012.

A Tela 3, Figura 35, há uma atividade de separação de sílabas. Os alunos precisavam ler as palavras e efetuar a separação silábica. Na Tela 4, Figura 36, o aluno acrescentava nas palavras “R” ou “L”, de maneira a formar novas palavras a partir do acréscimo destas letras.



Figura 37 - Figura 38 - Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa E e F
Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, fev. 2012.

Na Tela 5, Figura 37, o aluno deveria formar palavras a partir da substituição dos números pelas letras. O professor de Português conduziu a atividade, fazendo a leitura dos números e os alunos respondiam com a letra que correspondesse ao número. E, ao final, o professor perguntava para a turma, qual palavra fora formada e esta era lida pelos alunos em voz alta. Na Tela 6, Figura 38, o professor, novamente, perguntava aos alunos qual era a figura e eles tinham que escrever os nomes.

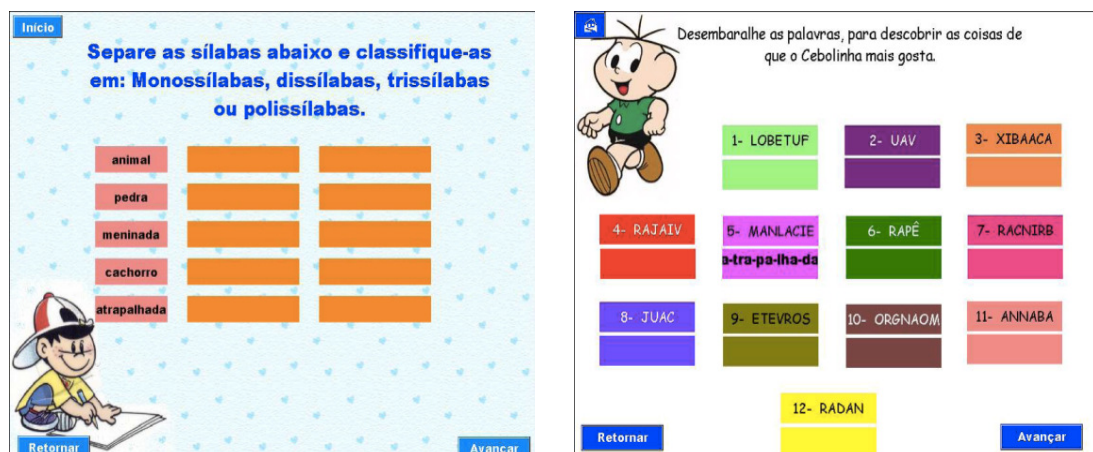


Figura 39 - Figura 40 - Projeto Jogo de Palavras - Língua Portuguesa G e H
Fonte - Slide arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, fev. 2012.

Novamente, na Tela 7, apresentada na Figura 39, havia outra atividade de separação de sílabas, mas, nesse momento, os alunos precisavam classificar as palavras quanto ao número de sílabas que elas apresentavam. Na Tela 8, conforme Figura 40, o objetivo da atividade era descobrir as palavras a partir das letras desordenadas em cada quadrinho. Nessa tela, deixamos que as duplas de alunos “quebrassem a cabeça”. Não houve nossa interferência, a não ser no momento em que o aluno nos solicitava para verificar se a palavra descoberta estava correta, ou mesmo quando os entusiasmados queriam mostrar que haviam descoberto a palavra.

3.1.14 Verde – produção textual

A atividade de produção textual foi realizada a partir de uma Fábula trabalhada em sala de aula pela professora de Língua Portuguesa. Assim, os alunos produziram uma fábula e, no laboratório, digitalizaram suas produções. A professora da turma havia procurado

Fernanda na semana anterior para lhe informar sobre o trabalho que estava realizando com os alunos. Disse também que os alunos haviam produzido textos maravilhosos e queria publicá-los. Fernanda respondeu-lhe que prepararia o laboratório para que essas atividades fossem realizadas.

O editor utilizado foi o *Word* e, para desenvolver essa atividade, foram necessários dois encontros. No momento em que os alunos digitavam seus textos, a professora da disciplina e Fernanda ficavam a disposição para auxiliá-los. Após isso, procuraram no *site* de busca *Google* imagens e figuras para inserir nos textos, com intuito de ilustrá-los.

Na sequência, apresento um exemplo de produção dos alunos.

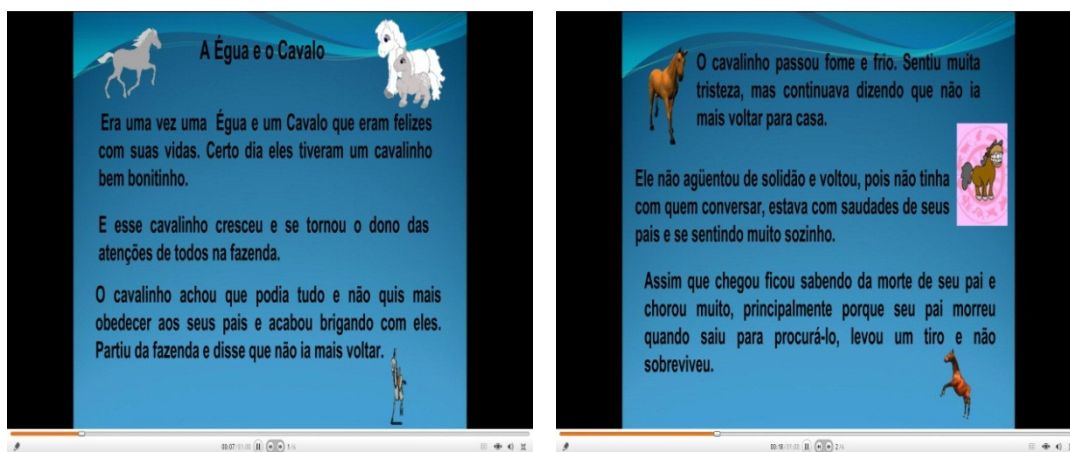


Figura 41 - Figura 42 - Projeto Produção de Texto A e B

Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, abril, 2012.



Figura 43 - Projeto Produção de Texto C

Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, abril, 2012.

Em outro encontro, Fernanda orientou os alunos a entrarem no programa de animação *slideboom*¹⁶, que ela já havia baixado para os computadores do laboratório. O programa se assemelha ao *Power Point*, mas ela afirmou-me que o programa oferece algumas opções a mais de animação. Ela ensinou os alunos a fazerem as animações, a partir dos textos que já estavam gravados em uma pasta que foi selecionada para a turma.

Essa atividade foi desenvolvida pelos alunos e nosso papel foi orientar na produção quanto ao uso dos recursos digitais disponíveis. O aluno teve a oportunidade de manusear as ferramentas e descobrir novas possibilidades de uso.

3.1.15 Aprendendo a misturar as cores - participando de um planejamento

Eu já estava participando, havia algum tempo, das atividades no laboratório e, de certa forma, já estava me acostumando com a rotina do espaço. Mas, como no início dos encontros no laboratório eu havia solicitado a Fernanda que queria aprender a desenvolver projetos no *software Visual Class*, ela convidou-me para planejar e elaborar um projeto em parceria, enfim, eu aprenderia a misturar as cores.

O projeto que desenvolvemos foi solicitado por uma das professoras de Português da escola. Ela estava trabalhando o gênero textual Cordel com os alunos do 6º ano em sala e, pediu que Fernanda preparasse um projeto sobre o tema, a fim de dar continuidade ao seu trabalho, também no laboratório. Então, nesse projeto, trabalhamos em parceria.

Fernanda contou-me sobre a solicitação da professora e perguntou-me se aceitaria, juntamente com ela, desenvolver o trabalho, pois, na maioria das vezes, ela desenvolvia esses projetos em casa, alegando que naquele ambiente trabalhava melhor e com mais tempo. Mas, se eu tivesse interesse, ela desenvolveria o projeto no LIE. Iniciamos nosso planejamento, decidindo o que colocar e o que deixar para uma próxima oportunidade.

Assim que tomei conhecimento do tema, fiquei bastante curiosa, e, no laboratório, comecei a pesquisar sobre o assunto. Encontrei uma diversidade de materiais disponíveis na *internet*, e, senti-me perdida com inúmeras informações. Naquele instante, comentei com Fernanda sobre minha sensação, mas ela me acalmou, mencionando que também já havia passado por aquilo e que, atualmente, ela consegue direcionar melhor o trabalho. Ela convidou-me para que começássemos a desenvolver o planejamento, aproveitamos um

¹⁶ Create interactive E-learning in power point whit spring

horário em que o professor não podia participar das atividades no LIE e começamos nosso rascunho.

Com isso, Fernanda quis que eu tomasse conhecimento de que, para esse profissional, o tempo de planejamento das atividades também é muito curto, apenas um horário, assim como é oferecido a todos os professores. Por isso, ela desenvolvia esse trabalho, na maioria das vezes, no tempo livre ou mesmo em casa, como já mencionei. Começamos a conversar sobre o tema e quando chegava uma turma, assumíamos nosso posto de trabalho, naquele horário, depois voltávamos a conversar. Fernanda, em um dos encontros, já havia me mostrado como funcionava o programa *Visual Class*, mas foram explicações rápidas e eu ainda não havia manuseado o programa para realizar uma atividade. Entre uma sugestão e outra, optamos por deixar o planejamento como descrito abaixo:

- Angela, como você mesma mencionou em relação ao seu sentimento de desespero e desmotivação diante do tanto de informações que encontrou na internet. Sugiro a você desenvolver um planejamento, também para realizar a pesquisa. Assim, você vai para o trabalho mais direcionada, é claro que pode ser que algo mude no decorrer da pesquisa, como irá mudar, mas já não haverá mais a sensação de desespero.

(Notas de campo da autora, mai. 2012)

Comecei a perceber que não é somente o aluno que se sente perdido em meio a tanta informação, o professor também, caso não estabeleça um roteiro de pesquisa e se não realizar um planejamento das ações. Nosso planejamento ficou assim;

Planejamento de Projeto

Disciplina: Língua Portuguesa

Tema: Literatura de Cordel

Duração: dois a três encontros

Público alvo: 6º ano do Ensino Fundamental I

Objetivo geral:

- Possibilitar que o aluno conheça mais sobre a cultura popular por meio da Literatura de Cordel.

Objetivos específicos:

- Possibilitar ao aluno refletir sobre a linguagem escrita e a linguagem oral;

- Oportunizar ao aluno conhecer as diversidades culturais presentes em nosso país.

Conteúdos: Linguagem oral, escrita e visual.

Entrevistas, sinopse, versos e rimas.

(Notas de campo da autora, mai. 2012)

As telas do projeto estão dispostas abaixo, porém, antes, achei interessante colocar a barra de títulos do programa, pois foi a partir das opções disponibilizadas por ele que íamos salvando as telas, já prontas, para darmos continuidade nos dias em que eu estivesse no LIE.



Figura 44 - Barra de título do programa *Visual Class*

Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, jun. 2012.

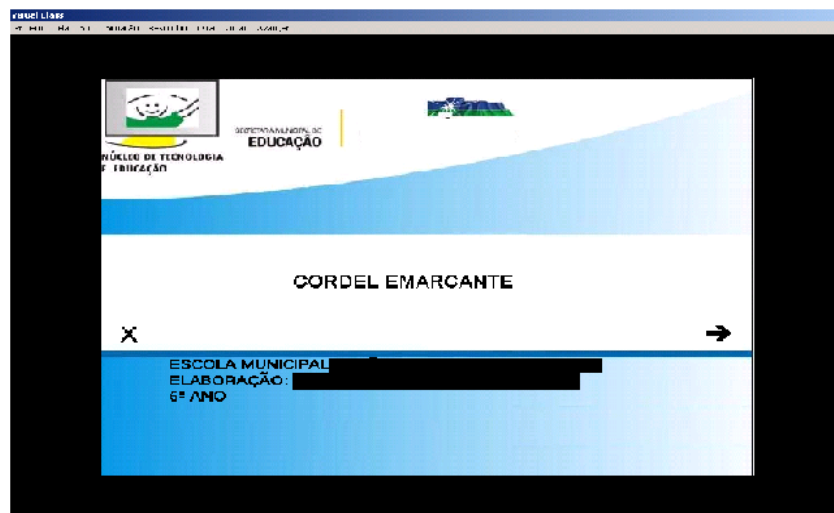


Figura 45 - Tela 01 do projeto CORDEL EMARCANTE A

Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, jun. 2012.

Enquanto estávamos desenvolvendo o projeto, íamos dialogando.

- Fernanda, você precisa pensar em um nome para cada ou você conta com alguma sugestão dos professores?

- *No momento em que estou desenvolvendo o projeto, eu mesma crio um nome. Mas neste vou deixar que você escolha, pode deixar para o final o nome. Você concorda?*

(Notas de campo da autora, mai. 2012)

Concordei, mesmo não me sentindo muito segura. Mas logo percebi que não precisaria me preocupar com o título de imediato; escrevi em meu diário algumas sugestões para que pudéssemos, juntas, escolher. Achei que seria a melhor opção, pois estávamos trabalhando em parceria. Abaixo, transcrevo minhas sugestões iniciais:

1º - Literatura de Cordel;

2º - Cordel Nordeste;

3º - Literatura popular: Cordel;

4º - Aprendendo Cordel.

(Notas de campo da autora, mai. 2012)

As sugestões foram apresentadas, mas percebi que Fernanda, no momento em que as leu, não demonstrou muito interesse. Acredito que tenha me faltado criatividade, então, ela me sugeriu:

- O que você acha de pegarmos sua segunda opção, porém eu tiraria a palavra nordestino e acrescentaria E.M.A.R.C. ANTE. Seriam as iniciais do nome da escola seguidos de ante, assim, ao disponibilizarmos na internet, ficará registrada a escola que desenvolveu o projeto.

(Notas de campo da autora, mai. 2012)

Confesso que gostei bastante do nome que ela sugeriu, achei muito criativo e disse a Fernanda que o nome do Projeto seria aquele por ser mais original e demarcar a escola que o desenvolveu. Finalizamos o projeto com 18 telas, apresentadas a seguir:

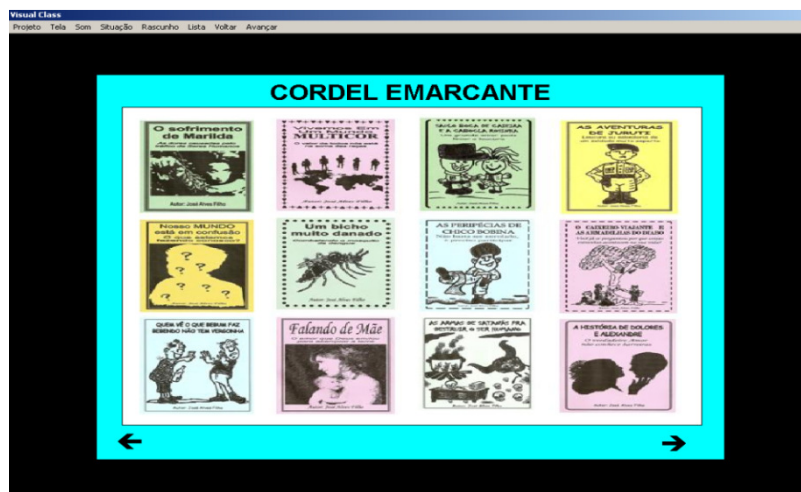


Figura 46 - Tela 02 do projeto CORDEL EMARCANTE B
 Fonte - *Slide* arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, jun. 2012.

Coube a mim, selecionar as imagens que seriam utilizadas no Projeto, então, pesquisei muitas gravuras em *sites* de busca na *internet*. Realizei esse trabalho em casa, pois no laboratório, quase não tínhamos tempo livre e, mesmo escolhendo as imagens eu as salvei, levando-as para juntas escolhermos quais iríamos utilizar. No *slide* anterior, Figura 46, as imagens estampadas são de capas de obras que abordam o tema Literatura de Cordel, destinadas a alunos do Ensino Fundamental II. Assim, juntas, montamos o mural. Essa foi uma oportunidade de mostrar aos alunos que eles poderiam se aprofundar no assunto em questão por meio da leitura das obras. Partimos do princípio de que o ensino mediado pela tecnologia digital pode possibilitar ao aluno o acesso à leitura, mas o professor precisa motivá-lo para que busque outras fontes de leitura.

Fernanda também concordou, pelo fato de perceber que, para realizar as atividades no Laboratório de Informática Educativa, independentemente da disciplina, é imprescindível que o aluno primeiramente leia para somente depois realizar toda e qualquer atividade. E, na maioria das vezes, antes de ler o que se pede na atividade, o aluno pergunta o que precisa fazer. Para nós, a inserção dessa tela no projeto foi para que o professor pudesse apresentar sugestões de leitura aos alunos, para que não ficassem apenas com fragmentos sobre o assunto.

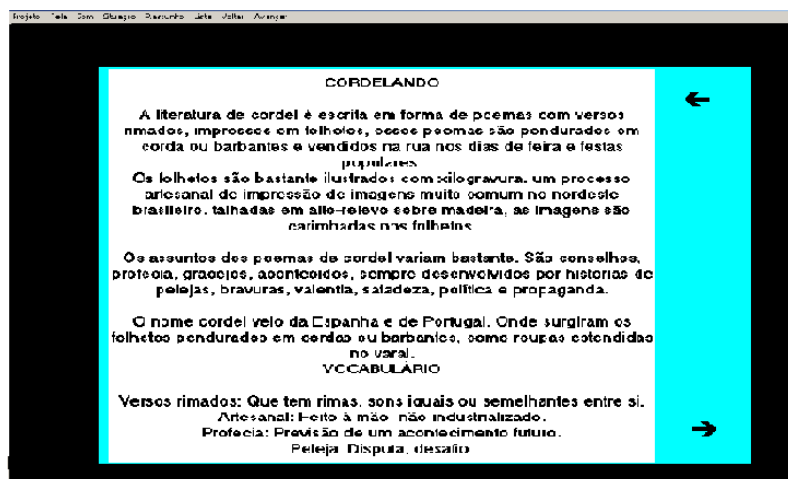


Figura 47 - Tela 3 do projeto CORDEL EMARCANTE C
 Fonte – Slide: arquivo do laboratório de informática educativa da escola, jun. 2012.

Na Tela apresentada acima Figura 47 cujo título é “Cordelando”, resolvemos conceituar para os alunos Literatura de Cordel, embora a professora já tivesse trabalhado esse conceito em sala de aula, mesmo assim, julgamos ser importante colocar o conceito também no projeto. É importante salientar que o termo “cordelando” foi encontrado por nós em vários sites, até tentamos parafraseá-lo, mas achamos que essa seria a melhor palavra, pois queríamos estabelecer uma conversa mais informal com os alunos, assim como apresenta a Literatura de Cordel. O sentido desse termo aproxima-se de conversando sobre cordel, por isso “Cordelando”.



Figura 48 - Tela 4 do projeto CORDEL EMARCANTE D
 Fonte – Slide: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, jun. 2012.

O varal de imagens, Figura 48, representa uma característica nas exposições da Literatura de Cordel. Resolvemos iniciar com essas atividades para que os alunos pudessem participar ativamente. Embora tenhamos, com essa tela, convidado o aluno a refletir, os questionamentos por nós elaborados não precisavam de nenhuma reflexão por parte do aluno. Bastava uma leitura atenta das informações mencionadas no *slide* anterior.

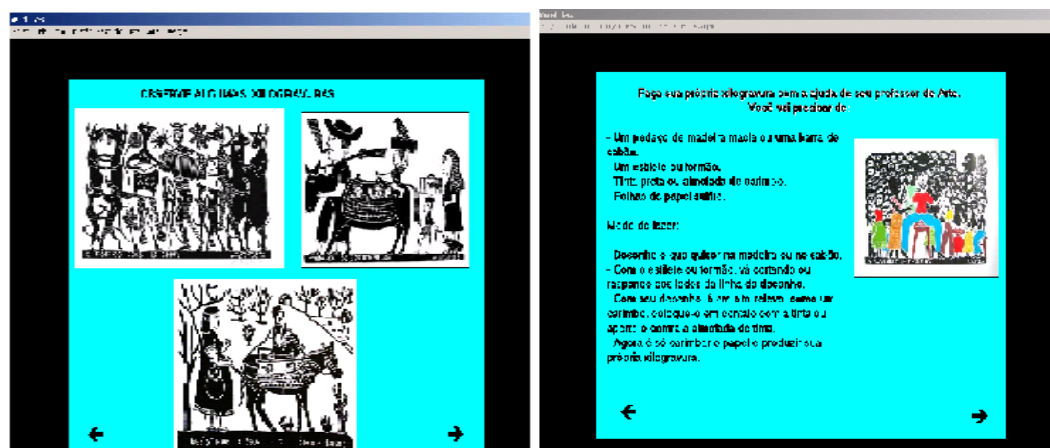


Figura 49 - Figura 50 - Telas 5 e 6 do projeto CORDEL EMARCANTE E e F
Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, jun. 2012.

A figura 49 refere-se ao *slide* em que mostramos imagens de xilogravuras; e a Figura 50 orienta o aluno a fazer uma xilogravura, que consiste em uma técnica de desenhar na madeira. Essa técnica é de origem medieval e, no Brasil, desenvolveu-se na Literatura de Cordel (LOPES, 2007). Não íamos colocar essas telas/*slides*, porém a professora de literatura, após ter tomado conhecimento do projeto, pediu-nos que as colocássemos, porque tinha a intenção de trabalhá-las com os alunos, assim, inserimo-nas no projeto. A professora de Literatura não trabalhou conosco na elaboração desse projeto. Esclarecemos a ela que era uma atividade de trabalho solicitada pela professora de Língua Portuguesa, pois estava desenvolvendo com os alunos o tema Cordel. Então, ela nos confidenciou que trabalharia xilogravura com os alunos, mas realizaria as atividades utilizando barra de sabão; e solicitou-nos que colocássemos algumas gravuras referentes ao assunto no projeto que, mais tarde, ela recordaria com os alunos no instante em que estivesse realizando seu trabalho.

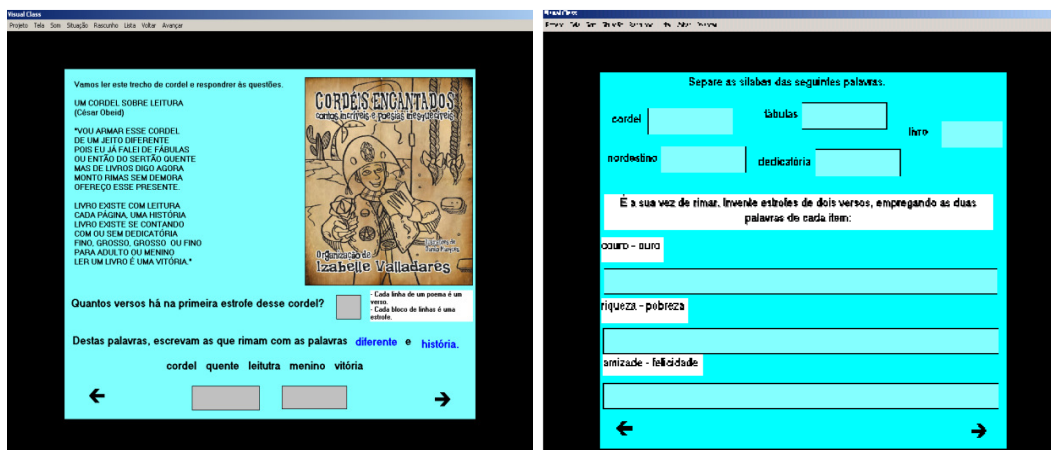


Figura 51 - Figura 52 - Telas 7 e 8 do projeto CORDEL EMARCANTE G e H
Fonte – Slide: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, jun. 2012.

Na Figura 51, utilizamos um poema da Literatura de Cordel para que os alunos pudessem falar sobre características de poemas e sobre rimas. Já na Tela 8, apresentada na Figura 52, inserimos atividades de “separar as sílabas” e, por último, trabalhamos com uma atividade de rima em que o aluno lia as palavras e escrevia frases em que esses termos apresentados pudessem rimar. Esse *slide* foi colocado a pedido da professora de Língua Portuguesa que solicitou-nos o projeto.

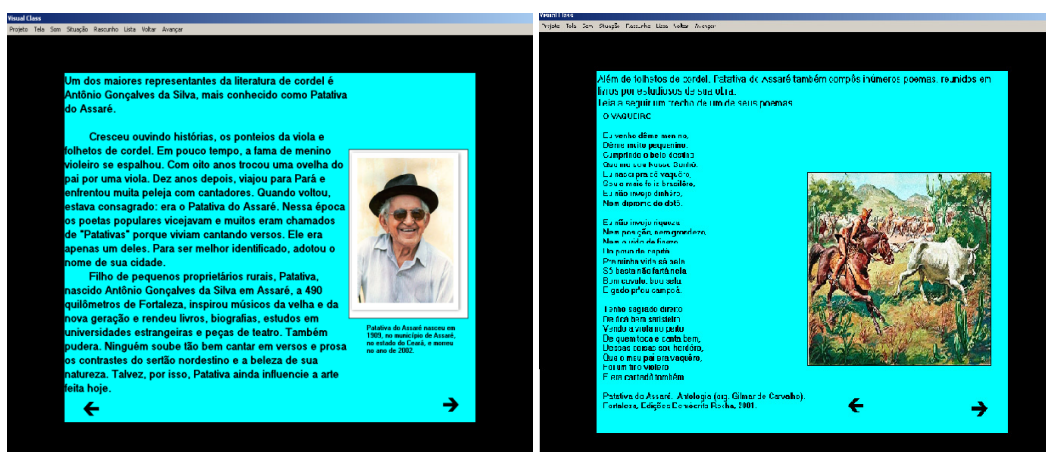


Figura 53 - Figura 54 - Telas 9 e 10 do projeto CORDEL EMARCANTE I e J
Fonte – Slide:arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, jun. 2012.

As Telas da Figura 53 e Figura 54 foram copiadas da *internet* e coladas no projeto, por nós, por se referir a Patativa do Assaré, considerado um dos maiores representantes da Literatura de Cordel. Nossa intenção foi oportunizar momentos de leitura e propiciar maiores informações aos alunos. Na Tela 10, há um trecho do poema escrito pelo autor.

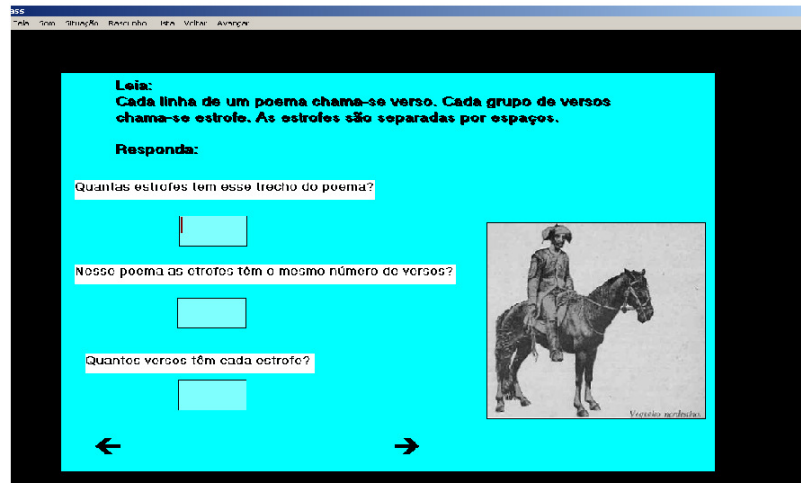


Figura 55 - Tela 11 do projeto CORDEL EMARCANTE K
 Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, jun. 2012.

Na Tela 11, Figura 55, trabalhamos conhecimentos de Literatura tais como o que são estrofes e versos. Aproveitamos para disponibilizar uma entrevista que foi realizada com o autor Patativa do Assaré e outros dois vídeos em que outros autores declamavam poemas. Nosso objetivo foi que os alunos atentassem para as histórias, para que, posteriormente, pudessem levantar questionamentos com o professor de Português.

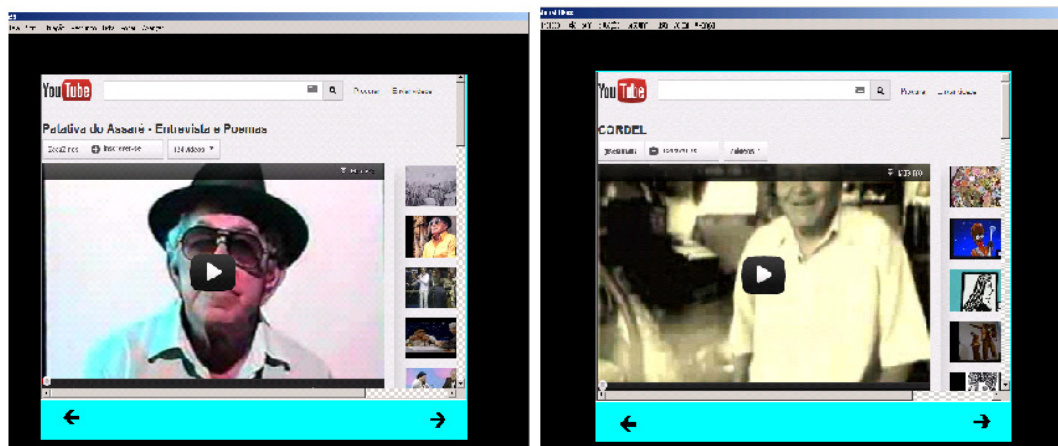


Figura 56 - Figura 57 - Telas 12 e 13 do projeto CORDEL EMARCANTE L e M
 Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, jun. 2012.

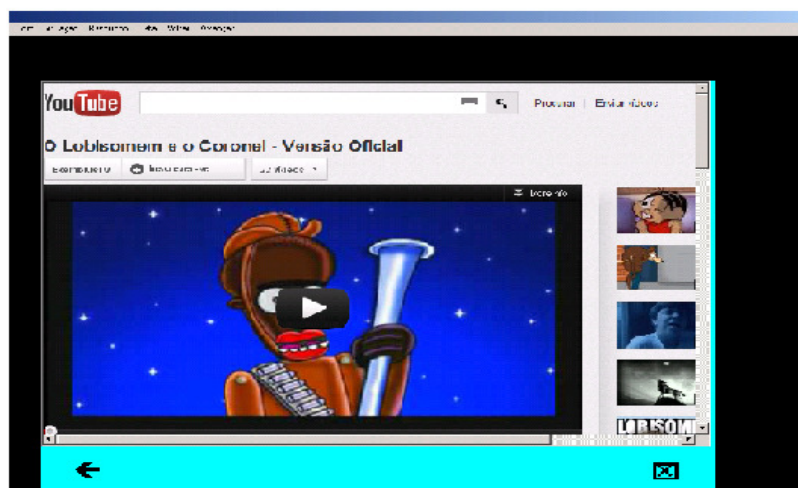


Figura 58 - tela 14 do projeto CORDEL EMARCANTE N
 Fonte – *Slide*: arquivo do Laboratório de Informática Educativa da escola, jun. 2012.

Finalizamos o projeto inserindo um *slide* com o conto do lobisomem, Tela 14, Figura 58, que o escolhemos por achá-lo engraçado. Queríamos que os alunos percebessem que a Literatura de Cordel também provoca risos e, nessa ação, queríamos observar a reação deles ao assistirem ao vídeo. Deixei de apresentar algumas telas do projeto, assim que iniciei a descrição, por perceber que muitas haviam ficado repetitivas.

Ao conversar com Fernanda sobre o planejamento que havíamos feito, ela disse-me que achou o projeto extenso demais. Mas solicitou que o deixássemos assim e aguardássemos as sugestões e modificações da professora que havia solicitado o trabalho. Eu disse a ela que tinha achado a atividade de realizar um planejamento para o laboratório muito interessante, mas que era muito cansativo, pois não sabíamos ao certo o que seria relevante para o aluno para disponibilizar no projeto.

Outro fator interessante que percebi ao olhar para nossa produção foi a necessidade de analisá-la antes da finalização do material produzido. Isso foi feito para que pudéssemos perceber incoerências quanto aos objetivos e não nos desviássemos da proposta como ocorreu conosco, em vários momentos, no decorrer do trabalho. Ou mesmo para observar o que poderia ficar repetitivo para o aluno.

Relatei esse meu sentimento a Fernanda. Ela disse-me que, por isso, muitas vezes, ela desenvolve os projetos sem a interferência do professor. Mas isso também não garante que o projeto atenda às expectativas do mesmo.

3.2 Analisando a experiência de pintar esta tela – Compondo alguns sentidos



Figura 59 - Ilustração iniciando a pintura

Fonte - Elaborado pela autora, dez. 2012.

Nesta segunda parte, analiso minha experiência ao pintar essa tela, assim, busco respaldo teórico na composição de sentidos conforme discutem Ely, Vinz, Downing e Anzul (2001), os quais defendem que a escrita pode nos ajudar a compor e representar significados de nossos textos de campo. Iniciei o projeto de pesquisa para compor essa dissertação com o objetivo de descrever e analisar as ações desenvolvidas pela Professora de Informática Educativa no laboratório de informática da escola. Para tanto, participei, no decorrer de nove meses, das atividades realizadas no Laboratório de Informática Educativa de uma escola pública municipal, juntamente com a PIE. Assim, a partir desse momento, inicio minha análise da experiência que vivenciei na escola.

De antemão, esclareço que pintar essa tela não foi algo simples como imaginei. Acreditava que se eu organizasse os materiais, tivesse uma boa tela, escolhesse bem as tintas, bons artistas plásticos para me inspirarem, seria o bastante para que eu pudesse descrever e compreender o processo que eu havia vivenciado. No entanto, precisei refletir sobre as escolhas das cores que os artistas fazem, o porquê da preferência por apenas alguns dos artistas, para fazer a mistura das tintas de maneira a criar novas cores neste contexto. Enfim,

precisei refletir sobre toda essa experiência. Assim, após um processo de muitas inquietações, por não compreender bem como essas histórias poderiam ser apresentadas, iniciei meu processo de reflexão sobre como eu contaria a experiência, pois não se tratavam de histórias apenas minhas, mas histórias que envolvem um grupo de pessoas. E, toda essa experiência, consequentemente, acarretou em mim, como pesquisadora, necessidade de iniciar o papel de artista plástica.

A análise que faço dessa experiência foi de acordo com a concepção de laboratório, adotada por mim, na qual defendo ser laboratório toda e qualquer atividade desenvolvida com o aluno e que possibilite a experimentação, observação, pesquisa, como também defendem Paiva (2001), Possobom *et al* (2003) e Dewey (2010) e ainda proporcione ao aluno a oportunidade de participar ativamente do processo de ensino. Nessa perspectiva, defendo não ser necessário um espaço físico determinado para realização dessas atividades, mas como minha pesquisa foi realizada no espaço do laboratório de informática, analiso as atividades que foram desenvolvidas nesse ambiente, apresentando quais seriam as concepções de laboratório subjacentes a elas bem como o papel da PIE nessa experiência vivenciada.

Para tanto, apresento algumas tematizações, divididas em histórias, das quais tomei ciência ao observar melhor a experiência que eu havia descrito. Os temas discutidos foram: concepções de laboratório presentes nas atividades de língua realizadas no laboratório de informática na experiência vivida; o papel do professor de informática educativa na experiência vivenciada e análise da atividade desenvolvida com a professora de informática educativa.

3.2.1 Concepções de laboratório presentes nas atividades de língua realizadas no laboratório de informática na experiência vivida

Depois de ler e reler as histórias que relatei referentes à experiência com minha participante, quis conhecer melhor as concepções de laboratório que estavam presentes nas atividades realizadas no laboratório da escola. Em alguns momentos, questioneimei-me o porquê dessas concepções não estarem claras para no momento em que preparamos as atividades para os alunos. Concluí que, para mim, estas não estavam claras, porque mesmo sabendo que poderíamos desenvolver atividades no computador e que os alunos poderiam participar mais ativamente, eu reconhecia que apenas alguns de nós éramos mais instrucionais, o que eu

entendo como sendo tradicional enquanto que outros entendem como sendo construtivista. Hoje, compreendo que são várias as posturas adotadas nas atividades no laboratório de informática e, nessa experiência, entendi que geralmente o professor adota a concepção que ele sente maior segurança ao desenvolver as atividades.

Agora vejo o quanto esse pensamento é egoísta, pois queremos segurança em ensinar? E a segurança para o aluno aprender de fato, não é nossa prioridade? Infelizmente percebi que não.

(Composição de sentidos da autora, set. 2012)

Fernanda, ao ler sobre meus questionamentos, não concordou quando eu questionei sobre a segurança em aprender por parte do aluno. Então, menciono abaixo sua composição.

Para mim a aprendizagem do aluno é um processo muito importante e me preocupo todo tempo em que estou preparando os projetos. Você não acha que talvez seja por isso que fazemos da maneira que acreditamos ser mais seguro, como você mesma diz?

(Composição de sentidos de Fernanda, set. 2012)

É interessante destacar que em relação ao meu processo de ensino-aprendizagem, remeto-me à maneira como aprendi um determinado conteúdo. Ao acompanhar os alunos realizando a atividade Mau/ Mal, lembrei-me de que toda vez que preciso utilizar a palavra Mal/Mau brinco, ainda que mentalmente, com o trocadilho que aprendi com um professor de Língua Portuguesa no cursinho, o qual adorava ensinar “macetes” para que não nos esquecêssemos na hora do exame vestibular.

Mau com “u” é bom.

Mal com “l” é bem.

(Recordação da autora ao iniciar a composição de sentido, set. 2012)

Ao observar esse material, no momento em que os alunos realizavam as atividades, fiquei pensando sobre a melhor maneira de aprender de cada aluno. Essa atividade,

denominada por mim de “Laranja Mal ou Mau”, foi selecionada por Fernanda, mas não no período em que estava participando das atividades no laboratório. Porém, ela foi realizada com a turma do sexto ano, quando eu já estava participando. Fernanda salvou a atividade a qual já faz parte do acervo de materiais didáticos do laboratório. Depois de observar a atividade proposta, quis conhecer o *site* de onde a PIE a havia retirado.

- Fernanda, você mencionou ter retirado essa atividade de um site na internet, gostaria de conhecê-lo.

(Notas de campo da autora, set. 2011)

Na verdade, ao solicitar o endereço do *site*, quis conhecê-lo para observar outras opções de atividades nele presentes. Queria conhecer outras maneiras de ensinar esse conteúdo. Acessei o *site* “*redeescola kids*” e onde havia várias outras atividades educativas as quais qualquer pessoa pode baixá-las gratuitamente. Mas, ao analisá-las, observei que todas trazem a concepção de laboratório como espaço para comprovar ou ilustrar teorias trabalhadas em sala de aula ou a concepção de laboratório como apresentados por Sandoval, Cudmani (1992) e por Benini (2006). Mesmo sendo muitas dessas atividades categorizadas como jogos educativos, que nos remetem a ideia de aprender brincando de maneira lúdica, quais seriam as estratégias que esses alunos criariam para não se equivocarem ao utilizar tais palavras? Será que estão seguros em utilizá-las? Qual seria outra estratégia? Não tenho respostas para essas perguntas, mas da forma como fez meu professor eu não mais me confundo, ao utilizá-las.

Analisando as diferentes concepções de laboratórios, pude compreender práticas desenvolvidas pelos meus professores desde minha formação como aluna no Ensino Fundamental II.

Nesse espaço de descobertas e fixação de conceitos, descobri [...] (p. 29).

(Recobrando experiências com laboratórios, autora, out. 2012)

Na verdade, hoje percebo que não descobri, constatei e fixei, pois esses conhecimentos já haviam sido apresentados pelo professor em sala. Em nossas idas ao Laboratório de Ciências, íamos, de certa forma, comprovar que aquele conhecimento era verdadeiro, ou seja, o professor queria nos mostrar que se tratava de um conhecimento científico, passível de comprovação, como afirma Benini (2006).

O professor antes de ir ao laboratório de informática com os alunos, já havia trabalhado o conteúdo em sala, no laboratório, ele, de certa forma, priorizava demonstrar para o aluno que o que ele havia ensinado era verdadeiro, apesar de deixar o aluno sem chances de experienciar o processo. O professor acredita que ao oferecer para o aluno atividades de preenchimento de lacunas, não interferindo no momento da atividade, ele estaria desenvolvendo suas atividades de maneira autônoma (PAIVA, 2001). Pude observar isso em nossa postura no Laboratório de Informática:

(...), não houve interferência nem do professor nem da professora de informática educativa, os alunos tiveram que ler as frases e associar os conceitos aprendidos na aula. (p. 85).

(Notas de campo da autora, 2011)

Não posso afirmar qual tenha sido o propósito do professor, porque não tive acesso aos seus objetivos, mas o laboratório atuou como um espaço para tentar fixar, com os alunos, teorias sobre a língua. Tal processo ainda se assemelha com a visão de que, para aprender a língua, é necessário passar por um treinamento exaustivo de exercícios, como menciona Castro (1998).

Uma proposta interessante que poderia contribuir para que o aluno pudesse observar as diferentes situações de ocorrência dessas palavras em questão, segundo a concepção que adoto nesse trabalho, seria a de aprender por meio da observação de textos disponibilizados *online*. Dessa forma, o aluno teria a oportunidade de tentar perceber a diferença e formular seus conceitos. A princípio, poderíamos ter selecionado alguns textos para que o aluno não se perdesse em meio a tantos textos. Assim, pediríamos para que o aluno lesse os textos, atentando para a utilização de determinadas palavras. Assim, toda a atividade teria início no laboratório de informática.

Após a pesquisa, o aluno poderia desenvolver um trabalho utilizando as palavras observadas que poderia ser a criação de histórias em quadrinhos, por meio de *sites* disponíveis na *internet*. Tais *sites* já deveriam ter sido, previamente, selecionados pelo Professor de Informática Educativa, pois, assim, poderíamos melhor auxiliar o aluno no momento das produções por já estarmos familiarizadas com as ferramentas.

Observando a atividade “azul claro: o gênero anúncio”, percebo que a concepção de laboratório subjacente às atividades propostas está em conformidade com os apontamentos de

Sandoval e Cudmani (1992) e Benini (2006) de que laboratório pode ser entendido como treinamento nos processos de ensino. A atividade foi desenvolvida pela PIE, a pedido dos professores de Língua Portuguesa. Ao questionar sobre a atividade com Fernanda, fui esclarecida de que:

Essa atividade é considerada de bastante relevância para a escola.
(p. 85).

(Relato de Fernanda, 2011)

Acredito que o fato de a escola possuir um projeto em parceria com o jornal da cidade a leva a acreditar que seria importante desenvolver um projeto sobre gêneros presentes nesse jornal, como, por exemplo, o anúncio. Certamente, esta é uma ação importante e necessária, porém, como afirma Bax (2005) acerca dos espaços naturalizados, é preciso definir o que pode ser ou não realizado nesses espaços e como o projeto pode ser realizado. Ao falar sobre outros espaços da escola, sabemos o que é realizado, ou mesmo o que pode ser realizado em cada um deles, pois acreditamos que são espaços pertencentes ao ambiente escolar. E essa é uma questão que precisa ser definida pela escola, em relação ao laboratório de informática. A resposta a essa pergunta direcionaria com maior clareza o trabalho a ser desenvolvido nesse ambiente. Uma questão importante, nesse caso, seria: o que pode ser realizado nesse espaço e o que o diferencia das práticas tradicionais de sala de aula?

Os alunos nessa atividade “Azul Claro: o Gênero Anúncio” fizeram uma leitura silenciosa, responderam aos questionamentos levantados pelo professor, realizaram práticas de escrita, puderam organizar um anúncio e, de acordo com a escrita padrão da língua, produziram textos em duplas, ou seja, os alunos participaram de todas as atividades que podem ser realizadas em sala de aula. Estas atividades podem acontecer também no laboratório, porém, questionamos: e o diferencial que acreditamos que as tecnologias digitais podem oportunizar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos?

Ao observar essas atividades percebemos que poderíamos ter focado em fatos que estariam ocorrendo no interior da escola ou mesmo fora dela. Focalizar, por exemplo, em como o aluno estava entendendo o que seria um anúncio. Talvez ele mesmo tivesse alguma ocorrência para anunciar e essa oportunidade poderia ter-lhes sido dada por nós nessa atividade no laboratório sobre anúncios. Enfim, mostrar a funcionalidade desse gênero a partir da necessidade do aluno (PCN, 1999).

A atividade intitulada “vermelho – jogo das palavras” mostra-nos o quanto os modelos de atividades presentes no livro didático são adotados nos trabalhos realizados no laboratório. Fato que pode ser ilustrado pelo depoimento de Fernanda:

(...) modelos de atividades presentes em livros didáticos.

(Notas de campo, autora 2011)

Analizando algumas atividades pedagógicas disponíveis *online*, constatei que, em sua grande maioria, são atividades baseadas em modelos propostos pelos livros didáticos. Assim, conforme Richards e Rogers (1993), as atividades de siga o modelo, complete as lacunas perguntas e respostas, ou mesmo exercícios de transformação, como os apresentados nas telas dos projetos em questão, ainda são recorrentes, embora Paiva (2001), Valente (1993, 1997, 1999) e Moran (2000) afirmarem que as tecnologias digitais exigem do professor uma nova postura para ensinar um determinado conteúdo ao aluno. O que me faz pensar que apesar de estarmos cercados de novas oportunidades de mudanças frente ao processo de ensino-aprendizagem de línguas, principalmente por estarmos frente a esse grande laboratório que é a *internet*, temos ainda muito receio em “errar”, buscar novas práticas, ou seja, sentimo-nos mais seguros para ensinar como aprendemos. Para muitos de nós, essas tecnologias digitais não foram capazes de causar uma espécie de desestabilização de crenças, pois sempre podemos trabalhar o novo dentro de velhas práticas. De certa forma, adaptamos o nosso livro didático ao *online* e permanecemos acreditando que essas práticas são realmente inovadoras.

A atividade “vermelho – jogo das palavras” sugere a concepção de laboratório como espaço de fixação e comprovação de teorias abordadas pelos estudiosos Sandoval e Cudmani (1992) bem como Benini (2006). É importante que os professores saibam avaliar quando o aluno sinaliza que, por meio dos jogos, está construindo conhecimento, do que se trata o jogo ou qual é o seu objetivo e seus benefícios para o processo educativo. Desse modo, mesmo brincando nessa atividade com figuras coloridas que transmitem uma ideia de divertimento, concepção de laboratório priorizada é a fixação de regras via exercícios.

A atividade denominada por mim de “verde – produção textual” foi uma tarefa que se iniciou em sala de aula com a professora de Português. Depois que os alunos produziram seus textos, a professora consultou a PIE, e pediu-lhe para organizar, no laboratório, ferramentas para que os alunos pudessem elaborar e publicar suas produções. Cada aluno digitou seus textos e aprenderam a selecionar imagens e animações.

Nesta atividade, certamente, o aluno pode experimentar, observar e criar novos textos. Esta foi uma das atividades mais interessantes que vivenciei, no período em que estive em campo, no laboratório. Ao procurar as imagens e selecionar a melhor animação, os alunos tiveram uma postura investigativa, testaram o que ficaria melhor em seu texto. Nós, professores, não interferíamos nas escolhas, apenas orientávamos o trabalho.

Embora tenha assumido que foi interessante participar desta atividade, pois contribuímos para que o aluno tivesse oportunidade de experimentar, ainda questiono: por que a atividade não foi realizada somente no laboratório? Por que iniciarmos todos os conteúdos em sala de aula para depois irmos ao laboratório? Novamente, a concepção de laboratório, nessa atividade, foi a de espaço para comprovar teorias. Em alguns momentos, demos ao aluno oportunidade de testar e conhecer algumas ferramentas tecnológicas, mas não podemos nos esquecer de que nosso foco é o ensino de línguas, a ferramenta é apenas um meio, como defende Cysneiro (2000).

Todos os modelos de atividades aqui mostrados e as atividades apresentadas no item 3.1.5 dessa dissertação, descritas como “palheta de tintas: casos de sucesso”, são atividades que reforçam a concepção de laboratório como espaço para ilustrar teorias, espaço para treinar regras de maneira a aperfeiçoar a aprendizagem na língua estudada, conforme os seguintes estudiosos: Sandoval e Cudmani (1992), Benini (2006), Richards e Rogers (1993).

As concepções de laboratório estudadas levaram-me a compreender o quanto é importante conhecê-las para identificá-las nos diferentes materiais de ensino presentes nos trabalhos realizados no laboratório de informática, para compreender em que esse trabalho pode ou não contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de línguas no laboratório e para que o aluno se torne ativo em sua aprendizagem. O entendimento dessas concepções pode apontar para a possibilidade de que o PIE deve ter um papel delimitado ao desenvolver seu trabalho no laboratório de informática.

Em um diálogo com Fernanda para apresentar minhas análises realizadas em relação às atividades selecionadas, ela ficou surpresa com as concepções apresentadas e disse-me que esse seria mais um aspecto que ela tentaria trabalhar com os professores. Em uma próxima edição do livro de atividades, ela pediria ao NTE para mencionar uma coluna que apontasse a concepção de laboratório, referente a cada atividade. Isto era significativo para que os professores tomassem conhecimento e fizessem uma escolha consciente ao selecionar a atividade a ser trabalhada. Voltando à escola e mostrando a Fernanda as imagens que eu havia pintado, a partir das cores que ela havia criado no laboratório, ela confidenciou-me:

Nossa, eu não sabia que meu processo de formação ainda era tão arraigado em mim, a partir de suas análises vejo nessas atividades o caminho que sempre acreditei ser de sucesso para a questão do ensino-aprendizagem. Mesmo estando sempre em processo de formação, não consegui me desprender de todo o meu processo de formação.

(Composição de sentidos de Fernanda, out. 2012)

Nesse instante, constatei que não era apenas eu que não sabia o que queria e mesmo como pintaria minha tela. Fernanda iniciou sua reflexão sobre o seu processo de formação escolar na tentativa de justificar o trabalho que ela desenvolvia em uma determinada concepção.

Dessa forma, percebi que mesmo Fernanda, de certa forma, não tinha consciência do que estava pintando. Era uma pintura automatizada, sem uma reflexão do que a nova ferramenta poderia lhe proporcionar novamente para que pudesse contribuir com a construção de aprendizagens do aluno nos processos de ensino.

(Composição de sentidos da autora, out. 2012)

Fernanda inquietou-se de certa forma com o que eu havia me inquietado no momento em que fiz a Especialização em Tecnologia, pois acreditava que apenas estávamos transferindo os conteúdos e exercícios para um livro digital. Isso já representou uma mudança, mas esta não se resume apenas nisso. Após algum tempo trabalhando com a informática educativa, percebemos que ainda tínhamos muito a fazer, pois as mudanças foram muito pequenas diante das inúmeras possibilidades.

Por isso, mostrei-lhe a composição que havia criado com base em toda a experiência que havíamos vivenciado juntas, no laboratório da escola;

*Laboratório, extensão da sala de aula
Aqui ou lá, tanto faz, é a mesma coisa
Mas não posso mudar a “tela”,
Se errar, não posso avançar.*

3.2.2 O papel desenvolvido pela Professora de Informática Educativa na experiência vivenciada

Qual o papel do professor de informática educativa é um dos questionamentos que me propus a responder com esta pesquisa. Assim, ao vivenciar essa experiência, tentei compreender quais funções eram desenvolvidas por esse professor no laboratório.

Observei, nessa experiência, que esse profissional, muitas vezes, desempenhava funções que vão além das atribuições explícitas na Instrução Normativa (2004), prescrita pelo núcleo de Tecnologia do Município, mas que suas atribuições diárias, ainda assumem características fortemente técnicas. Assim, discuto essas funções, por meio de três tematizações; a) a função técnica do PIE e seu papel durante a elaboração de materiais didáticos; b) parcerias necessárias para elaboração e execução de projetos no laboratório, contribuindo para um trabalho colaborativo e, c) analisando nossa mistura de cores: a atividade desenvolvida com a PIE.

3.2.2.1 A Função Técnica do PIE na elaboração e seleção dos materiais didáticos no acompanhamento das atividades no LIE

Ao observar e participar das atividades no LIE, constatei que o trabalho técnico que esse profissional realiza se sobressai perante as outras funções que ele desempenha. As tarefas desenvolvidas por ele com maior frequência são: ligar e desligar os computadores, realizar o acesso à *internet*, não permitir que o aluno conheça os caminhos trilhados, desenvolver atividades, em sua maioria, por meio de modelos já existentes em livros didáticos, em *software* de autoria, selecionar atividades disponíveis em *sites* da *Internet* e realizar agendamentos de horários para o laboratório.

Enfim, as funções mencionadas são funções técnicas que podem ser desempenhadas por outros profissionais que não necessariamente um docente, como exigido nas normas do município (Instrução Normativa, 2004). Acredito que se essa tarefa fosse realizada por um técnico em informática, os professores teriam a necessidade de conhecer o material com

antecedência e avaliar o que seria ou não interessante para o trabalho com o aluno no laboratório.

Por ser uma professora responsável por essa tarefa, não estou sugerindo que os demais professores não precisariam participar da seleção e elaboração do material didático a ser trabalhado. Ao contrário, acredito que esse trabalho precisa e deve ser desenvolvido de maneira colaborativa entre o professor de Língua Portuguesa e a PIE e até mesmo com a participação do maior interessado, o aluno. Mas como mencionou Fernanda, (relato no item 3.1.1), muitas vezes o professor de Língua Portuguesa deixa para escolher as atividades quando do atendimento no laboratório. Assim, ele fica conhecendo a atividade no mesmo instante que os alunos. O que sugere comodidade por parte do professor que não procura aprender a lidar com as tecnologias digitais para o trabalho no laboratório, deixando essa responsabilidade para a PIE.

Em relação ao PIE, é importante lembrar que os próprios profissionais, como mencionou Fernanda, insatisfeitos com a nomenclatura anterior “laboratorista” por sugerir a ideia de um trabalho técnico, reivindicaram uma outra denominação que os caracterizavam dentro do quadro do magistério por acreditarem que desenvolvem funções docentes no laboratório. Mas será que refletir sobre o papel que temos desenvolvido no laboratório também não faz parte de nossa função? Acredito que deveria prevalecer nossa função didático-pedagógica ao avaliar os projetos pedagógicos (PETITTO, 2003); perceber as diferentes habilidades que uma atividade pode possibilitar (PERRENOUD, 2000); difundir diferentes usos dos recursos digitais entre os membros da escola (SILVA, 2012); e compreender a importância das atividades laboratoriais, no processo educativo do aluno (PCNs, 1999). Dessa forma, as funções técnicas desse profissional ficariam em um segundo plano, uma vez que elas são necessárias para toda e qualquer função pedagógica no processo educacional.

Outra atribuição que esse profissional realiza no Laboratório de Informática Educativa é a de registrar e divulgar eventos e trabalhos realizados ou desenvolvidos pelos alunos e professores da escola, mantendo em dia essas atividades e as disponibilizando no *site* da escola. Essa tarefa é interessante por promover autorias desenvolvidas na escola e por divulgar as diferentes experiências que alunos e professores vivenciam, dentro daquele espaço educacional. Além disso, esta atividade não precisa ser designada como tarefa de um único docente. Por que não revezar essas ações entre os alunos sob a supervisão do professor? Os alunos, assim, poderiam opinar sobre o que seria interessante divulgar ou não no *site* da

escola. A escola, desse modo, estaria promovendo novas parcerias nas atividades do laboratório, oportunizando aos alunos um ambiente educativo que favoreça uma maior autonomia e realização de atividades mais participativas (PETITTO, 2003).

Orientar a entrada dos alunos no laboratório é outra função desenvolvida pelo PIE. Observando e contribuindo para essa organização, percebi que os alunos entravam correndo na sala porque queriam ocupar as cadeiras frente ao computador e realizar a atividade em primeiro lugar. Esta ação dos alunos pareceu-me rotineira, assim, era importante orientá-los para entrar educadamente no laboratório. Como estratégia, Fernanda organizava filas para uma melhor organização na entrada das turmas.

Em um primeiro momento, assustei-me com essa atitude dos alunos, mas depois compreendi que essa ação ocorria porque alguns queriam passar um tempo maior manuseando o *mouse*, por frequentarem o laboratório quinzenalmente e o tempo de uso do computador ser de apenas 50 minutos para realizar as atividades. Os alunos já entendiam que, no laboratório, os horários não eram bem gerenciados e quem ocupasse primeiramente o lugar frente ao computador, permaneceria mais tempo manuseando o *mouse*.

Vale destacar que, mesmo assim, muitos professores ainda não comparecem regularmente nas atividades no laboratório com suas turmas. Acredito que seja importante uma reflexão por parte de todos, na escola, acerca do papel do Laboratório de Informática Educativa, pois o não comparecimento dos professores ao laboratório era sempre justificado, por estarem atarefados em sala de aula. Mas as atividades no laboratório não são importantes? Então, por que ainda manter esse espaço e um professor à disposição? É importante que a escola repense sobre sua função, sobre qual o valor das atividades desenvolvidas no laboratório de informática para o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Ou ainda questione se a maneira como temos realizado as atividades tem motivado, realmente, a participação de todos nas tarefas desenvolvidas. Essa discussão pode partir também do PIE, pois é ele quem percebe primeiramente a ausência do professor. Mas, conforme relato da diretora, o professor da turma ausenta-se do laboratório e nenhuma providência é tomada para resolver essa situação.

No horário em que o professor não comparecia para participar das atividades no laboratório aproveitávamos esse tempo, para realizar outras atividades. Eu, para organizar meu diário e conhecer mais

sobre as atividades do laboratório e Fernanda, para organizar atividades ou adiantar alguma tarefa referente ao trabalho.

(Notas de campo da autora, nov. 2011)

[...] mas muitos professores não frequentam o laboratório e eu sinto pena, porque os alunos gostam muito quando vêm ao laboratório. (p. 72)

Nossa postura, em relação à ausência dos professores, pareceu-me cômoda, íamos cada uma resolver nossos problemas, enquanto deveríamos ter nos preocupado com o que não foi realizado, para que não houvesse esse descaso por parte dos professores, com o laboratório. Fernanda, em uma de nossas conversas no laboratório, afirmou sentir pena dos alunos e professores que não participavam. Mas o que fazer, para tentar amenizar esta situação? Esse meu julgamento só foi possível no momento em que estava compondo sentidos dessa experiência.

Como instrutora responsável pelo laboratório de informática não havia ausência das turmas, eu mesma ministrava as aulas, sem a presença do professor da turma, pois nas reuniões de professores da escola eu defendia que meu trabalho também era importante para o desenvolvimento dos alunos. Relato isso porque percebia que muitos professores tentavam utilizar o laboratório de informática como espaço para premiar ou punir comportamentos.

Minha função no laboratório era ensinar as funcionalidades de cada ferramenta presente nos programas que eram ensinados. Mas, para fins de entretenimento, eu também oportunizava aos alunos momentos de descontração por meio de jogos, por exemplo: jogos de sete erros, jogos da memória, quebra-cabeças. Lembro-me de que em todos esses jogos o objetivo era o de ensinar o aluno algo relacionado com meu trabalho: segurar o *mouse*, clicar e arrastar, copiar e colar, utilizar o botão direito do *mouse* e colorir fontes. Enfim, eram atividades desenvolvidas como um meio para um fim específico. Era nisso que eu acreditava ao desempenhar tal função.

Hoje, analisando meu papel de professora de informática na ONG e, tentando fazer um paralelo com essa experiência, percebo que pouco fiz de maneira a contribuir com a construção de novos conhecimentos dos alunos. Acredito que apenas propicie momentos de leitura na tela do computador, por meio de *software* de contação de histórias e substituí o

papel pelo computador quando deixava os alunos realizarem desenhos no programa *Paint*. Isto para os alunos da instituição. Para os familiares que frequentavam a instituição meu trabalho era oferecer ao aprendiz uma formação tecnológica, aprender a manusear as diferentes ferramentas para saber manusear os programas ao ingressar no mercado de trabalho. Interessante é que, somente agora, percebo que essa função é mencionada nos PCNs, 1999, como sendo também tarefa da escola para preparar o cidadão para a vida social e para o trabalho. Mesmo assim, também não oportunizei aos alunos momentos de experimentação, já que somente eu levava o material já pronto para os alunos.

Não posso negar que a atividade de realizar relatório das turmas e as avaliações que as turmas realizavam do meu trabalho ajudavam-me a buscar cada vez mais o que eu acreditava: melhorar meu trabalho com o aluno. Será que isso tem faltado na escola? Quem sabe se deixássemos o aluno avaliar o trabalho realizado no laboratório, desenvolveríamos uma outra função no laboratório de informática que não apenas a função técnica? Mas sei que minha postura também foi conteudista e que também utilizava o laboratório para fixar conceitos existentes.

Angela, ao ler sua composição percebo que seu papel no laboratório de informática da ONG era bem diferente do meu, até porque nosso laboratório é de informática educativa. Temos o dever de auxiliar o aluno para que ele desenvolva em seu processo de aprendizagem, podendo assim, construir novas aprendizagens avançando em seu processo educacional.

(Composição de sentidos de Fernanda, set. 2012)

Hoje, não acredito que meu papel como professora de informática tenha sido tão diferente das atividades do PIE, na escola, mas Fernanda não concordou com meu posicionamento. Porém, resolvi deixar o que eu havia concluído e assim passei a acreditar nela.

3.2.3 Parcerias necessárias para elaboração e execução dos projetos no laboratório, contribuindo para um trabalho colaborativo

A Instrução Normativa (2004), encaminhada pelo NTE do município prevê que cabe à PIE desenvolver projetos em parceria com os demais profissionais envolvidos no processo educativo. Mas não é essa realidade que a professora de informática vivencia. A impressão que tive é que, muitas vezes, isto se dá por escolha dela, e outras vezes, pela falta de vontade em participar dos outros professores.

Gosto de ficar criando projetos educativos, já até comprei o programa Visual Class e instalei em casa. (p. 95)

(Relato de Fernanda, 2011)

Por gostar de desenvolver os projetos e assumir sozinha essa atividade, Fernanda muitas vezes retira do professor e mesmo do aluno a oportunidade em aprender a realizar as atividades. O *software* utilizado no laboratório é um programa que possibilita a todos desenvolvê-lo, uma vez que não precisa ser um especialista em informática para realizar projetos de autoria. Fernanda, por trabalhar sozinha, perde a oportunidade de estabelecer parcerias para o trabalho desenvolvido no Laboratório de Informática (FERREIRA, 2005). Esse trabalho em parceria, segundo relato feito pela diretora da escola é necessário e possível:

[...] - Sim porque eu incentivava muitos os professores a participarem juntamente comigo, tanto é que a maioria das aulas que você encontrará disponível no computador foi desenvolvida em parcerias, você lerá: de “Fulano” desenvolvida por mim. Isto quer dizer que o planejamento é do professor e foi desenvolvida por mim. Eu preparava a aula no computador e chamava o professor para que ele pudesse ver como havia ficado, se tinha gostado, o que queria mudar e isto acabava por incentivar o professor a participar cada vez mais. Eu corria atrás dos professores, nos horários que eles estavam disponíveis e com isso eles se sentiam parte do processo. (p. 67)

Não há como discordar da diretora, porque tive a oportunidade de fazer parte dessa parceria no laboratório e acredito termos desenvolvido um bom trabalho. Exemplificando: a PIE solicitou minha ajuda quanto ao programa *Flickr* e permitiu que eu desenvolvesse os *clipes* com as fotos dos trabalhos. Em um outro momento, revezamos o acompanhamento dos alunos e professores no laboratório. Vale destacar também a criação do projeto sobre Literatura de Cordel que desenvolvemos juntas. Porém, acredito que nossa grande parceria foi quando ela a PIE permitiu que eu vivenciasse esse período no LIE, lugar em que estabelecemos diálogos constantes sobre o trabalho desenvolvido no laboratório.

Outro aspecto que vale destacar é que alguns professores já nem procuram entender o trabalho da PIE, muitos por confiar no trabalho que ela desenvolve, assim não se preocupam em conhecer, aprender ou mesmo avaliar o material que é produzido por ela, o que pode ser prejudicial.

Quanto aos projetos que desenvolvo alguns professores da escola, que eu tenho uma maior afinidade, eles estão sempre me perguntando o que podem fazer para desenvolver com seus alunos no laboratório. Eles sempre partem dos conteúdos que estão sendo ministrados em sala de aula. (p. 71)

(Relato Relato de Fernanda, 2011)

Recordando da experiência que vivenciei com a Professora de Informática Educativa, acredito que um trabalho em parceria pode oportunizar uma maior diversidade de concepções, principalmente se inserirmos, nessa proposta, os alunos. Fico imaginando que se os professores desenvolvessem seus projetos ou preparassem seu material para trabalhar no laboratório de informática, caberia à Professora de Informática Educativa auxiliar o professor para que ele pudesse desenvolver trabalhos com maior autonomia. Essa proposta poderia, também, ser estendida aos alunos, assim, o papel do PIE e dos professores de línguas seria o de orientar os alunos a desenvolverem seus próprios projetos, seus trabalhos referentes aos temas que o professor viesse a propor no laboratório. Desse modo, seria oportunizado ao aluno participar de atividades experimentais, observação e pesquisa por meio das tecnologias digitais.

3.2.4 Análise de nossa mistura de cores: a atividade desenvolvida com a PIE

Ao compor sentidos da experiência de elaborarmos juntas um projeto, acabei compreendendo algumas ações que, consciente ou inconscientemente, continuamos a reproduzir nas atividades de laboratório. Assim, discuto duas questões que, para mim, foram importantes ao observar meus textos de campo e retomar a experiência, quais sejam: “prazo para entrega das cores: o tempo na preparação dos projetos no laboratório”; e “ainda não sei que mistura pode dar - o professor aparece como figura central no processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa”.

3.2.5 Prazo para a entrega das cores: o tempo no laboratório

O prazo no laboratório para a participação e para a entrega dos projetos é determinado e retomado a todo tempo nas histórias relatadas. Assim, o tempo passa a ser um aspecto a ser discutido, nesse trabalho, a partir das histórias vivenciadas com a PIE. Em um dos relatos, a Professora de Informática Educativa explicita:

[...] às vezes acontece até de eu colocar uma aula escolhida pelo professor e a aula estar muito além ou aquém à turma e eu ter que retirá-la e substituí-la por outra qualquer, no momento da aula mesmo. (p. 70)

Inicialmente, podemos pensar que a professora tem má vontade em trocar a atividade quando isso acontece e foi isso que pensei também. Mas, convivendo melhor com a professora, percebi que este era uma desabafo e por entender que já é curto o tempo de participação dos alunos no laboratório, sempre que haver a necessidade de mudar a atividade haverá uma demora para fazer a alteração em todas as máquinas e, por isso, o aluno precisa esperar. Assim, se o professor fosse ao laboratório conhecer com antecedência a atividade a ser trabalhada, poderia aproveitar melhor o seu tempo. Neste caso, é interessante lembrar que, como mencionou Fernanda, as visitas dos alunos ao laboratório são feitas a cada 15 dias, então compreendemos que não se pode perder tempo.

[...] procuro organizar visitas quinzenais, assim todos os profissionais podem participar (...).

(Notas de campo da autora, 2011)

Pelo visto, o tempo é também um dos motivos pelos quais os alunos disputam entrar primeiro no laboratório. Porém, embora essa ação dos alunos tenha sido frequente, no instante em que participei das atividades no laboratório nenhuma ação foi tomada por nós, pela PIE ou pela professora. Pensávamos ser falta de paciência e mesmo desordem dos alunos e nenhuma atitude foi tomada. Hoje, percebo que perdemos uma oportunidade de discutir como poderíamos distribuir melhor esse tempo, no laboratório, entre as duplas de trabalho para que o aluno se sentisse mais seguro. Esse é o papel da PIE: aprender a gerenciar o tempo no laboratório como foi estudado por nós no curso de especialização.

Quanto aos prazos para entrega dos projetos que os professores solicitam ao PIE, esse profissional precisa estabelecer um prazo para elaboração ou seleção das atividades. Elaborar muitos projetos com tempo de preparação muito curto é uma questão que surge em meus textos como queixas da PIE. Daí o fato de que, muitas vezes, ela elabora os projetos em casa. Vejamos:

[...] na maioria das vezes, ela desenvolvia esses projetos em casa, alegando que naquele ambiente trabalhava melhor e com mais tempo.

[...] quis que eu tomasse conhecimento de que para esse profissional o tempo de planejamento das atividades também é muito curto, apenas um horário, como é oferecido a todos os professores.

(Notas de campo da autora, 2011)

Parece que desenvolver o trabalho em casa é uma maneira que a PIE encontrou para não sofrer muito com a pressão dos prazos. Mas, como já mencionei, ela perde a oportunidade de estabelecer as parcerias, e não possibilita aos professores e alunos aprenderem a trabalhar com os diferentes *softwares*. Frente a isso, devo afirmar que eu também passei a realizar algumas atividades em casa, devido à escassez do tempo. Fato que pode ser constatado em meu depoimento:

Realizei essa pesquisa em casa, pois no laboratório quase não tínhamos tempo livre [...].

(Notas de campo da autora, fev. 2012)

Mesmo acreditando ser curto o tempo no laboratório, não conseguimos entender que, muitas vezes, esse tempo parece mais reduzido por querermos fazer tudo no LIE. Compreendi isto melhor no instante em que iniciamos nosso planejamento juntas, eu e a PIE. Preparamos um planejamento com 18 telas, pesquisamos sobre o tema, ou seja, desenvolvemos ações que poderiam ser desenvolvida pelos alunos.

3.2.6 Ainda não sei que mistura pode dar - o professor como figura central no processo de ensino-aprendizagem

A concepção de laboratório adotada por mim, nesse trabalho, foi de espaço em que o aluno participa de atividades as quais possa experimentar tendo a oportunidade de observar. Mas, a partir das análises que fizemos em nosso planejamento e que denomino de “Aprendendo a misturar as cores: participando de um planejamento”, observei que essa oportunidade, embora tenha acontecido, ela foi dada a nós, Professores de Informática Educativa e não ao aluno.

No decorrer desse processo de realização do planejamento, aprendemos muito em relação à Literatura de Cordel. Mas, ao final, percebi que ao aluno não foi dada a oportunidade dessa aprendizagem, ele apenas respondeu às questões que havíamos disponibilizado a ele no laboratório. Quem de fato aprende no laboratório? Nesse caso, concluí que fomos nós, ao prepararmos o projeto para os alunos. A meu ver, continua sendo o professor aquele que mais aprende ao ter acesso às variadas fontes de informação e pesquisa. E isso faz com que nós – professores - ainda continuamos a ser o detentor do saber. Isto pode ser confirmado a partir dos excertos a seguir, retirados de meu diário:

O varal de imagens, apresentado na Figura 39 foi colocado porque essa é uma característica das exposições da literatura de cordel [...].

Xilogravura... técnica de origem medieval e aqui no Brasil se desenvolveu na literatura de cordel (LOPES, 2007).

Essas informações não estavam disponíveis para o aluno em nenhuma das telas, tivemos acesso a elas ao prepararmos o projeto. Diante disso, percebo que nós professores estamos sonegando informações ao aluno e, ainda, afirmando que ele está inserido em um mundo cheio de informações por meio do acesso às tecnologias digitais. Essas reflexões podem ser comprovadas no poema, a seguir:

*Será que realmente tenho preparado
o aluno para pintar suas próprias telas?
Eu me pergunto.
Que professor tenho sido?
Aquele que encoraja o aluno a misturar cores?
De que realmente tenho medo?
E se o aluno superar o mestre?*

(Composição de sentido da experiência, autora, nov., 2012)

Nós, os professores, afirmamos sempre que estamos trabalhando em nossas aulas para que o aluno se torne mais autônomo, mas como isso é possível a partir das atividades de repetição que lhe proporcionamos? Ser autônomo é questionar paradigmas como proposto por Sandoval e Cudmani, (1992), ou mesmo explorar o mundo, conforme afirma Dewey (2010). Quantas oportunidades de reflexão e diálogos tivemos oportunidade de estabelecer, eu e a professora de informática, quando estávamos desenvolvendo o projeto! Foi para nós um processo rico de aprendizagem, porém, qual foi o espaço de criação que oportunizamos aos alunos com esse projeto?

*Olhando para aquela quantidade de cores
Comecei a imaginar,
Que bom, posso mesmo pintar,
utilizando as cores que melhor
eu desejar e, meu aluno?
Que cor quer usar...Ou será que prefere misturar?*

(Notas de campo da autora, segundo semestre 2012)

O aluno, a partir de nosso projeto, continuará a reproduzir os conteúdos ensinados pela escola. Esses foram alguns sentidos que compus dessa experiência. É evidente que, a partir das histórias que contei nesta dissertação, você, leitor, irá querer compor outras tantas. Mas deixarei ao seu critério e pode acreditar que sua tela não será parecida com a minha, mesmo partindo das mesmas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Capítulo final, apresento a imagem de minha tela, agora já não mais em branco. Esta ainda precisará de alguns retoques que acredito virá após a sua leitura e mesmo após o meu distanciamento dessa experiência. Neste momento, retomo meus objetivos, as questões de pesquisa, relatando minhas limitações para desenvolver o trabalho. Ao iniciar esta dissertação, objetivava pintar uma paisagem, como mencionei, não sabia ao certo, o que pintaria. Por isso, trabalhei, no decorrer deste estudo com a metáfora da Tela em Branco na intenção de dizer que havia um cenário - o laboratório – mas que precisava definir cores, formas, traçados, enfim, nada estava definido como acreditei inicialmente. Assim, tracei objetivos e algumas poucas perguntas as quais retomo, já esclarecendo que finalizo este trabalho com mais perguntas do que respostas.

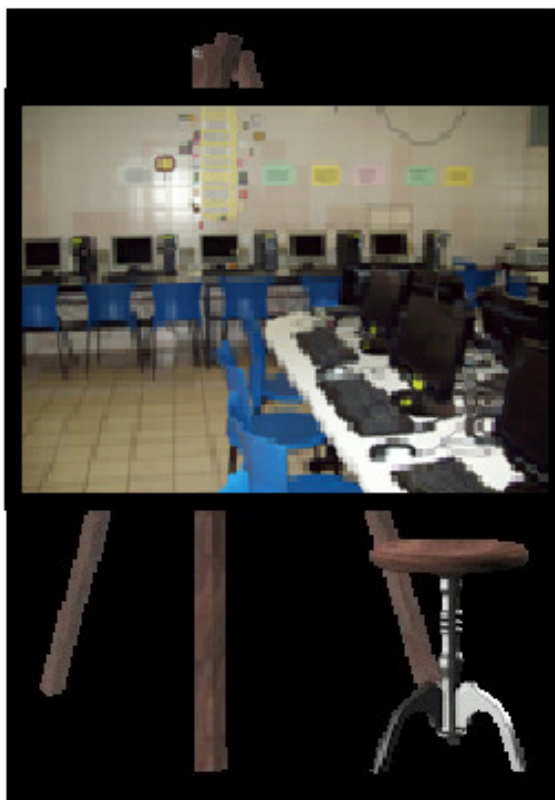


Figura 60 - Ilustração pintura quadro final
Fonte - Elaborado pela autora, dez. 2012.

Tive como objetivo geral, nesta dissertação, descrever e analisar as ações desenvolvidas pela “laboratorista” no laboratório de informática de uma escola municipal, em uma cidade do Triângulo Mineiro. Como objetivos específicos, procurei;

- descrever e analisar as atividades desenvolvidas por uma “laboratorista” em uma escola pública;
- narrar e analisar o processo vivenciado pela “laboratorista” ao elaborar as atividades para as aulas de língua portuguesa da escola;
- narrar e analisar minha participação no laboratório, como auxiliar voluntária da “laboratorista”.

As perguntas de pesquisa que nortearam esta pesquisa foram:

- Quais são as práticas desenvolvidas por uma “laboratorista” na escola pública municipal?
- Como se dá o processo de elaboração das atividades de ensino-aprendizagem de língua portuguesa pela “laboratorista”?
- Qual o meu papel no laboratório, e como ele foi vivenciado durante minha experiência com a “laboratorista”?

Acredito ter alcançado meus objetivos, pois procurei descrever todas as ações que aconteceram no interior do laboratório. Quanto às minhas perguntas, ressalto que são muitas as práticas desenvolvidas pela Professora de Informática Educativa e estas podem ser categorizadas como práticas técnicas, administrativas e pedagógicas. Dessa forma, ela organiza o espaço do laboratório para que alunos e professores possam frequentá-lo, elabora e seleciona atividades pedagógicas, possibilita meios para que o trabalho com as tecnologias digitais aconteçam na escola, estimula a participação de todos no Laboratório de Informática, monitora a frequência dos professores no laboratório, auxilia nas atividades com alunos, atualiza o *site* da escola, dentre outras funções.

O processo de elaboração das atividades é feito a partir de busca de materiais e informações de *sites* na *internet*. Toda elaboração é realizada pela PIE e de acordo com modelos de atividades apresentadas nos livros didáticos de Língua Portuguesa. São selecionados, também, modelos de atividades de *sites* da *internet*, o que não significa ir além dos modelos já mencionados. As concepções práticas que permeiam o trabalho da PIE é a de concepção de laboratório para ilustrar teoria. Infelizmente, com todo esse laboratório que é a *internet*, ainda não conseguimos nos desprender dos modelos encontrados nos livros didáticos. O que não considero ruim, mas como podemos avançar às propostas dos livros? O

que, além disto, pode acontecer em um espaço determinado para experimentação e pesquisa com e sobre a língua? Como desenvolver propostas realmente inovadoras para o ensino da Língua Portuguesa na escola? Como aproveitar melhor o tempo de elaboração e preparação de atividades no Laboratório de Informática?

Inicialmente, vivenciei meu papel como auxiliar voluntária mais como observadora e aprendiz do que participante ativa do trabalho da professora. Isto por duas razões. Primeiro, por não me sentir a vontade para opinar e segundo porque, para emitir minha opinião, seria preciso conhecer o que era desenvolvido no laboratório. Na maioria das vezes, senti-me muito incomodada com meu papel, mas confesso que pouco fiz para melhorar essa situação de desconforto. Esperava que a PIE solicitasse minha presença, permanecia-me quase invisível.

Após algum tempo, fui sentindo-me mais confiante e finalizei o trabalho como uma integrante do laboratório. Mas uma integrante que questionava muito, e que permaneceu pouco fazendo a não ser que solicitada. Mesmo assim, eu e a PIE formamos uma parceira.

No decorrer desse estudo, passei por muitas limitações. A maior delas aconteceu por minha falta de intimidade com a escrita de textos acadêmicos, mas nem por isto deixei de me expor e, por não me omitir, acabei por aprender como descrevo abaixo:

*mesmo tendo cursado Letras
descobri não saber me dispor de regras
básicas para bem escrever
quantas dificuldades com a vírgula,
coerência e coesão.
Porém meus versos
não me deixaram na mão.*

(Notas de campo da autora, segundo semestre 2012)

Ressalto também minhas limitações na pesquisa pelo fato de que poderia ter participado mais vezes, durante a semana, das atividades no laboratório. Assim eu poderia ficar mais próxima dos professores e alunos, prepararia outras atividades junto a PIE. Sinto que deveria ter aproveitado para discutirmos mais sobre o projeto que elaboramos e realizado a análise dos textos de campo de uma forma mais próxima da professora.

Minha composição dos textos de campo baseou-se na minha compreensão daquilo que entendi ser a Pesquisa Narrativa. Confesso que ainda preciso fazer muitas leituras sobre a

Metodologia que escolhi, entender melhor seu processo, tanto de descrever como de compor os textos. Outro fato que ainda não está muito claro é que preciso entender melhor a seguinte questão: a quem pertence as histórias que relato em meu trabalho? Serão realmente minhas? Sei que poderia ter explorado outras maneiras para compor sentidos a partir dos meus textos de campo que não somente os poemas. Mas foi por meio dos poemas compostos que me senti, verdadeiramente, autora desta tela.

Quanto à metáfora que escolhi para escrever meu trabalho “Tela em Branco”, pode ser que muitos venham compará-la à metáfora freiriana da “Tábua rasa”. Mas tenho consciência de que levei para essa experiência com a professora muitas experiências anteriores, como mencionei no decorrer desse trabalho. Mas a menção à Tela em Branco se deu por uma tentativa de tentar esvaziar-me dos preconceitos que eu tinha sobre o trabalho no laboratório. Assim, não me considerei uma “tela em branco”, mas precisei considerar a escrita do meu trabalho como preenchimento de páginas em branco para não tirar conclusões precipitadas quanto ao trabalho desenvolvido pela professora e, também, por ter tantas ideias e opções e não ter algo de concreto para escrever.

Outra limitação a qual me deparei foi descobrir que oficialmente não existe uma legislação específica que trata sobre a presença ou não dos laboratórios didáticos, no âmbito escolar. O que encontrei foram normatizações quanto à utilização e instalações dos ambientes. Assim sendo, continuo a me questionar: quem determinou ser este o local em que devem acontecer as atividades experimentais na escola?

Esta experiência com a Professora de Informática Educativa proporcionou-me um aprendizado sobre o fazer naquele espaço e sobre mim, em especial. O vivenciar dessa experiência permitiu-me perceber em mim uma arrogância de querer “consertar” o trabalho da escola, e de pensar que o trabalho que acontece não é um trabalho válido para o processo de ensino-aprendizagem. Hoje, acredito que estamos em um processo constante de aprendizagem, não somos seres acabados, podemos sempre aprender com o outro e, a partir do trabalho que o outro desenvolve.

Como pesquisadora iniciante, ou, como me denominei nesse trabalho, artista plástica iniciante, percebi que o trabalho desenvolvido pela PIE da forma como está sendo realizado não oportuniza ao aluno a construção de novos conhecimentos. Mas, é válido dizer que, pelo menos o laboratório não está fechado, como um espaço para amontoar máquinas, os alunos frequentam o ambiente. É certo que ainda há muito a fazer, mas já é um princípio. Aprendi

com a professora e ela comigo e, sobretudo, aprendi o que é ser autor, sem utilizar simplesmente as teclas “copiar e colar”.

Esse estudo fez-me compreender a necessidade de uma Formação Docente Técnica aos professores, para que tenham maior confiança ao desenvolver um trabalho em laboratório. Porém, essa formação não se deve limitar a um número reduzido de professores. Sendo assim, os professores terão a oportunidade de perceber que as tecnologias digitais não são “bichos de sete cabeças” e que também não existem receitas prontas para a realização de atividades, mas possibilidades de um trabalho experimental com pesquisa que pode proporcionar novas construções aos envolvidos.

A partir dessa dissertação, outros temas podem ser aproveitados para discussões futuras, questões como a elaboração de atividades para o Laboratório de Informática, a postura dos professores frente ao trabalho com tecnologias digitais, o que o aluno tem a dizer sobre o trabalho que é desenvolvido no Laboratório de Informática, o questionamento de diferentes papéis que cada envolvido no processo de ensino-aprendizagem podem exercer no laboratório, dentre outros.

Quanto às concepções de laboratório apresentadas neste trabalho, é importante ressaltar que elas podem auxiliar o professor a desenvolver atividades que de fato façam o aluno avançar em seu processo educacional. Acredito que enquanto os profissionais perceberem o laboratório como sendo um espaço físico, este terá a possibilidade de se tornar ultrapassado, mas se adotarmos uma concepção de laboratório como sendo o que se faz e o que se produz nos espaços, teremos, sim, mais condições de nos adaptarmos às mudanças que por ventura possam acontecer.

Esta dissertação poderá contribuir para reflexões acerca do papel pedagógico desse novo profissional que se insere nas atividades da escola e ainda sobre o que um laboratório didático na escola pode oportunizar, especificamente em relação ao ensino de línguas, a partir das concepções presentes nos materiais didáticos preparados ou selecionados para o processo de ensino-aprendizagem.

Termino esta dissertação com a ligeira sensação de que o fim trata-se apenas do começo de novas telas que estão por vir, não somente minhas, mas nossas.

REFERÊNCIAS

ARANTES, T. G. **EBA! Educação com base em artes: cenas de uma experiência de aprender a ensinar com a linguagem da arte** - 2009. 221 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística ILEEL - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009.

BELINE, W. **Contradições emergentes entre proposta e implementação da informática na educação paranaense: análise das falas dos assessores pedagógicos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2006.

BENINI, M. B. C. **Laboratório de ensino de matemática e laboratório de ensino de ciências: uma comparação**. 2006. 181f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

BRANDÃO, A. C. de L. **Shall we dance?** Colaboração e histórias do processo de busca por parceiros de tandem. 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – ILEEL, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

BRASIL. Tecnologia da comunicação e informação. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. **Secretaria da Educação Fundamental** – MEC/ SEF, Brasília, DF, 1998. p. 133 – 157.

_____. Lei nº. 9394, 20 de dezembro de 2007. **Lex: Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDBEN)**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. MEC/ SEM, Brasília, DF, 1999. p. 121 – 136.

_____. Ministério da Educação. Programa Nacional de Informática na Educação – PROINFO. Brasília, DF, MEC/ SEED, jul. 1997. Disponível em: <<http://www.proinfo.gov.br>>. Acesso em: 15 nov. 2010.

BRITO, M. A. C. de. **O uso dos computadores nos laboratórios de informática educativa na rede estadual de Goiânia: limites e possibilidades do ambiente CYBER**. 2008 f.. 124. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

CHAMBERS, A. BAX, S. **Towards normalisation**. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0346251X06000819>>. Acesso em: 30 set. 2011.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative Research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000. 211 p.

CONNELLY, M ; CLANDININ, D.J. **Narrative Inquiry**. Complementary Methods for Research in Education. 3rd Edition, Washington: American Educational Research Association, 2004.

CRUZ, J. B. da. **Experiência de laboratório**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009. 104 p.

CYSNEIROS, P.. G. Novas tecnologias no cotidiano da escola. In: REUNIAO ANUAL ANPED, 23, 2000, Caxambu, MG. **Resumos**. Set. 2000. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=111:novas-tecnologias-no-cotidiano-da-escola&catid=7:informatica&Itemid=18>. Acesso em: 23 out. 2011.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. Tradução de Renata Gaspar. Petrópolis: Vozes, 2010.

DIAS, N. **Histórias de formação de professores de língua estrangeira em contexto de Tandem**. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

DUTRA, A. de F. **O professor orientador de informática educativa – POIE** das escolas do município de São Paulo. 2010. p. 128. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade. de São Paulo, São Paulo, 2010.

ELY, M.; VINZ, R.; DOWNING, M.; ANZUL, M. **On writing qualitative research: living by words**. London on Philadelphia: Routledge Falmer, 2001. 411p.

FERREIRA, V. A. **Informática e projetos educativos: desafios, possibilidades e limites**. 2005. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Campo Grande, 2005.

GOULART, C. A. **Formação de professores para o uso de computadores**. 2008. 111, f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Uberaba. Uberaba, 2008.

FRANCO, C. de P. A tecnologia no ensino de línguas: do século XVI ao XXI. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa**, Linguística e Literatura, n. 12, 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, M. de M. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Moderna, 2009.

LANCIOTTI, J. S. **Las prácticas de física básica en laboratorios universitarios**. 1994. Tesis (Doctoral) - Departament de Didàctica de les Ciències Experimentals, Universitat de València, Espanha, 1994.

LIMA, C. P. **As ideias de professores formadores do PROINFO/RN sobre o uso dos recursos informáticos no contexto do processo formativo em questão**. 2004. 220 f. Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação Dissertação (Mestrado em) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

LOPES, J. J. **A introdução da informática no meio escolar**. Disponível em: <www.clubedoprofessor.com.br/artigos/artigojunio.htm>. Acesso em: 23 set. 2011.

LOPES, M. **Literatura de Cordel: xilogravuras temas e ensino**. Disponível em: <<http://blog.teatrodope.com.br/2007/05/09/literatura-de-cordel-xilogravura-temas-e-ensino>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2006. p. 133 - 173.

MELLO, D. **Viajando pelo interior de um ser chamado professor**. 1999. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - LAEL, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **Histórias de subversão do currículo, conflitos e resistências: buscando espaço para a formação do professor na aula de Língua Inglesa do Curso de Letras**. 2004. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística) - LAEL, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. Pesquisa Narrativa: fenômeno estudado e método de pesquisa. In: ROMERO, (Org.). **Autobiografias na (re)constituição de identidades de professores de línguas: o olhar crítico-reflexivo**. Campinas: Pontes Editores, 2010. p. 171-187 (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 3).

MOREIRA, F. H. S. Evolução do computador no ensino de línguas. **Revista Letras**, Curitiba, n. 59, p. 281-290, jan./jun. 2003.

OLIVEIRA, E. M. **Formação continuada de professores em informática educativa no sistema de ensino de Vitória: construindo práticas para a inserção na sociedade do conhecimento?** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Vitória – ES, Vitória, 2005.

OLIVEIRA, R. de O. **Informática Educativa: dos planos discursivos a sala de aula**. Campinas: Papirus, 2006.

PAIVA, V. L. M. de O. e. A www e o ensino de inglês. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Maceió: EDUFAL, v. 1, n. 1, 2001. p. 93-116.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

PETITTO, S. **Projetos de trabalho em informática: desenvolvendo competências**. Campinas: Papirus, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Instrução Normativa**. Secretaria da educação. 2004. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

PROGRAMA - PROINFO. **Bases do Programa Nacional de Informática na Educação**. Disponível em: <<http://www.proinfo.mec.gov.br/artigos.html>>. Acesso em: 5 ago. 2010.

POSSOBOM, C. C. F.; OKADA, F. K.; DINIZ, R. E. S. **Atividades práticas de laboratório no ensino de biologia e de ciências**: relato de uma experiência - Núcleos de ensino. São Paulo: UNESP, 2003. Disponível em:

<http://200.189.113.123/diaadia/diadia/arquivos/Image/conteudo/artigos_teses/2011/biologia/artigos/atividades_praticas.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2012.

RICHARDS, J. C. RODGERS, T. S. The audiolingual method . In: **Approaches and methods in language teaching**: a description and analysis. Cambridge: University Press, 1993. p. 44 – 63.

SANDOVAL, J. S. ; CUDMANI, L. C. Los laboratorios de física de ciclos básicos iniversitários instrumentados como procesos coletivos de insvetigacion. **Enseñanza de física. Asociassion de profesores de La física de La Argentina**. v. 5, n. 2, 1992.

SANTOS, E. T. dos. **O jovem na tela, a tela na escola**: contribuições e limites da monitoria de informática em uma escola pública. 2007, Dissertação (Mestrado em educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, PUC Minas. Educação 2007.

SILVA, C.C. e. Interdisciplinaridade, **planejamento e as histórias de duas professoras de inglês**: vamos dialogar? 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SILVA, G. F. da. **O perfil do professor coordenador de laboratório de informática**: A práxis na rede pública municipal de Juazeiro – BA. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação: currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

TELES, J. A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. São Paulo, **Linguagem e Ensino**, 2002. V.5, n. 2 p. 91 – 116, 2002.

_____. A trajetória narrativa. In: GIMENEZ, T. (Org.). **Trajetórias na Formação do Professor de Línguas**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2002.

_____. Reflexão e identidade profissional do professor de LE: Que histórias contam os futuros professores? In: Revista. **Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 4, n. 2, p.57-83, 2004.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO. Orientador tecnológico. Disponível em: <<http://www.cted.educacao.rj.gov.br/>>. Acesso em: 15 out. 2012.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO. Professor de tecnologia. Disponível em: <www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/escola-net.php>. Acesso em: 15 out. 2012.

VALENTE, J. A. **Por que o computador na Educação**. Em "Computadores e conhecimento - repensando a Educação". Editado por José Armando Valente. Campinas: Gráfica Central da UNICAMP. 1993.

_____. **Visão analítica da informática na educação no Brasil:** a questão da formação do professor. 1997. Disponível em:
<<http://www.professores.uff.br/hjbortol/car/library/valente.html>>. Acesso em: 15 set. 2011.

_____. **O computador na sociedade do conhecimento.** Campinas: Unicamp, 1999.
ZAPPAROLI, F. V. D. **Um estudo sobre a função do técnico de laboratório didático de ciências.** 2005. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

ANEXOS

Anexo 1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa HISTÓRIAS DE LABORATÓRIOS. LABORATORISTA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, sob a responsabilidade dos pesquisadores Angela Márcia da Silva, aluna do curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia –UFU, e da Prof. Dra. Dilma Maria de Mello, do Instituto de Letras e Linguística, desta mesma instituição. Com esta pesquisa pretendemos descrever e analisar as ações desenvolvidas pelo “laboratorista” no laboratório de informática de uma escola municipal em uma cidade do Triângulo Mineiro. Mais especificamente pretendemos, a) narrar e analisar a prática desenvolvida por uma “laboratorista” em uma escola pública; b) descrever e analisar o processo da “laboratorista” para elaborar as atividades realizadas no laboratório da escola; c) narrar e analisar minha participação no laboratório, como uma auxiliar voluntária da professora de informática educativa.

Na sua participação você irá colaborar me deixando participar das atividades desenvolvidas no laboratório de informática da escola. No decorrer do processo observarei as aulas, contribuindo com o trabalho que é realizado no laboratório. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os riscos de sua participação nesta pesquisa podem se relacionar a sua possível identificação, mas a partir dos procedimentos de sigilo de sua identidade que serão adotados durante toda a pesquisa, tudo será feito para a preservação de sua identidade, mantendo assim seu anonimato absoluto enquanto participante desta pesquisa. Os benefícios de sua participação nesta pesquisa serão a possibilidade de refletir acerca do processo do trabalho realizado em um laboratório de informática assim como, o papel do profissional que atua nesse espaço da escola. Você é livre para parar de participar a qualquer momento sem nenhum prejuízo para o senhor(a). Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o senhor(a). Qualquer dúvida a respeito da pesquisa o senhor poderá entrar em contato com:

Pesquisadores:

Angela Márcia da Silva

Endereço: Avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco J, Campus Santa Mônica –

Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394531

Prof. Dra. Dilma Maria de Mello

Endereço: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco J, Campus Santa Mônica – Uberlândia

–MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394531

Uberlândia, dede 2011.....

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido

Participante da pesquisa